



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO DA FAGED  
LINHA: HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO  
EIXO: HISTÓRIA, MEMÓRIA E PRÁTICAS CULTURAIS DIGITAIS**

**CRISTINE BRANDENBURG**

**BIOGRAFIA DE JOSEF UMANN: MEMÓRIAS E CONTRIBUIÇÕES  
EDUCACIONAIS DE UM IMIGRANTE ALEMÃO EM TERRAS BRASILEIRAS  
(03/11/1850 - 13/08/1927)**

**FORTALEZA**

**2015**

CRISTINE BRANDENBURG

BIOGRAFIA DE JOSEF UMANN: MEMÓRIAS E CONTRIBUIÇÕES  
EDUCACIONAIS DE UM IMIGRANTE ALEMÃO EM TERRAS BRASILEIRAS  
(03/11/1850 - 13/08/1927)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. José Rogério Santana

Coorientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Lia Machado Fiuza Fialho

FORTALEZA

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca de Ciências Humanas

---

B82b

Brandenburg, Cristine.

Biografia de Josef Umann : memórias e contribuições educacionais de um imigrante alemão em terras brasileiras (03/11/1850 - 13/08/1927) / Cristine Brandenburg. – 2015.  
160 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2015.

Área de Concentração: Educação.

Orientação: Prof. Dr. José Rogério Santana.

Coorientação: Profa. Dra. Lia Machado Fiuza Fialho.

1. Umann, Josef, 1850-1927 – Contribuições em educação. 2. Alemães – Linha Cecília(Venâncio Aires, RS) – Biografia. 3. Imigrantes – Linha Cecília(Venâncio Aires, RS) – Biografia. 4. Narrativas pessoais. 5. Linha Cecília(Venâncio Aires, RS) – Condições sociais. 6. Linha Cecília(Venâncio Aires, RS) – Condições econômicas. I. Título.

CDD 920.9305906912

---

CRISTINE BRANDENBURG

BIOGRAFIA DE JOSEF UMANN: MEMÓRIAS E CONTRIBUIÇÕES  
EDUCACIONAIS DE UM IMIGRANTE ALEMÃO EM TERRAS BRASILEIRAS  
(03/11/1850 - 13/08/1927)

Dissertação apresentada à coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do Título de Mestre. Do Núcleo História e Memória da Educação- NHIME. Eixo: História e Memória e Práticas Culturais Digitais.

Aprovada em: 26 /03/2015.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. José Rogério Santana (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lia Machado Fiuza Fialho (Coorientadora)  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

---

Prof. Dr. Charliton José dos Santos Machado  
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

---

Prof. Dr. Rui Martinho Rodrigues  
Universidade Federal do Ceará (UFC)



Aos meus pais Cláudio e Elza Brandenburg, aos meus pais do coração Paulo e Soraya Vasconcelos, que sempre compartilharam os meus sonhos e desalentos, vitórias e derrotas, alegrias e tristezas e sempre me incentivaram a prosseguir, mesmo que, às vezes distantes fisicamente, mantiveram-se ao meu lado, para os quais eu dedico este momento e o meu amor.

## AGRADECIMENTOS

“Tudo posso naquele que me fortalece”: a Deus, aquele que com amor ouve os nossos pedidos e, muitas vezes, deixamos de agradecer. Obrigada, Senhor, pelas bênçãos em minha vida, por nas horas tristes estar ao meu lado como um professor observando o aluno em silêncio na prova.

Ao professor Doutor José Rogério Santana, que vem acompanhando e colaborando com o meu crescimento acadêmico e profissional, pela oportunidade de aperfeiçoamento. Obrigada, professor querido, hoje descobri que os melhores mestres não são aqueles que nos dão a resposta, mas sim aquele que nos ensinam a questionar. Jamais me esquecerei de quem me ensinou a criticar, a duvidar, a pensar e a sonhar.

À professora Doutora Lia Machado Fiuza Fialho, amiga, irmã de coração, que me incentiva e articula maneiras para fomentar o meu desenvolvimento intelectual contínuo. Obrigada, companheira de confissões, por estar junto comigo sofrendo a cada etapa vencida e dividindo as alegrias. Obrigada pelas palavras certas nas horas incertas, pela cumplicidade, pelas lágrimas, pela risada, por se fazer ouvinte atenta, pelo tempo dispensado a mim, pelo ombro e pelos momentos partilhados. *“Calma, Tudo vai dar certo.”*

Aos professores Dr. Charliton José dos Santos Machado e Dr. Rui Martinho Rodrigues que aceitaram o meu convite para participar desta banca, fosse pela colaboração e por suas sugestões de forma acessível.

Ao Hugo Umann e à Hilda Agnes Hübner Flores que com toda a paciência dedicaram seu tempo com carinho na busca de fatos, dados e memórias, que muitas vezes se transformavam em doces lembranças, para contribuir com a pesquisa. O meu eterno agradecimento.

A todos os colegas e amigos que foram companheiros de jornada, com quem compartilhei diversos momentos alegres e momentos de dificuldades, que tornaram minha caminhada mais agradável. Em especial Ana Karla Paz Bezerra, Thânia Gorayeb Sucupira, Karla Colares Vasconcelos e Miriam Viviane Baron que sempre me auxiliaram na minha jornada acadêmica.

À família, tão amada e querida, os irmãos Guilherme, Daniel, Jeane, Leonardo, meus pais Cláudio, Elza, Soraya e Paulo, as cunhadas Laura, Daiane e Amanda e meu noivo Antônio Luiz que forneceram apoio e compreensão sempre que se fez necessário. Peço que me perdoem pela ausência, que muitas vezes se fez indispensável para a realização do sonho

de ser Mestre. Gostaria que os seus corações ouvissem um simples e sincero obrigado! Nesta grande batalha acreditem a vitória também é de vocês. Obrigada pela paciência. Amo vocês.

“Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, se não tivesse Amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine. E ainda que tivesse o dom da profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse Amor, nada seria. E ainda que distribuísse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, se não tivesse Amor, nada disso me aproveitaria. O Amor é paciente, é benigno; o Amor não é invejoso, não trata com leviandade, não se ensoberbece, não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal, não folga com a injustiça, mas folga com a verdade. Tudo tolera, tudo crê, tudo espera e tudo suporta. O Amor nunca falha. Havendo profecias, serão aniquiladas; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, desaparecerá; porque, em parte conhecemos, e em parte profetizamos; mas quando vier o que é perfeito, então o que é em parte será aniquilado. Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, discorria como menino, mas, logo que cheguei a ser homem, acabei com as coisas de menino. Porque agora vemos por espelho em enigma, mas então veremos face a face; agora conheço em parte, mas então conhecerei como também sou conhecido. Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; mas o maior destes é o Amor”. (Carta de Paulo a 1º Coríntios 13).

## RESUMO

Esta pesquisa questiona como Josef Umann contribuiu para o desenvolvimento econômico, social e educacional da comunidade de Linha Cecília, situada na cidade de Venâncio Aires, no estado do Rio Grande do Sul. O objetivo foi biografar Josef Umann, retirante alemão que imigrou para o Brasil, na segunda metade do século XIX, em decorrência da crise europeia desencadeada a partir do processo de industrialização, ressaltando o contexto econômico, social e educacional da comunidade de Linha Cecília. Esse escopo foi contemplado por intermédio das narrativas orais de Hugo Umann, Norma Jaeger, Nilda Umann, respectivamente, neto, bisneta e nora de Josef Umann, Hilda Agnes Hübner Flores, historiadora sobre o tema imigração Alemã no Rio Grande do Sul, adquiridas com a metodologia da história oral temática complementada com outras fontes documentais e imagéticas como: atas, fotografias, lápides de túmulos, peças de museus, poesias, livros e demais suportes acessados ao longo da pesquisa. O argumento preliminar consistiu em considerar que Josef Umann foi um imigrante e colonizador de Linha Cecília que muito contribuiu para seu desenvolvimento, percussor no fomento a leitura e educação. A análise dos dados foi realizada mediante: a transcrição das entrevistas gravadas em equipamento digital, transcrição e validação; a análise documental; e a confrontação dos resultados da pesquisa com a história oficial. Os achados deste demonstram a importância de Josef Umann na comunidade de Linha Cecília no cunho educacional, econômico e social. O tema da imigração no Brasil já foi muito discutido, entretanto, permear o processo de integração na cultura, educação e identidade do povo “brasileiro” ainda merece ser uma singular fonte de estudos e pesquisa.

**Palavras-chave:** Biografia. Educação. Cultura. Imigrante. Colonização.

## ABSTRACT

This research asks how Josef Umann contributed to the economic, social and educational development of Cecilia line community, in the city of Venancio Aires, in the state of Rio Grande do Sul. The objective was biografar Josef Umann, German migrant who immigrated to Brazil in the second half of the nineteenth century, due to the European crisis triggered from the industrialization process, highlighting the economic, social and educational context of Cecilia line community. This scope was awarded through the oral narratives of Hugo Umann, Jaeger Standard, Nilda Umann, respectively, grandson, granddaughter and daughter of Josef Umann, Hilda Agnes Hübner Flowers, historian of the German immigration theme in Rio Grande do Sul, acquired with the methodology of oral history complemented by other documentary and image sources as: minutes, photographs, gravestones, museum pieces, poems, books and other media accessed during the research. The primary argument was to consider that Josef Umann was an immigrant and settler Cecilia line that greatly contributed to its development, precursor in promoting reading and education. Data analysis was performed by: a transcription of the interviews recorded in digital equipment, transcription and validation; document analysis; and the comparison of survey results with the official story. The findings of this demonstrate the importance of Josef Umann Cecilia in line community in the educational , economic and social nature . The immigration issue in Brazil has been much discussed , however, permeate the process of integration into the culture, education and identity of the people " Brazilian" still deserves to be a natural source of studies and research.

**Keywords:** Biography. Education. Culture. Immigrant. Settlement.

## **LISTA DE ABREVIATURAS SIGLAS**

FENACHIM	Festa Nacional do Chimarrão
RS	Rio Grande do Sul
SC	Estado de Santa Catarina
SCS	Santa Cruz do Sul
UNISC	Universidade de Santa Cruz do Sul
VA	Venâncio – Aires

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	– Comemoração de amigo secreto Natal/2013 família Cristine Brandenburg .....	27
Imagem 2	– Hugo segurando a sua flauta com meu pai Cláudio .....	29
Imagem 3	– Documento de solicitação de transferência de peças e documentos museológicos de Josef Umann do museu Mauá para o museu de Venâncio Aires .....	31
Imagem 4	– Capa do livro Memórias de um Imigrante Boêmio – Josef Umann .....	33
Imagem 5	– Primeiro livro sobre Josef Umann no idioma alemão Lebenslauf don Josef Umann und zugleich Entmicklungsgefchichte der Linha Cecília Mun. Venâncio Aires. Santa Cruz do Sul: Lamberts & Riedel, 1937 .....	34
Imagem 6	– Hugo Umann, em 11 de janeiro 2014, sob uma pereira e um parreiral de uvas, com seu caderno de anotações de uma vida inteira .....	34
Imagem 7	– Filhos de Alfredo Umann, netos de Josef Umann, ainda crianças trabalhando com plantação de fumo .....	36
Imagem 8	– Rótulo de cachaça dos Irmãos Umann .....	40
Imagem 9	– Parte da família de coração em Fortaleza; a primeira Gutencilda Colares de Vasconcelos, eu Cristine, Amanda Pinheiro e Soraya Gondim Vasconcelos .....	42
Imagem 10	– Almoço de confraternização de Pascoa na primeira fila Claudio Brandenburg, Jeane Brandenburg, Laura Roos, Elza Brandenburg, Daiana Lopes, Daniel Brandenburg. Na segunda fila eu Cristine, Matheus Roos, Gilberto Roos, Ângela Roos e Guilherme Brandenburg ..	44
Imagem 11	– Fogão a lenha .....	44
Imagem 12	– Mala de madeira que pertenceu a Olinda Brandenburg .....	45
Imagem 13	– Balsa de travessia de Porto Alegre – RS no Rio Guaíba .....	45
Imagem 14	– Três navios da esquadra de Dom Pedro I e Dona Leopoldina que trazia os imigrantes da Alemanha para o Brasil no porto do Rio de Janeiro .....	46
Imagem 15	– Terras de Josef Umann em 1900 .....	46
Imagem 16	– Terras de Josef Umann em 1922 .....	47
Imagem 17	– Casa de Josef Umann em 1942 .....	47
Imagem 18	– Sociedade de Canto Jovialidade Frohsinn de Linha Alto Sampaio 1892..	48



Imagem 19	– Josef Umann .....	48
Imagem 20	– Pauline Umann 1a esposa .....	49
Imagem 21	– Caroline e Josef Umann 2a esposa .....	50
Imagem 22	– Casamento de Alfredo Umann e Florentina Luiza Wunsch .....	51
Imagem 23	– Família de Alfredo Umann .....	51
Imagem 24	– Casamento de Olinda e Wilibaldo Brandenburg .....	52
Imagem 25	– À esquerda, a Igreja Católica da Paróquia São Sebastião Martín, fundada em 1884 e, ao lado, a mesma, em foto comparativa atual .....	53
Imagem 26	– Comunidade Evangélica de Confissão Luterana do Brasil fundada em 1884, sua vista, à época, bem como a anotação feita por Josef .....	53
Imagem 27	– Comunidade Evangélica de Confissão Luterana do Brasil. Novo templo inaugurado em 1982, como mostra foto da igreja atual .....	54
Imagem 28	– Berço confeccionado por Josef Umann para seus filhos .....	56
Imagem 29	– Hilda, Moacir e eu .....	57
Imagem 30	– Livro didático utilizado pela comunidade alemã no RS .....	59
Imagem 31	– Mapa da Região da Boemia .....	60
Imagem 32	– Pano pintado com dizeres educativos .....	62
Imagem 33	– República Tcheca avistando Polônia e a Alemanha .....	63
Imagem 34	– Rio Issen, na República Tcheca .....	64
Imagem 35	– À esquerda, forma de vidro na qual eram confeccionados os cristais da Boêmia. Ao lado, fábrica de vidro abandonada .....	64
Imagem 36	– Artesão trabalhando, à esquerda e, ao lado, Hilda apreciando alguns de seus trabalhos .....	65
Imagem 37	– Forma de vidro e modelo que eram registrados na prefeitura da antiga Boêmia .....	65
Imagem 38	– Helga e Justino Haas sentados ao lado do fogão à lenha .....	73
Imagem 39	– Botões trazidos da Boêmia por Josef Umann .....	74
Imagem 40	– Casal Hugo e Sidônia Umann .....	75
Imagem 41	– Livro de Josef deixado para seus descendentes .....	77
Imagem 42	– Título de reconhecimento de Alfredo Umann .....	78
Imagem 43	– Linha Cecília em 1930, com casa deixada por Josef .....	79
Imagem 44	– Almoço típico alemão feito por Sidônia .....	79

Imagem 45	– Cemitério de Linha Cecília .....	80
Imagem 46	– Túmulo novo de Josef Umann, com suas duas esposas - Caroline Umann e Pauline Umann, e seu sogro Friedrich .....	80
Imagem 47	– Túmulo de Alfredo Umann e sua esposa, Florentina Umann .....	80
Imagem 48	– Adenice Becker e Hugo Umann em frente à Escola 25 de Junho .....	81
Imagem 49	– Capa do jornal e primeira página, com reportagem falando de imigração .....	82
Imagem 50	– Matéria do primeiro salão de festas de Linha Cecília .....	82
Imagem 51	– Josef à esquerda. No centro, companhia de músicos e alunos da primeira escola .....	82
Imagem 52	– Continuando sobre a história da comunidade e a Escola Rural 25 de Junho .....	83
Imagem 53	– Capa do jornal Folha do Mate anunciando continuação do encarte especial sobre o Centenário de Linha Cecília .....	83
Imagem 54	– A história de Linha Cecília, realçando as festas comunitárias e o surgimento da Sociedade de Canto e Bom Humor .....	83
Imagem 55	– Continuação da história de Linha Cecília, enfatizando as festas comunitárias e a religiosidade .....	84
Imagem 56	– Cristine Brandenburg no Memorial-UNISC .....	85
Imagem 57	– Capa do livro de cadastro das colônias de Monte Alverne .....	86
Imagem 58	– Página registro lote 3 pertencente a Josef Umann .....	87
Imagem 59	– Capa do envelope contendo documentos ligados a vida de Josef .....	87
Imagem 60	– Passaporte Josef Umann .....	88
Imagem 61	– Bilhete de Loteria da Boemia .....	88
Imagem 62	– Certidão que declara Josef Umann como cidadão Brasileiro .....	89
Imagem 63	– Título eleitoral Josef Umann 1907 .....	89
Imagem 64	– Roberto, Olgario, Cristine e Miriam no Memorial-UNISC.....	90
Imagem 65	– Livro original escrito por Josef capa e primeira página .....	90
Imagem 66	– Hugo dirigindo em seu carro .....	92
Imagem 67	– Floresta de Eucaliptos e Berg Umann .....	93
Imagem 68	– Cristine, Hugo e Hilma .....	93
Imagem 69	– Réplica da Sociedade de Leitura Canto e Jovialidade e placa em	94

	homenagem aos sócios fundadores.....	
Imagem 70	– Representação do período da República Federativa do Brasil .....	95
Imagem 71	– Biblioteca Sociedade de Leitura e canto Jovialidade .....	95
Imagem 72	– Certificado de Sócio Honorário Josef Umann .....	96
Imagem 73	– Ganso de propriedade de Hugo Umann .....	98
Imagem 74	– Rochlitz foto enviada por Christa Petrásková .....	98
Imagem 75	– Prédio Sociedade Cultural Bom Humor .....	100
Imagem 76	– Cancha de Bocha .....	100
Imagem 77	– Porão com o que restou da biblioteca .....	100
Imagem 78	– Livro de partituras e caixa de Balontagem .....	101
Imagem 79	– Protocolo Sociedade Cultural Bom Humor .....	102
Imagem 80	– Monumento em homenagem aos dez primeiros moradores e imigrantes alemães de Linha Cecília .....	103
Imagem 81	– Certidão de Casamento de Josef Umann com Caroline Becker .....	104
Imagem 82	– Escritura particular da compra do terreno para a Escola 25 de Junho .....	104
Imagem 83	– Capa livro Josef Umann publicado em tcheco .....	105
Imagem 84	– Arquivo contabilidade Escola 25 de Junho .....	105
Imagem 85	– Livro de Confirmação e de cantos de Caroline Niendorf .....	106
Imagem 86	– Livro de chapeuzinho Vermelho de Josef Umann .....	107
Imagem 87	– Tinteiro de Josef Umann .....	107
Imagem 88	– Fotografia Norma Jaeger .....	107
Imagem 89	– Nilda Umann e Cristine, olhando o álbum antigo de Reinold .....	108
Imagem 90	– Filhos que ficaram na Alemanha do irmão de Josef, August Umann .....	109
Imagem 91	– Capivara caçada pelos imigrantes .....	11
Imagem 92	– Casa de Josef na Alemanha .....	11
Imagem 93	– Rochlitz em 1880 .....	112
Imagem 94	– Avó materna de Josef Karoline Swawosky .....	112
Imagem 95	– Capa do livro do Estatuto Escolar da Comunidade de Linha Cecília .....	114
Imagem 96	– Estatuto Comunidade Escolar de Linha Cecília .....	114
Imagem 97	– Estatuto dobrado original escrito por Josef Umann .....	114
Imagem 98	– Páginas 1 e 2 do Estatuto da Comunidade Escolar de Linha Cecília escrito por Josef Umann .....	115

Imagem 99 – Páginas 3 e 4 do Estatuto da Comunidade Escolar de Linha Cecília  
escrito por Josef Umann ..... 115

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	16
<b>2</b>	<b>O PERCURSO DA PESQUISA</b> .....	24
<b>2.1</b>	<b>Diário de campo</b> .....	26
<b>3</b>	<b>CONCEITOS ELEMENTARES PARA UM POUCO DE CONTEXTUALIZAÇÃO</b> .....	116
<b>3.1</b>	<b>O estabelecimento de conceitos preliminares</b> .....	116
<b>3.2</b>	<b>Breve contexto sócio-histórico da Alemanha: porque imigraram</b> .....	121
<b>3.3</b>	<b>Esclarecimento de ilusões migratórias e a chegada ao Brasil: contexto brasileiro</b> .....	124
<b>4</b>	<b>BIOGRAFIA DE JOSEF UMANN</b> .....	127
<b>4.1.</b>	<b>A infância de Josef</b> .....	127
<b>4.2</b>	<b>A juventude de Josef</b> .....	129
<b>4.3</b>	<b>Josef Umann e o período de colonização de Linha Cecília</b> .....	133
<b>4.3.1</b>	<i>Os primeiros moradores de Linha Cecília</i> .....	136
<b>4.3.2</b>	<i>Trabalho de estrada</i> .....	137
<b>4.3.3</b>	<i>A escola de Linha Cecília</i> .....	143
<b>4.3.4</b>	<i>Sobre a Sociedade</i> .....	145
<b>5</b>	<b>DISCUSSÃO</b> .....	147
<b>6</b>	<b>REFLEXÕES CONCLUSIVAS</b> .....	154
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	155

# 1 INTRODUÇÃO

O objetivo dessa dissertação é biografar Josef Umann, retirante alemão que imigrou para Venâncio Aires<sup>1</sup>, na segunda metade do século XIX, em decorrência da crise europeia desencadeada a partir do processo de industrialização. Esse escopo será contemplado por intermédio das narrativas orais de Hugo Umann, Norma Jaeger, Nilda Ulmann respectivamente neto, bisneta e nora de Josef Umann, além dos relatos de Hilda Agens Hübner Flores historiadora na temática imigração alemã e de Adenice Becker diretora da escola que Josef ajudou a fundar. Tais narrativas foram adquiridas com a metodologia da história oral temática (LOZANO, 2006) e complementada com outras fontes documentais e imagéticas como: atas, fotografias, lápides de túmulos, peças de museus, livros e demais suportes desvelados ao longo da pesquisa.

A relevância da biografia de Josef Umann consiste na elaboração de uma fonte histórica de significado ímpar para cidade de Venâncio Aires que luta há décadas pela transferência do acervo sediado no museu de Santa Cruz do Sul para a cidade adotada por Umann, bem como pela consolidação de um memorial com fontes raras que estão em posse de familiares de gerações subsequentes. Vale ressaltar que os documentos guardados em sigilo e jamais fornecidos pelos remanescentes para o referido museu se devem ao fato de que em Venâncio Aires há, também, um museu de porte considerável que poderia abrigar os acervos do imigrante colonizador, mas a família não consegue transferi-los e optam por transferir de geração a geração, em mãos, sem o devido cuidado de arquivamento.

O relato biográfico desse imigrante, aparentemente anônimo, visa desvelar a seguinte problemática: como Josef Umann contribuiu para o desenvolvimento econômico, social e educacional da comunidade de Linha Cecília<sup>2</sup>, situada na cidade de Venâncio Aires, no estado do Rio Grande do Sul? No intuito de desvelar a problemática anunciada foi realizado um estudo qualitativo que utiliza a história oral híbrida, ou seja, a oralidade como epicentro e a utilização de outros suportes documentais (MEIHY, RIBEIRO, 2011), concorrendo com as narrativas de velhos (BOSI, 1987).

O argumento preliminar desta dissertação proposta consiste em considerar que o imigrante Josef Umann foi o colonizador de Linha Cecília e precursor do fomento à leitura e educação formal nessa comunidade.

---

<sup>1</sup> Venâncio Aires - município do Rio Grande do Sul - Brasil.

<sup>2</sup> Localidade do Interior da cidade de Venâncio Aires – Rio Grande do Sul – Brasil.

A justificativa para o desenvolvimento e respectivo envolvimento com o estudo em pauta se deve ao fato que, na condição de descendente familiar da quarta geração de Josef Umann, dentre os inúmeros tataranetos, fui escolhida para guardar as heranças documentais de lembranças arquivadas formando uma biblioteca pessoal, contudo, sem a devida consciência do seu valor histórico (GALVÃO, 2007). E, tão logo me deparei com o acervo, percebi a impossibilidade de manutenção dos artefatos sem a devida conservação, bem como a necessidade de divulgação cultural de uma “outra história”, com versão de gênese diferenciada do conjunto estabelecido oficialmente (MEHEIN, HOLANDA, 2007).

O acesso aos moradores dessa localidade e a sua história social é mister, tendo em vista que o indivíduo se explica na vida comunitária (DELGADO, 2010) e a história oral dos poucos parentes remanescentes que conviveram com o Josef acrescidos de outros documentos grafados com análise historiográfica, ainda não divulgados, possibilita uma nova interpretação dos acontecimentos, sob o crivo da subjetividade.

Para obviar esse desiderato, o trabalho objetiva biografar Josef Umann com ênfase na sua contribuição educacional da comunidade de Linha Cecília, interior do município de Venâncio Aires - RS. Para contemplar esse escopo delinear-se alguns objetivos específicos: 1) compreender o processo migratório de Josef Umann da Alemanha para o Brasil, identificando os aspectos facilitadores e problemáticos; 2) identificar as contribuições de Josef Umann para o desenvolvimento de Linha Cecília no âmbito educacional; 3) propor um museu digital composto pelo acervo histórico imagético memorial com autobiografia, biografia, objetos, poemas, lápides, canções dentre outros documentos acerca da vida de Josef Umann, com suporte depositório para história oral dos visitantes do museu.

Josef Umann nasceu em Rochilitz <sup>3</sup>, próximo aos montes da Silésia <sup>4</sup>, no dia três de novembro de 1850, filho de um casal de alemães agricultores humildes que tiveram seis filhos. Aos cinco anos de idade, Josef Umann iniciou seu processo de escolarização e já dividia suas tarefas infantis com a roda de fiar <sup>5</sup>, deixando seus brinquedos de lado e tendo que trabalhar como adulto na confecção de novelos de lã para contribuir com o sustento da família. Mais tarde, acumulou o ofício do tear com o de lenhador, cuja atividade consistia em recolher galhos secos úteis para manter aceso o fogão à lenha de sua residência por uma semana, em uma propriedade vizinha, com auxílio de um carrinho de mão para carregar a madeira. Por este último trabalho realizado recebia do seu pai, apenas aos domingos, um

---

<sup>3</sup> Rochilitz, território pertencente à antiga região da Boêmia, atualmente inserido na Alemanha.

<sup>4</sup> Província ao sul da Prússia, zona de concentração de tecelagem no período de meados do século XIX.

<sup>5</sup> Roda de fiar, espécie de máquina artesanal utilizada na fabricação de novelo de lã.

Kreutzer<sup>6</sup>, ao qual juntava outras gorjetas advindas do tear para alugar livros, principalmente os de histórias medievais, com os quais desfrutava suas poucas horas de lazer (UMANN, 1937).

Aos 11 anos, já alfabetizado, era um leitor interessado e assíduo, mas teve que se ausentar da sala de aula porque seus pais não possuíam recursos para custear os “agradados” aos professores. Apesar de a escolarização ser considerada pública, devido à crise oriunda da guerra civil entre alemães no início da segunda metade do século XIX e à desvalorização exacerbada do salário do professor, era necessária a doação de presentes aos educadores, que se configuravam uma complementação salarial, para que estes tivessem o interesse de investir esforços no aprendizado do aluno.

Na tentativa de agradar o filho, seu pai arrematou em um leilão a Bíblia Sagrada traduzida por Lutero e mais um livro literário intitulado “A vida de todos os santos”, visando estimular a leitura e religiosidade dos filhos que clamavam pela possibilidade de ampliar conhecimentos. Vale salientar que esses livros foram os únicos que Umann possuiu durante sua infância e, também, os últimos legados deixados por seus pais, que faleceram seis meses antes que completasse doze anos de idade.

Após a morte de seus pais, os irmãos passaram tempos difíceis, depois foram distribuídos em casas de famílias, também humildes, para que exercessem um labor em troca de alimentação. Umann e o irmão mais novo foram encaminhados para uma família adotiva, sendo obrigados a trabalhar como pastores de rebanho em meio ao frio intenso (FLORES, 1981).

Em 1866, Umann conseguiu seu primeiro emprego em uma fábrica de tecelagem e passou a integrar o Partido Operário, adquirindo a possibilidade de realizar outras leituras e debater ideias políticas com seus pares. Defendeu os princípios do socialismo e da doutrina de Rousseau, segundo a qual o homem, bom por natureza, assume atos turvos pelas circunstâncias de vida em que vive (UMANN, 1937). Ainda nesta época, com suposta estabilidade financeira casou-se e teve sua primeira filha: Ana Umann.

Não passou muitos anos empregado e foi demitido após um ínfimo erro na tecelagem. Se não bastasse o frio, a fome, a crise econômica, a desigualdade social, o desemprego e a guerra civil, o início da industrialização reduzia as oportunidades de trabalho e acirrava a competitividade entre os trabalhadores, que já estavam submetidos a condições insalubres, as quais tornava curta a expectativa de vida.

---

<sup>6</sup> Kreutzer, moeda Prussiana de pequeno valor, subdivisão do Florim.



Vivenciando tal situação desfavorável, que se agravava sem perspectivas de melhorias, em 1877, Umann resolveu migrar com a família para o Brasil, cuja pátria era conhecida como “Terra das novas esperanças”, como muitos outros europeus, apesar da instabilidade política imigratória do Governo Imperial, (FLORES, 1993).

Umann, um simples imigrante Boêmio<sup>7</sup>, aos vinte e sete anos, optou por transferir sua moradia para a cidade de Santa Cruz do Sul, local que prometia um clima ameno e fartura de terras para a agricultura. Afinal, diante da impossibilidade de sobrevivência em Rochlitz, a imigração parecia uma solução plausível.

Tão logo chegou ao Brasil teve outro filho, Heinrich, nascido em 1879. Em 1887, falece a esposa de Umann, Paulini Bartel, vítima de ataque cardíaco. Três anos depois casa-se novamente com Carolina Becker, uma viúva mãe de um filho de sete anos chamado Theodoro, com quem, logo em seguida, teve mais três filhos: Alfred, Reinhold e Fritz.

Juntamente com outros imigrantes, Umann conquistou destaque na colonização do interior de Santa Cruz do Sul, hoje intitulada Venâncio Aries. Amante da literatura, que não pode ter acesso ao longo da juventude e com ideias socialistas, ajudou de maneira significativa a fundar instituições de fomento educacional: uma das primeiras bibliotecas públicas, a Sociedade de Canto e Bom Humor e Jovialidade “*Gesangverein Frohsinn*”<sup>8</sup> de Linha Cecília; e uma das primeiras escolas públicas, impulsionando o desenvolvimento econômico e social de Linha Cecília (FLORES, 1981).

Jossef Umann faleceu em 1927, aos setenta e sete anos, deixando uma autobiografia inacabada em que procurou expor sua vida no intuito de estimular seus conterrâneos a aderirem à imigração. Suas memórias foram finalizadas por seu filho Alfredo Umman, mas a obra foi confiscada na II Guerra Mundial pela polícia brasileira, que retirava de circulação e destruía todo material em alemão, por acreditar ser de cunho comunista proveniente de uma nação rival de guerra (LESSA, 2011). Todavia, o livro não chegou ao público, sendo divulgado restritamente com apenas três exemplares salvos: um deles está na biblioteca de Linha Auto Sampaio, município de Venâncio Aires, para contar a história da cidade e outros dois exemplares com membros de sua família.

Sabe-se que muitos imigrantes alemães vieram para o Brasil e tiveram uma participação importante no processo cultural e histórico, trazendo consigo seus valores

<sup>7</sup> Boêmio imigrante das regiões limitada pela Alemanha a oeste, a Polônia a nordeste, a província checa da Morávia a leste e a Áustria ao sul.

<sup>8</sup> Sociedade fundada em 1896 tendo um dos fundadores Josef Umann, criada para diversão e cultura.

culturais. Por este motivo, preservar a história e conhecer análises críticas acerca dos fatos acontecidos faz parte do aprendizado de um povo e da construção de sua identidade de grupo.

Após 76 anos de seu falecimento, a história da fundação de Linha Cecília, bem como de inúmeras instituições de fomento à educação, é de difícil acesso e contada de maneira positivista, ressaltando o patriotismo em que a oficialidade do discurso apresenta um cunho heroico, desprovido de quaisquer considerações críticas. Tomando por base uma autobiografia escrita em alemão por Josef Umann e traduzida para o português contada sob as lentes das subjetividades de Umann, que abstraiu algumas informações acerca da visão sobre a cidade e criação de espaços educacionais formais e não formais, impulsionando mudanças significativas no desenvolvimento econômico, social e educacional e fortalecendo o processo de colonização do território. Afinal, o documento foi escrito visando estimular a imigração, o que concorre para uma visão poética da cidade de Venâncio Aries.

O estudo biográfico foi desenvolvido utilizando a metodologia da história oral temática (ALBERT, 2006) combinada com outros documentos pertinentes para contar a história de vida de Josef Umann, ressaltando suas contribuições no cenário econômico, social e educacional de Linha Cecília. Esta metodologia se configurou relevante para o desenvolvimento da investigação por possibilitar o trabalho com memórias e narrativas de pessoas que testemunharam acontecimentos importantes da história de vida do pesquisado e permitir outro olhar acerca dos fatos narrados pela história oficial (FERREIRA, 2006).

A história oral trabalha com lembranças, esquecimentos e subjetividades, abordando um universo de significados, significações, ressignificações, representações psíquicas e sociais, simbolizações, simbolismos, percepções, pontos de vista, perspectivas, experiências de vida e analogias (TURATO, 2003) que possibilitam lançar luz nas interpretações que os homens constroem sobre si e sobre seus artefatos, clareando o que sentem e pensam acerca das vivências pessoais e grupais. Importa esclarecer que grupal, cultural, social ou coletivo, em história oral, definem-se pelo resultado de experiências que vinculam umas pessoas às outras, segundo pressupostos articuladores de construções de identidades decorrentes de memórias expressadas em termos comunitários (MEIHY, HOLANDA, 2007).

Minayo (2006) define que a história oral é considerada, no âmbito da pesquisa qualitativa, poderoso instrumento para a descoberta, a exploração e a avaliação de como as pessoas compreendem seu passado, vinculam sua experiência individual a seu contexto social, interpretam-na e dão-lhe significado, a partir do momento presente. Por isso, ela oferece material para descrição de época e possibilita levantar questões novas e de diversos níveis de

abrangência, assim como corrigir teses consagradas ou inconsistências teóricas (LE GOFF, 2003).

O *locus* da pesquisa foi a cidade de Venâncio Aires-RS, local em que residem os informantes que foram entrevistados e guardam documentos, objetos e demais aportes importantes como fontes para a pesquisa. A coleta de dados foi realizada em dois momentos: uma compreendendo os meses de dezembro 2013 e janeiro de 2014 e o outro em abril/maio de 2014, por meio da história oral híbrida, ou seja, procedimento que utiliza a oralidade como epicentro da pesquisa, mas permite que as narrativas concorram com outros suportes documentais (MEIHY, HOLANDA, 2007). Salienta-se que as entrevistas foram coletadas em horário, local e data previamente combinados com os informantes e respeitando suas limitações.

Destaca-se que após a aquisição dos dados brutos coletados com as entrevistas e pesquisas documentais, realizaram-se uma transcrição na íntegra do material gravado em audiodigital (gravador Sony de propriedade da pesquisadora), bem como a digitalização de fotos e demais fontes pertinentes. Importa registrar que, de acordo com Lüdke e André (1986), a gravação tem a vantagem de registrar o oral, deixando o entrevistador livre para prestar toda a sua atenção ao entrevistado. Thompson comunga com a importância de investigar a memória dos sujeitos, por intermédio da história oral, quando relata que “[...] a evidência oral pode conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para a história, [...] contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira”. (1992, p. 137).

Nesta dissertação, a história oral propiciou a aquisição do discurso dos agentes, que foram analisados respeitando-se suas palavras, registrando, na medida do possível, emoções, silêncios e demais observações pertinentes em diário de campo. Nesse caderno, o investigador anota as informações importantes sobre conversas informais, comportamentos, cerimônias, festas, instituições, gestos e expressões que digam respeito à pesquisa (MINAYO, 2006). A proposta foi se debruçar na realização de uma transcrição, o mais fiel possível, que permita uma transcrição válida.

As fontes que utilizamos para construção das Histórias de Vida seguem especificação de Pujadas (1992, p. 14), em especial: a) documentos pessoais - diários, correspondência, fotografias, vídeos, matéria publicada, etc.; b) registros biográficos, (obtidos pela pesquisadora por meio da pesquisa, via registro de narrativas e de documentos oficiais); c) História de Vida de Relatos Cruzados, preferentemente as de relato único. No desenvolvimento da pesquisa utilizamos as quatro etapas descritas por Pujadas (op.cit., p. 14):

a) etapa inicial; b) registro, transcrição e elaboração das Histórias de Vida; c) análise e interpretação; d) apresentação e publicação.

Vidigal advoga que “a transcrição suscita inúmeros problemas, inúmeras perdas, pois é sempre uma tradução para outro suporte, quase para outro idioma” (1996, p. 73). É necessário, nessa perspectiva, elucidar a ideia de que, mesmo compreendendo que a história oral não se caracteriza por ser um retrato fiel de ocorrências, certamente evidenciam-se interpretações muito pessoais constituídas ao longo da trajetória de vida de cada um, sob circunstâncias particulares. Afinal, os acontecimentos são contados mediante os filtros culturais que a própria sociedade edifica, mas é por intermédio deles que se pode realizar uma reflexão mais rica acerca das histórias.

Como diz Schultz (1964) cada ator social experimenta e conhece o fato social de maneira particular, mas as experiências vivenciadas e internalizadas ganham significados que perpassam pelo convívio grupal, de modo que as interpretações dos acontecimentos não se reduzem à soma dos elementos, mas sim à compreensão dos modelos culturais e das particularidades do entorno. Nesse sentido, a história oral é social, sobretudo porque o indivíduo só se explica na vida comunitária (MEIHY, HOLANDA, 2007).

Compreendendo que a transcrição perpassa pela leitura de mundo do pesquisador e de suas subjetividades, os relatos impressos provenientes das narrativas orais foram validados mediante a técnica de estrutura do discurso (FLICK, 2009) efetivada pela leitura e análise do texto pelo informante, que teve a oportunidade de realizar acréscimos e retiradas incorporando outras subjetividades e confirmando as informações transcritas para posteriormente autorizar, mediante termo de consentimento, a utilização das narrativas em meio impresso.

Para analisar o material empírico, oriundo das entrevistas abertas, foi utilizada a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2004) numa perspectiva crítica e reflexiva. Nesse sentido, fez-se uma leitura flutuante do material para identificação de núcleos de sentido. Em seguida, esses grupos foram subdivididos em categorias no intuito de buscar convergências e divergências extraídas das falas dos participantes, ampliando assim a compreensão do fenômeno, cuja discussão está articulada com as informações contidas na autobiografia e na história oficial.

A discussão proveniente da análise de dados levou em consideração as fontes documentais e orais confrontadas com a autobiografia de Josef Umann e com outros registros guardados no museu e memorial UNISC, que propiciaram uma confrontação entre versões da

história da colonização de Linha Cecília, bem como de seu desenvolvimento educacional e econômico.

Espera-se fornecer uma cópia da dissertação para a família e para o museu de Venâncio Aries, a título de devolutiva da pesquisa, recomendando-se a este último que fique responsável pelo arquivamento do material adquirido ao longo do estudo.

Para Meihy e Holanda (2007) a história oral é definida como um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto que prevê: planejamento das gravações; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; autorização para o uso; arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar-se ao grupo que o gerou. Este trabalho, em sua metodologia, esclarece como se dará todos esses passos do estudo, contemplando os procedimentos da pesquisa com história oral.

O relato se apresenta em quatro capítulos sucintos, sendo o primeiro denominado de introdução, com a apresentação geral da pesquisa; o segundo com o percurso da pesquisa e diário de campo, no qual ficará explicitado a trajetória investigativa para aquisição das fontes documentais e orais, bem como a fundamentação que amparou teoricamente o tipo de pesquisa e metodologia utilizada e apresentação dos dados coletados; o terceiro com conceitos elementares para um pouco de contextualização fundamentais para compreensão do estudo, educação, cultura, imigração e colonização, um breve contexto sócio-histórico da Alemanha: porque imigraram e o esclarecimento de ilusões migratórias e a chegada ao Brasil: contexto brasileiro; o quarto intitulado a biografia de Josef Umann, a infância de Josef, juventude de Josef, Josef Umann e o período de colonização de Linha Cecília.

## 2 O PERCURSO DA PESQUISA

O percurso da história de campo de uma pesquisa é sempre muito significativo, pois o pesquisador ao ouvir falar, ou observando, capta a sensação presente nas narrativas e acaba sentindo o fato ocorrido, por mais imparcial que esteja. Em meio a documentos, imagens, artefatos, idiosincrasias, micro expressões, observações, reações, emoções, pensamentos, clima, época, ação ou reação quanto às indagações, ou seja, cada detalhe da pesquisa de campo deve ser observado para então reconstruir a história ou o desfecho.

Também é o momento que o observante fica mais próximo do objeto estudado e, com isso, além do discernimento necessário para a pesquisa existem, muitas vezes, os conflitos e emoções pessoais que fazem com que a pesquisa fique mais rica em detalhes e apaixonante.

Comungando com as ideias de Verena Alberti (2003) reflito e percebo que estou vivendo em um momento no qual os documentos escritos são cada vez mais sucintos, contendo menos conteúdo, por isso, menos definitivos para o conhecimento do passado. Sendo assim, a crença no ser humano igual perante os outros, que é também único e singular, o ser psicológico, dá sentido a uma série de concepções e práticas em nosso mundo, sendo ele importante. Ao tomar as pessoas pelo seu valor único concluo que todo ser humano faz parte de uma sociedade cultural e exerce algum papel com suas ações, reflexões e lembranças, agindo e reagindo de diversos modos, ou, nas palavras de Colognese (1998, p. 148) “admitir que cada indivíduo seja influenciado e influencia o outro, produzindo alterações sobre o curso do dialogo”.

A observação participante, em qualquer nível de profundidade em que for realizada ou sob qual teoria se baseie, tradicionalmente utiliza um instrumento denominado diário de campo. Para além das informações colhidas nas entrevistas, o caderno de notas permite ao investigador, dia após dia, anotar as observações pertinentes. Nele são escritas as impressões pessoais que vão se modificando com o tempo, resultado de conversas informais, observações de comportamentos contraditórios com as falas, manifestações dos interlocutores quanto aos vários pontos investigados, dentre outros aspectos (MINAYO, 2006).

Aconselho-a vivamente o uso de caderno de campo no acompanhamento e no registro da evolução de estudos. Nele coloco as notas tanto do andamento da pesquisa como das entrevistas específicas.

É nesse caderno que devem também constar as impressões, bem como as ilações feitas a partir dos vínculos com entrevistas anteriores e hipóteses levantadas para enlaçar as futuras. A validade dele como elemento de registro garante a trajetória da evolução do trabalho que varia em vista do projeto inicial (MEIHY e HOLANDA, 2007, P. 152).

A entrevista é um processo de interação social, na qual o entrevistador tem por objetivo a obtenção de informações por parte do entrevistado. No entanto, não é uma conversa solta, mas com um direcionamento visando apreender dados que possam ser interpretados mediante o problema formulado a partir do objeto de pesquisa (CEDRO, 2011).

E para coleta das entrevistas usamos para captação dos dados o gravador ou as anotações. Uma das desvantagens do gravador é a possibilidade de inibir o entrevistado. Todavia, o ponto favorável é que o gravador evita que as atenções do entrevistador se dividam entre o entrevistado e as anotações, permitindo uma observação mais criteriosa mediante reações, microexpressões, expressões e gestos do entrevistado na medida em que as temáticas são abordadas. (MAY, 2004)

Outro momento da pesquisa foi a transcrição na qual passei horas debruçada sobre o crivo criterioso para ser o mais fiel possível às fontes e, neste momento, eu pude relembrar os fatos e através deste único instante planejar a sequência do meu trabalho. Verena Alberti (2006, p.186) diz que “por isso não cabe acrescentar novas palavras, ou substituir as que são usadas por sinônimos. Ao interpretar uma entrevista convém ser mais fiel à lógica e às escolhas do entrevistado”.

Pesquisadora inexperiente enfrentei várias adversidades. As dificuldades dos depoentes de se concentrarem na vida de Josef era um dos maiores obstáculos. Embora acreditasse, como disse Jacques Le Goff (1996) “a memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro”, constatei que a memória nos prega peças: lapsos, omissões ou simplesmente a supressão do que não queremos que venha à tona. Naquele momento lembrei-me das leituras de Confissões de Santo Agostinho (2011), ao se referir ao vasto palácio da memória como um conjunto de cômodos, onde cada lembrança se liga a outra e todas elas se entrelaçam. Outro desafio era a corrida contra o tempo. As visitas se tornavam reencontro de família, o que fugia do assunto em questão e eu tinha data certa de retorno à Fortaleza.

Por outro lado, nas primeiras visitas, todas distantes, encontrei muitos lugares fechados, o que me deixou muito abatida. No entanto, na segunda etapa de campo consegui atingir meus objetivos, agendando com sucesso as visitas e obtendo um maior reservatório de fontes de dados sobre Josef Umann.

A partir de agora desvelo o meu diário de campo para uma maior compreensão do percurso deste trabalho.

## 2.1 Diário de Campo

Dezembro de 2013/ Janeiro de 2014

Desde criança eu escutava histórias sobre a vida do meu tataravô Josef Umann, contada por minha avó paterna Olinda Brandenburg, que aos 12 anos presenteou-me com um livro para ler: Memórias de um imigrante Boêmio por Josef Umann, traduzido por Hilda Agnes Hübner Flores. Este livro sempre me inspirou reflexões que me chamavam a atenção:

*Pois, quando triste relia. Este livro sempre me servira de inspiração e admiração pelos sonhos e dificuldades que estes imigrantes alemães, de certa forma desbravadores, enfrentaram na busca de uma nova pátria. A capacidade de enfrentar as adversidades da vida sem deixar de lado a fé e a vontade de trabalhar (Cristine).*

O que eu não imaginava é que essa história daria origem ao meu tema de mestrado quando, em Fortaleza, após tentativas frustradas em passar na seleção para mestrado em Saúde Pública, conversando com uma pesquisadora mais experiente, Lia Machado Fiuza Fialho, fui despertada para a relevância de meus relatos e a possibilidade de pesquisas no campo da História da Educação, acerca das contribuições de Josef Umann.

Custei a acreditar que a ideia desenvolvida em projeto de pesquisa fora aceita pelo Professor José Rogério Santana e que eu havia conquistado uma vaga no Mestrado em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará com um tema de estudo com o qual nutria tão estreita afinidade: Biografar Josef Umann com ênfase na sua influência educacional e social para a comunidade de Linha Cecília.

Em 23 de dezembro de 2013, após seis meses de curso, quando a maior parte das disciplinas obrigatórias já haviam sido finalizadas e munida de um embasamento teórico desenvolvido ao longo do semestre viajei de Fortaleza – Ceará, cidade em que curso o Mestrado, para Venâncio Aires - Rio Grande do Sul, cidade onde cresci e vivi minha adolescência e juventude para a coleta das fontes orais e documentais para a pesquisa.

Na mão levava um projeto de pesquisa discutido e devidamente orientado pelos professores Prof. Dr. José Rogério Santana (orientador) e Dr. Lia Machado Fiuza Fialho (coorientadora). Existiam vários questionamentos a serem respondidos, sendo um deles o mais inquietante: quais as contribuições de Josef Umann para o desenvolvimento do



município de Venâncio Aires, mais especificamente em Linha Cecilia, já que ele não possuía a devida visibilidade histórica?

Após as festas de final de ano e a alegria do reencontro com a família residente em Venâncio Aires dei início à trajetória do percurso investigativo em campo. Com uma máquina fotográfica Sony 14.1 Mega Pixels, um gravador Coby, um *scanner* de mão e uma agenda, que seria meu futuro diário, saía em busca das fontes que fizessem alguma referência a Josef Umann. Estava cheia de sonhos, inquieta para descobrir algo pertinente o suficiente para sustentar uma dissertação de mestrado. O meu tempo era curto para dedicar à pesquisa e ainda acalantar a saudade dos parentes que não via havia tempos.

Imagem 1 - Cristine Brandenburg em comemoração familiar no Natal/2013



Fonte: Arquivo pessoal de Cristine Brandenburg.

Passado o tempo de dedicação à família, a pesquisa ganhava maior fôlego. Acreditei que reencontrar o passado da minha família é construir uma colcha de retalhos costurada a cada lembrança, cheiro, detalhe, paisagem, narrações, que vão levando a fatos que entrelaçados que vão compondo as histórias de vida. Fui ao encontro de Hugo Umann, irmão de Olinda Brandenburg e meu primeiro informante. Este, por sua vez, é um dos dois netos de Josef Umann ainda vivos, logo, cogitei que ele poderia ser um guardião de conhecimentos e de algumas fontes documentais de Josef Umann, pois o outro neto Arno Umann mora no Paraguai e, devido à idade avançada, não tem muitas recordações.

Em três de janeiro de 2014, desloco-me para Linha 17 de Junho no interior de Venâncio Aires com meu pai, Claudio Laury Brandenburg. Nessa localidade distante morava Hugo. O comunicado da visita por telefone foi muito bem aceito afinal, mais que receber uma pesquisadora, percebi o aconchego de sermos recepcionados por nossa própria família. Ao

chegarmos, Hugo estava ainda fazendo um de seus afazeres de trabalhador rural, cuidando do pasto e dos animais e fomos recebidos por sua esposa Sidônia que gentilmente nos ofereceu uma cadeira para aguardarmos enquanto ela chamava o marido.

Eu fiquei muito alegre em rever Hugo, pois havia muitos anos que não o via. Sobre este sentimento, registrei em diário de campo em três de janeiro de 2014:

*O entusiasmo em rever Hugo foi tão grande que me esqueci de gravar a primeira parte da conversa, na qual havia explicado acerca dos critérios éticos, da sua participação e objetivo da pesquisa Biográfica de Josef Umann, bem como detalhes da gravação, transcrição, transcrição e validação de sua fala.*

Nesse momento, me lembrei das leituras, discussões e orientações sobre a tentativa de imparcialidade do pesquisador, sua visão e postura científica, necessidade de uma conduta profissional e atenta para coleta de dados que não permitam visões tendenciosas e também não busquem uma história positivista com a emergência de figuras heroicas. Desde então, parecia que já não havia mais parentesco algum e o foco eram as narrativas e as análises que elas poderiam me permitir.

Mas, antes de comentar sobre o avô, Hugo pegou sua flauta e começou a tocar músicas aprendidas pelo convívio com imigrantes alemães, aquelas que por gerações foram transmitidas, numa cultura herdada que, segundo ele, exaltavam sentimentos de partida, alegria, tristeza, esperança e tradução da realidade. As cantigas se tornaram os primeiros dados. Uma das músicas foi Lieb Heimatland, Ade! Que foi traduzida no livro de Hilda Agnes Hübner Flores (1983, p. 112-113) com o título de Querida pátria, adeus!:

LIEB HEIMATLAND, ADE! - QUERIDA PÁTRIA, ADEUS!

1. Nun ade, du mein lieb Heimatland,  
 Lieb Heimatland, ade!  
 Es geht jetzt fort zum fremden Strand,  
 Lieb Heimatland, ade!  
 /Und so sing' ich den mit frohem Mut,  
 Wie man singet, wenn man wander tut,  
 Lieb Heimatland ade!/  
 1. Agora adeus, minha querida pátria,  
 Querida pátria, adeus!  
 Seguimos agora por mares desconhecidos,  
 Querida pátria, adeus!  
 /E assim eu canto com ânimo alegre,  
 Como se canta quando se emigra:  
 Querida pátria, adeus!

2. Wie du lachst mit deines Himmels Blau,  
 Lieb Heimatland, ade!  
 Wie du grossest mich mit Feld und Au,  
 Lieb Heimatland, ade!  
 /Gott Weiss, zu dir steht stets mein Sinn,  
 Doch jezt zur Ferne zieht's mich hin:

Lieb Heimatland, ade!/  
 2. Como tu ris, com teu céu azulado,  
 Querida pátria, adeus!  
 Como tu me saúdas com teus campos e planícies,  
 Querida pátria, adeus!  
 /Deus sabe que para ti está sempre meu pensamento,  
 Mas agora o desconhecido me atrai,  
 Querida pátria, adeus!/  
 3. Begleitest mich, du lieber Fluss,  
 Lieb heimatland, ade!  
 Bist trauring, dass ich wander muss,  
 Lieb heimatland, ade!  
 /Vom moos'gen Stein am wald'gen Tal,  
 Da grüss' ich dich zum letztenmal:  
 Lieb Heimatland, ade!/  
 3. Acompanha-me, querido rio,  
 Querida pátria, adeus!  
 Estás triste porque devo partir,  
 Querida pátria, adeus!  
 /Da pedra musgosa no vale da floresta  
 Te saúdo pela última vez:  
 Querida pátria, adeus!/

Imagem 2 - Hugo segurando a sua flauta com meu pai Cláudio



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Já estava anoitecendo e, após a cantiga, Hugo iniciou a conversa, narrando sua doença de maneira cômica e fazendo-nos gargalhar com seu senso de humor, característica marcante ao longo das suas narrativas:

*Passei por um ano difícil, tive câncer de próstata, quem me tratou foi nosso parente, meu sobrinho neto Egon Ritt. Engraçado, ele perguntou como eu vinha para Santa Cruz do Sul para fazer o tratamento. Eu disse doutor eu coloquei uma bateria nova no meu Volkswagen para minha mulher não precisar empurrar no inverno. (HUGO, 03/01/2014).*

Sidônia explicou que Santa Cruz do Sul, no Rio Grande do Sul, fica distante de Venâncio Aires 32 quilômetros e nos dias de tratamento ele dirigia até à rodoviária de Venâncio Aires em torno de dezessete quilômetros e pegava um ônibus até Santa Cruz do Sul para fazer o tratamento, retornando apenas à noite para a cidade onde pegava seu carro e ia para casa. Essa fase ruim, no entanto, já havia se findado e Hugo se disponibilizou a conceder as entrevistas em qualquer local tranquilo e agradável.

O próximo encontro ficou agendado para o sábado dia onze de janeiro de 2014, na casa dos meus pais, Elza e Claudio Brandenburg, pois era um ambiente mais calmo para a conversa. Hugo pediu esse prazo antes de começar o relato sobre o seu avô alegando: *“Preciso organizar minhas ideias, procurar lembrança na minha memória, hoje estou cansado”*.

A memória, para Ricoeur (2010, p.35) “nesse sentido particular, é característica inicialmente como afecção *pathos*<sup>9</sup>, o que a distingue da recordação. É a coisa lembrada; a memória é do passado”.

Na segunda-feira, dia seis de janeiro de 2014, eu me dirigi à cidade de Santa Cruz do Sul à procura do Museu do Colégio Mauá, ao qual, de acordo com Hugo Umann, seu pai Alfred Umann fez a doação de objetos particulares de Josef Umann.

Na ocasião, eu me lembrei que em 1997 acompanhei a minha avó Olinda Brandenburg em uma tentativa frustrada de trazer as peças museológicas de Santa Cruz do Sul para o recém inaugurado museu de Venâncio – Aires, cidade de residência de Umann e de sua família, pela qual sempre nutriu grande apreço.

A partir da orientação de uma amiga minha, Angelita da Rosa, historiadora deste museu, houve a tentativa de coletar as assinaturas dos netos de Josef Umann vivos para autorizar e reivindicar a transferência dos pertences. Na época, eu era uma simples colegial e não consegui mensurar a relevância desse esforço de minha avó.

Neste momento, me dispus a ajudar e acompanhá-la em visitas aos irmãos de minha avó que moravam longe, ocasião em que aproveitávamos para coletar as autorizações. À medida que as assinaturas eram colhidas, por ironia do destino, as pessoas que assinavam o documento faleciam pouco tempo depois. Coincidência nada relevante não fosse o fato de que

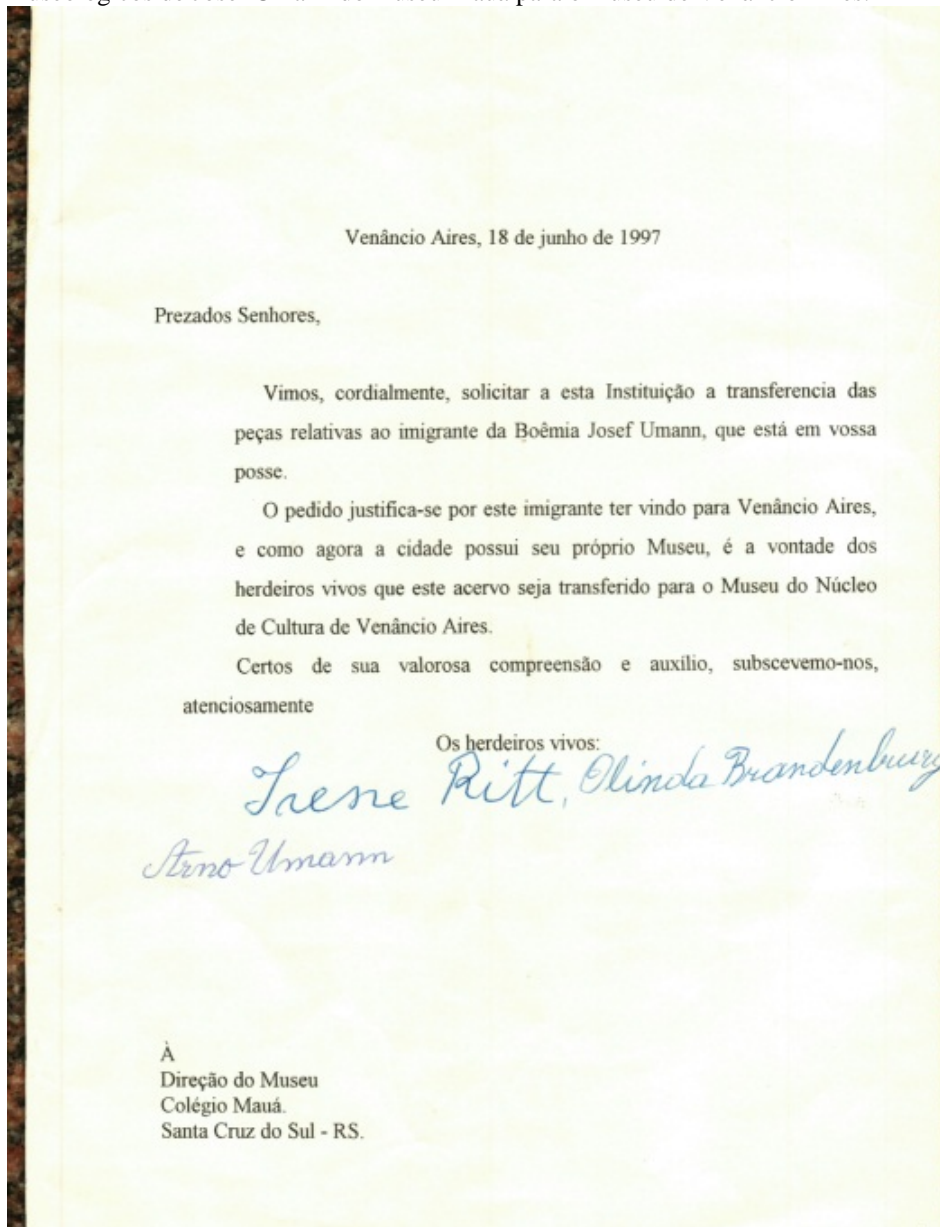
---

<sup>9</sup> É uma palavra grega que significa passagem, paixão, excesso, passividade, sofrimento, assujeitamento, sentimento e doença.

quando fomos coletar outras assinaturas, em novas visitas, alguns dos herdeiros, como Olga Ritt e Elza Niedermayer, ponderaram: *“todos que assinaram a lista estão morrendo. Será que não era vontade do nosso pai Alfred Umann que as peças ficassem no Museu de Santa Cruz do Sul? Eu é que não vou assinar, vai que eu morro também!* Demonstrando receio de morrer, se recusaram a assinar o documento, ainda que tendo inicialmente concordado verbalmente, o que inviabilizou o projeto de Olinda Brandenburg.

Para a devida transferência todos deveriam assinar. Conforme indicação do documento abaixo escaneado:

Imagem 3 - Documento de solicitação de transferência de peças e documentos museológicos de Josef Umann do museu Mauá para o museu de Venâncio Aires.



Fonte: arquivo pessoal de Cristine Brandenburg.

Vinte anos depois desse episódio, agora motivada pela pesquisa historiográfica, eu retomo ao Museu do Colégio Mauá na cidade de Santa Cruz do Sul-RS para catalogar e estudar os documentos que foram preservados. Encontrei, todavia, o museu fechado, pois estava em período de recesso e este somente voltaria às atividades no dia vinte de janeiro de 2014, o que impossibilitava a visita naquele período já que minha passagem para Fortaleza – CE estava agendado para o dia treze de janeiro de 2014 e não havia recursos para pagar a enorme diferença tarifária da remarcação do voo. Situação que gerou-me desânimo para continuar com a pesquisa.

No dia sete de janeiro de 2014 fui ao Museu de Venâncio Aires, RS, porém este também estava em recesso até o dia vinte de janeiro de 2014, assim como o de Mauá. Tais adversidades fizeram-me parecer que a pesquisa não iria caminhar, que o tempo para a conclusão do mestrado, dois anos, não seria suficiente para dar conta de encontrar relatos e documentos que comprovassem a participação de Josef Umann na colonização de Linha Cecília, bem como suas contribuições educacionais, religiosas e culturais.

No dia oito de janeiro de 2014, juntamente com meu pai Claudio Laury Brandenburg, fui para Linha Cecília visitar a Escola 25 de Junho, estabelecimento que meu tataravô ajudou a fundar, de acordo com histórias contadas por Hugo e Olinda Brandenburg, e, para nossa surpresa, encontramos as portas fechadas. Apesar de estar em funcionamento, ela somente retomaria as atividades quando se iniciasse o período letivo, no fim de janeiro.

Cansada de tantas tentativas frustradas, procurei, então, a minha tia Norma Jaeger irmã do meu pai, no dia seguinte, nove de janeiro de 2014. De acordo com Claudio, ela havia cuidado dos últimos dias de sua avó Caroline, esposa de Josef Umann, e poderia ser uma fonte oral relevante. Contudo, ela estava de férias na casa da filha em São Paulo.

Ante a tantos desencontros, fruto da inexperiência com pesquisa de campo e falta de prudência em me informar acerca dos estabelecimentos, antes de visita-los, bem como da própria falta de informações mais diretivas só conseguidas após entrevista com Hugo Umann, restavam-me para a pesquisa apenas as memórias de Hugo Umann e algumas fotos e documentos que estavam disponíveis no acervo deixado por Olinda Brandenburg. Estes últimos eram em maioria fotos de família, mas nem todas estavam em razoável estado de conservação e sem a devida identificação de quem eram as pessoas, afinal, os documentos haviam sido entregues à custódia do Museu Mauá.

Em meio às fotos havia também alguns documentos e um livro intitulado Memórias de um imigrante Boêmio - Josef Umann, publicado por Hilda Agnes Hübner Flores (1981). Segue imagem da sua capa abaixo:

Imagem 4 - Capa do livro Memórias de um Imigrante Boêmio – Josef Umann



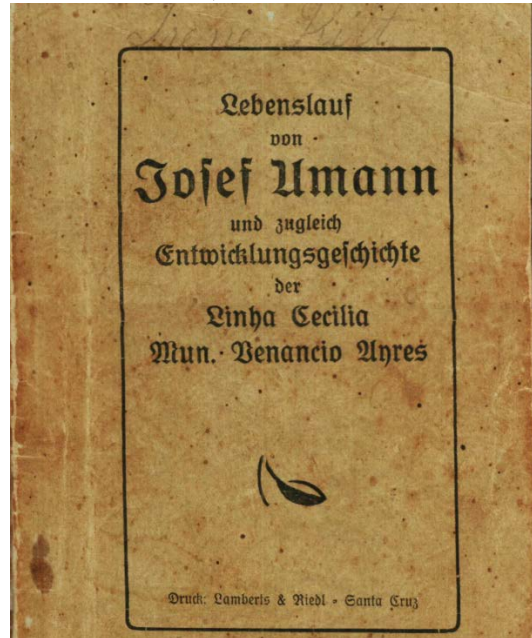
Fonte: arquivo pessoal de Claudio Laury Brandenburg

Em 1927, aos setenta e sete anos, falece Josef Umann, deixando inacabada a obra em que expôs sua vida no intuito de estimular seus conterrâneos a aderirem à imigração. A autobiografia deixada com o título “*Lebenslauf don Josef Umann und zugleich Entwicklungsgeschichte der Linha Cecília Mun. Venâncio Aires*” foi finalizada, publicada pelo filho Alfred Umann em 1937 e posteriormente traduzida por Hilda Agnes Hübner Flores.

Curiosamente, a publicação foi confiscada na II Guerra Mundial pela polícia brasileira que retirava de circulação e destruía todo material em alemão, por acreditar ser de cunho comunista proveniente de uma nação rival de guerra (LESSA, 2011). Inclusive toda a edição foi perdida, restando apenas três exemplares: um deles está com a biblioteca de Auto Sampaio município de Venâncio Aires para contar a história da cidade e os outros dois exemplares com membros da família. Segue foto da capa do livro original de Josef Umann:



Imagem 5 - Primeiro livro sobre Josef Umann no idioma alemão *Lebenslauf don Josef Umann und zugleich Entwicklungsgeschichte der Linha Cecilia Mun. Venâncio Aires. Santa Cruz do Sul: Lamberts & Riedel, 1937.*



Fonte: arquivo pessoal de Claudio Laury Brandenburg

Em 11 de janeiro de 2014 chegou o dia tão esperado para a conversa com Hugo Umann. O sol estava belo, poucas nuvens no céu, temperatura agradabilíssima para um dia de verão e o diálogo foi preparado em cadeiras a céu aberto, embaixo de frondosas árvores e no silêncio do quintal, para que pudéssemos aproveitar o lindo dia. Hugo Umann inicia sua narrativa com a seguinte frase: *“Nos éramos entre 8 irmãos e morávamos no interior de Venâncio Aires, Linha Cecília. Eu nasci no mesmo ano que meu vô Josef Umann faleceu. Eu não conheci mais ele [...]”*.

Imagem 6 - Hugo Umann, em 11 de janeiro 2014, sob uma pereira e um parreiral de uvas, com seu caderno de anotações de uma vida inteira.



Fonte: Arquivo pessoal de Cristine Brandenburg



Caí entristecida, tentando não demonstrar para aquele senhor, que veio tão prontamente auxiliar-me, minha decepção. Tudo que eu queria era que ele não apenas tivesse convivido com o avô, mas conseguisse lembrar-se de um arcabouço de memórias que me ajudassem a biografar Josef Umann. Então me lembrei das constantes conversas que eu havia trocava pelo telefone com Lia Machado Fiuza Fialho durante este período, onde ela dizia: *“Explore tudo o que puder. Os sucessos e as dificuldades são fatos que devem ser narrados no seu trabalho. Um bom trabalho de pesquisa não é tarefa simples e exige dedicação e determinação”*.

Na tentativa de não chatear Hugo Umann, mesmo que um tanto desolada, eu gravava os seus relatos, mas a narrativa parecia tomar outro rumo, pois Hugo relembra sua história de vida e não a de seu avô. Em meus pensamentos refletia: *“E agora o que vou fazer? Onde fica Josef Umann na história? Como vou desenvolver meu projeto? Que decepção vai ser para os meus orientadores meu retorno sem qualquer das fontes que eles imaginavam que eu poderia encontrar”!*

Ao longo da escuta eu percebi que, ao contar sua trajetória enquanto neto de Josef Umann, Hugo também narrava e mostrava documentos que o relacionavam a seu avô. Fazendo uso da memória herdada, imbricada com as memórias vividas, ele fomentou um rico relato, ajudando-me sobremaneira a compreender a vida de Josef Umann. Naquele momento, como esta era praticamente a única fonte acessível, percebi que era possível começar a biografar Josef Umann pelas lembranças de Hugo.

Contradizendo minha impressão inicial, as reminiscências de Hugo não eram insignificantes, ao contrário, foram fundamentais para a pesquisa e tomadas como ponto de partida para o estudo. A entrevista foi transcrita na íntegra, depois textualizada retirando as poucas intervenções da entrevistadora e, em seguida, transcrita para assegurar a compreensão leitora, pois Hugo foi alfabetizado em alemão, com dificuldades de expressão na língua portuguesa e possui pouca escolaridade, além de servir-se de uma linguagem extremamente coloquial.

E assim se inicia a narrativa que origina a biografia de Josef Umann:

*[...] Depois nós trabalhamos como agricultores, nós éramos uma família de interior. Eu tive que começar cedo a trabalhar, mas com cinco anos e meio fui na aula e aprendi bem. Fui considerado um dos melhores alunos, mas nós aprendemos a trabalhar desde cedo. O pai foi assim. Fomos o segundo forno de fumo<sup>10</sup> de Linha Cecília. O primeiro foi um tal de Pedro Lüncke. Naquela época, era novidade a entrada do fumo. Era novidade o fumo assim, primeiro era somente de galpão o fumo. Depois, a Souza Cruz<sup>11</sup> mandou os*

<sup>10</sup> Forno de fumo onde é colocado o fumo após a colheita para secar.

<sup>11</sup> Souza Cruz empresa fumageira responsável pela compra de fumo do agricultor.

*instrutores de fumo*<sup>12</sup>. Então, nós trabalhamos no fumo, desde hoje eu ainda me lembro que era de noite eu dormia com 3 ou 4 anos em cima do fumo, quando começamos a trabalhar. E até hoje nenhum dos meus irmãos e eu fumamos. Eu tenho 86 anos e uma boa saúde. Isso se vê que o trabalho e o fumo não prejudica ninguém. Nunca tive azia. [...] Nós não éramos judiados somente tínhamos que trabalhar, nos alimentávamos bem. Tanto que nem tenho azia nem dor de cabeça. (HUGO UMANN, 2014).

Neste sentido, as crianças embora pequenas, a partir do século XIV se vestiam como os adultos, frequentavam os mesmos ambientes e os ajudavam sem haver uma distinção para a categoria de infância (ARIÈS, 1981). Porém, ainda no início do século XIX, as crianças, a partir de 4 ou 5 anos, em Linha Cecília, se vestiam com calças compridas e blusas de mangas compridas, por vezes com um chapéu, assim como os adultos para trabalhar na agricultura e colaborar financeiramente com a família. Tal característica foi comum entre os filhos de imigrantes<sup>13</sup> e colonizadores<sup>14</sup> que vieram para o Rio Grande do Sul.

Imagem 7 - Filhos de Alfredo Umann, netos de Josef Umann, ainda crianças trabalhando com plantação de fumo.



Fonte: arquivo pessoal de Claudio Laury Brandenburg.

Para Braum (2010) “as famílias numerosas ou com poucas posses, bastava ter meia dúzia de filhos para que o colono<sup>15</sup> tivesse ajuda em seu trabalho” (BRAUM, 2010, p. 50). O trabalho infantil, visto pela família sem o caráter de exploração, era verificado no caso

<sup>12</sup> Instrutores de fumo são responsáveis por orientar o plantio, coleta e insumos usados na colheita do fumo.

<sup>13</sup> Imigrante é aquele que imigra, ou seja, aquele que entra em um país estrangeiro, com o objetivo de residir ou trabalhar. O imigrante é visto pela perspectiva do país que o acolhe, é o indivíduo que veio do exterior.

<sup>14</sup> Colonizador é aquele, ou quem coloniza ou promove a colonização.

<sup>15</sup> Colono membro de uma colônia, habitante de colônia ou possessão, cultivador de terra que pertence a outrem. Esta colonização também pode se revestir de um caráter político de ocupação, dominação ou exploração de um território por um governo.

de Josef Umann, que reproduziu com seus filhos no Brasil o que vivenciou na sua infância na Alemanha, já que também trabalhava:

[...] filho de pais pobres e trabalhadores, abençoados por uma prole bastante numerosa, desde os cinco anos precisei sentar à roda de fiar e tecer diariamente, não podia pensar em meus brinquedos infantis antes de tecer a partida de lã que minha mãe me destinava, o que geralmente ocorria antes do anoitecer. Se dissesse que gostava de fazê-lo, mentira, era o medo do castigo que me levava a obedecer à determinação de meus pais. Quando completei cinco anos ingressei na escola, desde então dividi com ela a roda de fiar e as minhas atividades infantis (FLORES, 1981, p.7).

A autobiografia de Josef, traduzida por Flores (1981), confirma esse costume de manter as crianças ajudando os pais no trabalho na agricultura e nas atividades do lar.

O que se pode perceber com o relato de Hugo e da própria autobiografia de Josef Umann é que a família não desprezava o apreço pela educação formal, ao contrário, gostavam muito de ler histórias medievais. Inclusive, quando Josef entrou no Partido do Trabalhador Alemão leu a filosofia de Rousseau.

*[...] o pai era sócio da Sociedade de Linha Cecília Canto e Bom Humor e de Linha Auto Sampaio. Em alemão era Cecilia Linie Corner Society und gute Laune e hoje foi mudado para Jovialidade. Lá tinha ao redor de 4000 livros depois no tempo da Segunda Guerra foi tirado muitos livros, mas meu pai sempre trouxe em dúzias, era um pouco longe de casa. Nós tínhamos como condução os cavalos. Nós tínhamos à noite um lampião, tinha um dia um visitante e o meu pai disse, a meu respeito: este fica enquanto a luz queima. Eu gostei sempre da leitura principalmente o que é muito interessante não posso citar todos, mas gostava principalmente de aventura, como: Einwanderer in Nordamerika (Imigrantes na América do Norte), Como trabalhavam lá os piratas do Rio Mississipi. Nossa família sempre gostou da leitura meu vô gostava das aventuras também. Herdamos o gosto pela leitura e você, Cristine, também gosta de escrever. Fiz rascunho tenho que organizar melhor, com tempo.*

A respeito das iniciativas e pioneirismo da família, Hugo relata:

*[...] Nossa família foi sempre destaque. Sempre os primeiros desde o tempo do vô. Impulsionavam, tivemos um pequeno rádio, o primeiro de Linha Cecília era um Madalena com fone de ouvido. Naquele tempo vinha um representante que dava como uma amostra para ficar alguns dias para testar. Depois o pai comprou bateria, tinha que carregar em um engenho de Cerra em Linha Santa Emília. Levava à cavalo, de um lado uma caixinha com a bateria, do outro uma caixinha com uma pedra, como contra peso. Alguns tinham cata-ventos, como meu tio, para carregar as baterias que colocava em uma coxilha. Ele funcionou nove anos depois que meu tio faleceu. A primeira bicicleta foi nós que tínhamos, depois entrou negócio de luz fomos os primeiros de Linha Cecília. Nós sempre éramos na ponta. Devemos isso a Josef porque ele puxava a frente sempre, como se diz hoje ele era empreendedor, a comunidade sempre respeitava-nos, porque estudávamos, ficávamos lendo. [...] Meu avô foi sócio fundador de uma das primeiras bibliotecas do município. Isto consta os pormenores no livro, meu pai disse. [...] Na nossa zona os professores não eram muito bons, quem sabia falar um pouco o português ainda na minha época era professor. Na época do meu pai tinha alguns professores que como Josef vieram da Alemanha com bastante conhecimento. Nossa família toda se*

*dedicou, um pouco sempre por conta própria, não tínhamos muitas condições, íamos nas casas de outros colonos ou na cidade para aprender o português. Josef na Alemanha também era muito estudioso por conta própria. Falávamos que nós falávamos muito bem o português. Mas é porque sempre líamos desde meu avô, meu pai, meus irmãos, os netos agora e bisnetos. Ainda no meu tempo eu tinha aula, alemão nos primeiros anos. Depois que fomos mudar para o português. Era outro Brasil dentro das colônias. Eu ainda hoje em dia leio muito sobre geografia, história, medicina, canto, dança, motores, paleontologia, coisas pré-históricas, isto é tão cativante só que infelizmente muito em alemão, livros ainda da época do meu pai e avô. Busco até nas sociedades. Leio em português, li por exemplo Tarzan o filho da selva, é maravilhoso embora seja uma história é muito bonita e fantasiosa. Outro livro interessante como o diabo do mar que foi da Alemanha aos Estados Unidos aventura antes da 1ª Guerra muito interessante. Lá eles já tinham tipo Ford Bigodes mais avançados que aqui. Nós tínhamos globo em casa, enciclopédia em casa, dicionário. Tem gente que diz hoje em dia você acredita que o homem foi dentro da lua. Eu acredito que foi em cima da lua, eu precisava de uns livros mais novos. Desde 1960 já falavam dos fracassos tentativas para a Lua. Desde os primeiros detalhadamente quem como eu acredito na ciência sabe que é verdade. Eu acredito e compreendo. O que não posso entender este negócio de fantasma, transmissão de ideias eu creio, você pensa em uma pessoa ela aparece são coisas místicas.*

O relato acima demonstra que, apesar de agricultores, a família de Josef Umann possuía boas condições financeiras. Eles sempre estavam adquirindo os novos produtos lançados no mercado, eram inovadores e possuíam influência na região. Tal prestígio foi justificado por Hugo pela escolarização diferenciada de sua família.

Hugo Umann seguia a mesma a religião de seus avós e pais, como relata no trecho a seguir:

*[...] Bem, meu avô Josef ele não acreditava nestes contos de fada. Ele era socialista, nos tratamos como Darwiniano. O pai também não nos deixou batizar por que disse que consta na bíblia são praticamente como pra fazer contrato de negócio. Ele não acreditou desde o meu avô. Então nós se criamos, sempre fomos muito bem educados, honestos, se destacamos por isso, sempre tivemos uma certa distinção entre a comunidade. Acreditávamos que não deveríamos fazer para o outro o que não queríamos para nós. Tínhamos vizinhos que não vinham nos visitar por isso. Mas sempre me dei muito bem nos bailes com as meninas que vinham dançar. Hoje tudo mudou, eu também pertença à religião Evangélica Luterana a gente tem que acompanhar o fluxo. Porque quando você esta entre os lobos você tem que uivar com eles. Eu respeito outras crenças. Mas se perguntar se acredito que Maria engravidou do Espírito Santo, como meu pai e meu avô disse, isso é conto para fazer os gatos dormir. Essa história não está bem contada. A bíblia foi escrita por judeus, agora tem pergaminhos que dizem que Jesus era monge. Eu sei que ele existiu, mas não acredito que ele salvou o mundo, pois não vejo salvação do mundo. Creio que todos somos filhos de Deus. Um vizinho me perguntou tu acredita em Jesus? Sim foi filho de Judeus, o que ele fez ensinou o povo a viver, isso nós também fizemos. Nós não roubamos, nós não matamos. Não nos confessamos, nestes jornais antigos contam que confissão é uma piada, isso tudo vinha nestes jornais em alemão do meu vô. Porque os padres tinham carreiras cumpridas, bem para confessar sempre tinha quem fazia algo errado. Minha avó contou que o pai dela era carroceiro, às vezes levava o padre até as comunidades e em um dia ele estava dormindo na sala esperando o outro padre que veio e disse: o Michen está dormindo e na verdade ele fingiu estar. Quando ele escutou os padres deixa eu lhe contar as confissões de cicrana e riam trocando as conversas. E eram muito católicos naquele tempo em hoje Tchecoslováquia. O pai dela disse a minha avó e*

*irmãs para, assim como meu avô, ” proíbo todos de confessar”. Se vocês não fizerem nada de errado não precisa, basta serem corretos e não fazer mal a ninguém.*

O que vem ao encontro da ideia filosófica de Max Weber (1999), segundo a qual naquela época havia pessoas que não possuíam religião por não acreditarem na Igreja, pois, o autor interroga: pecar, repetir o pecado e ser então perdoado? O mais correto não seria o ser humano ter uma conduta moral e ética? O que não significa sua descrença em Deus, mas alguns eram renitentes quanto à religião:

Não havia lugar para ciclo essencialmente humano dos católicos, de: pecado, arrependimento, reparação, relaxamento, seguidos de novo pecado; nem havia balança de mérito algum para a vida como um todo, que pudesse ser ajustada por punições temporais ou pelos meios de graça da Igreja (Weber, 1999, p. 82).

No Brasil, a religião predominante era a católica, mas os alemães não comungavam com os princípios católicos. Isso gerava discriminação e preconceito, que sempre existiram culturalmente em nossa sociedade, como esclarece Hugo Umann:

*[...] Nós não fomos criados para debochar dos outros. Inclusive nós tínhamos desde a época de meu avô, negro em casa para servir. Eles comiam conosco na mesa, eram gente boa, trabalhadores, limpinhos, aprendiam até o alemão. Mas o povo brasileiro é muito mal educado nesta questão, eles nos proibiram de falar alemão e confiscaram nossos livros. Preconceito sempre existiu.*

Hugo Umann comenta a relação entre os alemães e os portugueses, inclusive questiona a História oficial do Brasil. Fazendo emergir uma contra história bem diferente daquela divulgada nos livros didáticos e ensaios eurocêntricos acerca do Brasil e sua colonização:

*[...] Dona Leopoldina prometeu mundos e fundos para os alemães, quando chegaram aqui eram tecelões, vidreiros, não sabiam agricultura. Ela foi uma mulher sofrida por causa de Dom Pedro que foi um carrasco. Ela já estava adoentada e ele foi na cama da amante. Ela faleceu aos trinta e poucos anos de idade, ela foi dos Hasburgo, uma classe muito alta da nobreza. Tu achas isso no computador, provavelmente, diz que ela estava grávida e ele deu um pontapé e ela perdeu o filho, ali sangrando, o filho foi tirado era do sexo masculino. Este livro ainda existe está em Linha Cecilia com o Nico Reckzieguel e em alemão. Este livro é muito amplo. Na época medicina não era muito boa. Outra coisa nas cartas náuticas o mapa foi feito por um Alemão Martin Waldseemuller estava na expedição de Cabral ao Brasil e participou da descoberta. Isto está nos livros e você acha.*

Essa narrativa realizada pelos alemães é contraditória à narrada pelos brasileiros e portugueses. Já que, para os alemães, Dona Leopoldina morreu de um chute na barriga de seu marido, que já possuía amante, abortando seu filho e sangrando até morrer. Ele afirma que alguns desses livros não foram queimados e ainda é possível adquirir alguns livros que

demonstram esse relato. No entanto, apesar de interessante, como este não era o foco da pesquisa, não me detive a essa discussão, mas importa enfatizar o quão relevante podem ser os relatos orais para o desvelar de outras narrativas, por vezes invisibilizadas pela História oficial.

A agricultura e a cachaça, tradições herdadas por três gerações, são um ponto que não pode ser esquecido na história de vida de Josef Umann, segundo a visão de Hugo Umann:

*[...] Como meu avô fez cachaça, meu pai eles faziam para o consumo próprio ou festa, nós também fizemos. Comecei com um pequeno alambique, eu e o meu irmão Arno, nas terras vizinhas que pertenceu ao meu avô. Era a cachaça dos Irmãos Umann. Tenho hoje 11 hectares, me mudei para Linha 17 de Junho<sup>16</sup> e produzia cachaça até uns anos atrás sozinho, o meu irmão foi para o Paraguai. Parei isso, era muito artesanal, tinha que fazer cursos. Hoje colho milho, antigamente por hectare<sup>17</sup>, na época do meu avô, o colono colhia em torno de 100 sacos de milho, hoje se colhe 150 a 180 sacos por hectares. Mudou muito o sistema de plantio, tem mais adubo, calcário, plantio direto. Se colhe com máquina, antigamente debulhava com a mão, era tudo mais difícil.*

Imagem 8 – Rótulo de cachaça dos Irmãos Umann



Fonte: Arquivo Escola 25 de Junho de Linha Cecilia.

Ao longo da narrativa, Hugo expressa sua dificuldade de trazer à tona suas memórias, por questão de saúde. Ao mesmo tempo, explicita sua alegria em poder conversar e contar sua vida, falar dos costumes da família, porém lamentando o fato de, nos tempos de hoje, já não se transmitirem os costumes de geração para geração por meio da oralidade, quando afirma:

<sup>16</sup> Linha 17 de Junho - interior do município Venâncio Aires – RS.

<sup>17</sup> Hectare equivalente a 10000 metros quadrados.

*[...] Pra contar histórias eu tenho que fazer um rascunho mais amplo, às vezes tenho tontura, o médico disse que era da idade, às vezes, tomo minha cervejinha, vinho, cachaça, junto um pouquinho. Alguns ditos do meu avô que disse ao meu pai: quando corre um ladrão segura o ladrão. Saudosismos das tradições porque antes se cantava todo mundo ficava no silêncio, dançávamos depois. Hoje sei um pouco do que foi transmitido ainda em alemão. Reuniões de canto três sociedades faziam festas em conjunto. Linha Brasil, Cecília e Isabel.*

O fato de Hugo não se recordar de detalhes se justifica em Santo Agostinho (1987), para quem as memórias armazenadas compõem um palácio, podendo ser de natureza intelectual, dos sentidos, memória e as ideias inatas, memória de matemática, lembra-se de lembrar, afetos da alma, memória das coisas ausentes, memória lembra-se do esquecimento, memória a Deus:

“E quando falo do esquecimento, e reconheço de que falo, como poderia eu reconhecê-lo se dele não lembrasse? Não falo do som da palavra, mas da realidade que ela exprime. Se eu a tivesse esquecido, não seria capaz de reconhecer o significado de tal som. Por isso, quando me lembro da memória é por ela mesmo que se apresenta a mim em algum lugar do palácio da memória; mas quando me lembro do esquecimento, este e a memória estão presentes simultaneamente: a memória, com que me recordo, e o esquecimento, de que me recordo (AGOSTINHO, 1987, p. 182).

O gosto pela leitura e informações, por exemplo, só se tornou possível, segundo Hugo, porque foi transmitido de geração em geração, como se observa no trecho citado abaixo. Lamenta, no entanto, a dificuldade de conseguir acesso aos meios de comunicação onde mora porque não há uma cultura leitora:

*[...] Antigamente Josef lia e recebia jornal e livros da Alemanha ou de Porto Alegre sempre se informava. O correio não funciona mais para nós hoje em dia. O pai lia o Neue Deutsche (Novo Alemão), vinha acompanhando novelas romance curtos, andando pelo mundo com a carroça verde, era uma história de circos. Muito bonitos estes contos. Dentro havia informes sobre abelhas etc. Vêm estes informes de Nova Petrópolis, mas no interior não vêm mais. Vinha para as vendas a correspondência. Hoje somente a conta de luz chega. O Arno, meu irmão, ainda lê uma revista da Alemanha, As estrelas. Isto é muito amplo. Sinto falta dos jornais alemão.*

Ante ao cansaço aparente de Hugo, encerramos o diálogo. Não para sempre, mas temporariamente. Como retornaria para Fortaleza em breve, marcamos a segunda coleta de dados para abril de 2014, mês em que eu retornei para Venâncio Aries em busca de outros documentos de Josef Umann.

No retorno seriam visitados: o Museu do Colégio Mauá em Santa Cruz do Sul-RS; a Sociedade de Leitura Canto e Jovialidade de Linha Sampaio, no município de Venâncio Aires- RS; a Sociedade de Cultural Bom Humor de Linha Cecília, no município VA-RS; a

Escola 25 de Julho de Linha Cecília, no município VA-RS; o Memorial da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC)-RS; e o Museu de Venâncio Aires, pois todos se encontravam fechados no período da primeira temporada de coleta de dados.

Na segunda visita ao Sul, além de ingressar nos referidos ambientes e desenvolver uma criteriosa pesquisa em cada um deles, também busquei terminar a coleta das oralidades com as narrativas de: Nilda Umann, nora de Josef Umann; Norma Jaeger, bisneta; Hugo Umann (em continuação), neto; Olgário Vogt, diretor e historiador do memorial UNISC; Adenice Becker, diretora da escola fundada por Josef Umann; e Hilda Agnes Hübner Flores, historiadora Alemã que traduziu o livro de Josef Umann.

Abril a Maio de 2014.

Na segunda visita ao Sul, realizada em ambientes supracitados e desenvolver uma criteriosa pesquisa em cada um deles, também houve a busca pelo término da coleta das oralidades, com as narrativas: da nora Nilda Umann; da bisneta Norma Jaeger; do neto Hugo Umann (em continuação); do diretor e historiador do memorial UNISC Olgário Vogt; da diretora da escola fundada por Josef Umann Adenice Becker e de Agnes Hübner Flores, historiadora Alemã que traduziu sua autobiografia.

Neste momento, um rico arcabouço de fontes documentais e orais foi descoberto. Mais uma vez fui para a pesquisa com uma expectativa que se aproximou muito da realidade. Aprendi que o espaço das surpresas em história oral é enorme. Senti a afabilidade, a entrega e a transparência dos atores, em sua simplicidade.

Sexta-feira Santa, feriado no Icarai – CE, juntamente com os familiares aqui do nordeste, me preparei, ansiosa, para a viagem ao Sul que aconteceria no sábado de Aleluia.

Imagem 9 – Parte da minha família de coração em Fortaleza; a primeira, à esquerda, Gutencilda Colares de Vasconcelos, eu, Amanda Pinheiro e Soraya Gondim Vasconcelos



Fonte: Arquivo pessoal de Cristine Brandenburg



A imaginação se entrelaçava com a emoção, que corria ao longo da minha mente. Rever meus familiares e conhecer um pouco mais da vida do meu tataravô me deixava muito contente.

Sábado, às 16h00 do dia 19 de abril de 2014, sob uma temperatura de 32° Celsius, me dirigi ao embarque do Aeroporto Internacional Pinto Martins, em Fortaleza – CE, com destino ao Rio grande do Sul. O voo saiu pontualmente às 17h58, sendo que o coração estava à mil. Desembarquei no Aeroporto Internacional Salgado Filho a 1h00 do domingo de Páscoa. No primeiro momento senti o choque da temperatura. Havia saído a poucos instantes de uma praia e me deparei com o frio de 5° Celsius da capital gaúcha. Acabei passando o resto da madrugada no aeroporto, pois a condução para minha cidade somente partiria depois de 6h00. Entretanto, embora o resfriado contraído em Fortaleza ainda se manifestasse forte e com uma tosse persistente, foi agradável ficar na cafeteria do aeroporto de Porto Alegre. Aproveitei a madrugada gelada para concluir a releitura da história de vida de Josef Umann.

Às 6h00, peguei o ônibus para Venâncio-Aires, o que me fez lembrar das viagens durante minha graduação, na Universidade de Santa Cruz do Sul-UNISC, pois o modelo automotivo da empresa União Santa Cruz se assemelhava ao que ora embarcava. Embarcada, me vinham misturadas muitas recordações, aqueles campos verdes da minha infância e da adolescência, que tanto fizeram parte do meu cenário de vida.

Pontualmente, cheguei às 8h00 em Venâncio – Aires onde meu pai Claudio Laury Brandenburg e minha irmã Jeane Brandenburg me aguardavam. Seguimos para nossa casa onde o restante da família nos aguardava. O almoço de domingo santo foi na casa dos sogros do meu irmão Guilherme, ou seja, da família Roos. Sendo que, agora, a temperatura estava mais amena, em torno de 14° Celsius. Eu ainda me sentia abatida e cansada da viagem, mas este fato não diminuiu a alegria de estar entre meus entes queridos, apreciando o chimarrão em volta do fogão à lenha<sup>18</sup>.

---

<sup>18</sup> Fogão à lenha espécie de fogão com chapa de ferro à base de fogo de lenha. Serve para aquecer a cozinha e cozinhar no inverno, principalmente com panelas de ferro. Muito usado por imigrantes Alemães e Italianos no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, estados do Brasil.

Imagem 10 - Almoço de confraternização de Páscoa. Na primeira fila Claudio Brandenburg, Jeane Brandenburg, Laura Roos, Elza Brandenburg, Daiana Lopes, Daniel Brandenburg. Na segunda fila eu, Matheus Roos, Gilberto Roos, Ângela Roos e Guilherme Brandenburg.



Fonte: Arquivo pessoal de Cristine Brandenburg

Imagem 11 - Fogão à lenha



Fonte: Arquivo pessoal de Cristine Brandenburg

Lamentavelmente, em 21 de abril de 2014, amanheci com um pouco de febre em torno de 38° C e um pouco triste, pois às 10h00 meu irmão Daniel e minha cunhada Daiana voltaram para Rio do Sul<sup>19</sup>, onde fixaram domicílio. A casa ficou um pouco vazia, mas o almoço do feriado estava animado pela visita de amigos.

---

<sup>19</sup> Rio do Sul município do estado de Santa Catarina pertencente ao Brasil.

No período da tarde, um pouco melhor, iniciei minhas buscas por fotos e documentos antigos que poderiam estar em uma mala de madeira<sup>20</sup> que pertenceu a Josef Umann, guardado por minha avó Olinda Brandenburg, neta de Josef Umann.

Imagem 12 - Mala de madeira que pertenceu à Olinda Brandenburg.



Fonte: Arquivo pessoal de Olinda Brandenburg

Nesta busca encontrei diversas fotos. No entanto, embora contasse com a ajuda do meu pai Claudio não conseguimos identificar todas. Ficou, então, a esperança de que Hugo e Nilza Umann pudessem esclarecer os acontecimentos e reconhecer as pessoas presentes nos retratos.

Encontrei fotos do bilhete da balsa que fazia a travessia do Rio Guaíba<sup>21</sup> em Porto Alegre, onde os imigrantes da Colônia de São Leopoldo<sup>22</sup>, no Rio Grande do Sul, escorriam suas safras. Provavelmente, Josef Umann fazia negócios ou ia visitar outros estrangeiros que chegavam ao Brasil, a fim de trocar informações, o que era costume na época, de acordo com os depoimentos de Hilda Flores.

Imagem 13 - Balsa de travessia de Porto Alegre – RS no Rio Guaíba.



Fonte: Arquivo pessoal de Olinda Brandenburg

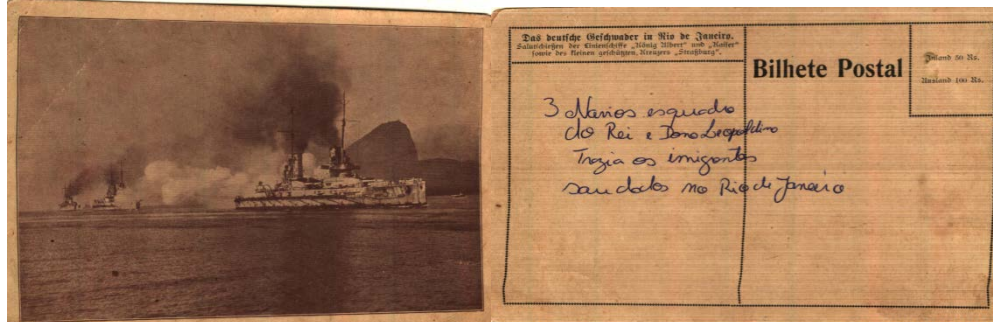
<sup>20</sup> Mala de madeira os primeiros imigrantes alemães no início do século XIX traziam consigo no navio para o Brasil uma caixinha de metal pequena onde tinham os documentos e uma mala de madeira onde traziam as roupas.

<sup>21</sup> Rio Guaíba principal afluente que banha Porto Alegre - RS e Vale dos Sinos.

<sup>22</sup> Colônia de São Leopoldo, localidade de chegada dos primeiros imigrantes alemães, em 25 de Julho de 1824.

Outro bilhete postal encontrado, em forma de foto, mostrava a esquadra com três navios de Dom Pedro I e Dona Leopoldina, trazendo imigrantes de *Strazßburg*<sup>23</sup>, na Alemanha, para o porto do Rio de Janeiro, no Brasil.

Imagem 14 - Esquadra de Dom Pedro I e Dona Leopoldina que trazia imigrantes da Alemanha para o Brasil.



Fonte: Arquivo pessoal de Olinda Brandenburg

A surpresa foi grande, ao encontrar três fotos, apresentadas na sequência das imagens 14,15 e 16, que demonstravam as terras de Josef Umann ao longo das décadas e mostravam meu bisavô, Alfredo Umann, tratando os animais no potreiro<sup>24</sup>.

Imagem 15 - Terras de Josef Umann em 1900.



Fonte: Arquivo pessoal de Olinda Brandenburg

<sup>23</sup> *Strazßburg* província às margens do Rio Reno na Alemanha, de onde partiram os imigrantes para o Brasil.

<sup>24</sup> Potreiro um termo regional do Rio Grande do Sul para denominar uma área cercada com pasto e água, para confinamento de animais.



Imagem 16 - Terras de Josef Umann em 1922.



Fonte: Arquivo pessoal de Olinda Brandenburg

No ano de 1922, nasce Olinda Brandenburg na casa construída por Josef Umann.

Imagem 17 - Casa de Josef Umann em 1942.



Fonte: Arquivo pessoal de Olinda Brandenburg

Na imagem acima Alfredo Umann trata animais no poteiro em frente à casa estilo *Chamel*<sup>25</sup> que seu pai Josef Umann construíra. Na varanda Hugo Umann, neto de Josef.

Outra foto foi a da Sociedade de Canto e Jovialidade *Frohsinn*<sup>26</sup> de Linha Alto Sampaio, fundada em 1892, no interior de Venâncio-Aires, logo que a construíram. Josef Umann, sócio, sempre buscava na sede os livros para ler, frequentava as festas, acompanhava as reuniões, compartilhava os jogos de bolão e participava das demais comemorações e solenidades.

<sup>25</sup> Casa estilo *Chamel* modelo de casa adotado no Brasil por imigrantes alemães. A cozinha, construída com o fogão à lenha, ficava ao lado da casa isolada por um vão que também separava quartos e sala. Esta estrutura era planejada para resguardar ambientes íntimos do risco de incêndio, evitando, em caso de sinistro, que o fogo se alastrasse da cozinha e atingisse outros compartimentos.

<sup>26</sup> Sociedade de Canto e Jovialidade é a mais antiga do município de Venâncio- Aires – RS, fundada pelos imigrantes Boêmios.

Imagem 18 - Sociedade de Canto e Jovialidade *Frohsinn* de Linha Alto Sampaio.



Fonte: Arquivo pessoal de Olinda Brandenburg

Imagem 19 - Josef Umann.



Fonte: Arquivo pessoal de Olinda Brandenburg

Na sequência encontrei a foto da primeira esposa de Josef Umann, Pauline Bartel, mãe de Ana, que se casou com um Günther. Pauline morreu ainda jovem, aos 36 anos.

Imagem 20 - Pauline Bartel.



Fonte: Arquivo pessoal de Olinda Brandenburg

Josef veio a conhecer Caroline Elizabeth Niendorf. Ainda jovem, Caroline casou-se com Theodoro Becker, pastor da sua confirmação, o correspondente evangélico para o voto católico de comunhão. O casamento deles foi consentido por sua família pelo fato de o religioso ser figura relevante, e, na época, gozando de prestígio na comunidade. Porém, este demonstrou ser pedófilo, perseguindo e assediando as meninas jovens, depois dos cultos. Carolina, por não suportar a situação, pegou uma carroça de boi, sua cama, um armário e o filho menor, retornando à casa dos seus pais em Conventos, interior do município de Lajeado, vizinho a Venâncio-Aires. Josef, então viúvo, ao conhecer senhora tão distinta não teve dúvidas e casou-se com ela, com quem teve mais três filhos: Reinold, Alfred e Fritz.

Imagem 21: Caroline Becker e Josef Umann, 2ª esposa.



Fonte: Arquivo pessoal de Olinda Brandenburg

Alfredo Umann, casado com Florentina Luiza Wunsch, foi o filho que terminou de escrever as memórias do pai e residiu nas terras deixadas por ele. Ressalte-se que as noivas dos imigrantes alemães casavam-se de preto isto porque, na fala da historiadora Angelita da Rosa, responsável pela exposição das noivas de preto do Museu de Venâncio-Aires, *era um hábito. Como o tecido era caro e havia poucos recursos a cor combinava com todas as ocasiões: batizado, enterro, aniversários, festas na comunidade, além de missas e cultos.*



Imagem 22 - Casamento de Alfredo Umann e Florentina Luiza Wunsch.



Fonte: Arquivo pessoal de Olinda Brandenburg

A união de Florentina e Alfredo Umann resultou em um casamento feliz, evidência testemunhada pela continuidade da família Umann, através dos seus oito filhos, como demonstram as fotos abaixo.

Imagem 23 - Família de Alfredo Umann.



Fonte: Arquivo pessoal de Olinda Brandenburg

Descrição: Na segunda imagem podemos ver na 1ª fila Laura Bohn, Florentina Umann, Alfredo Umann e Olinda Brandenburg. Na 2ª fila Edgar Umann, Arno Umann, Hugo Umann, Elza Niedermayer, Olga Ritt e Irene Ritt.

Olinda Umann, filha de Alfredo e neta de Josef Umann contraiu matrimônio com Wilibaldo Brandenburg, com quem teve três filhos: Norma Jaeger, Astor Werner Brandenburg e Claudio Laury Brandenburg, o meu pai. Olinda recebeu destaque especial na família, porque engravidou do namorado antes do casamento, contrariando uma educação

conservadora e patriarcal, como expressa um trecho do livro de Fialho, Castro e Silva Júnior (2014):

Seguindo os princípios deixados pelo seu pai Josef Umann, Alfred anunciou sua oposição ao casamento imediato, impondo ao genro que fosse em busca de profissionalização e estabilidade financeira caracterizadas “por uma junta de boi, uma roça plantada e uma casa própria”, acreditando que, se o seu amor fosse realmente verdadeiro, o genro voltaria para assumir sua filha. Essa imposição acarretou grande tristeza ao casal, pois impossibilitou a continuação do enlace, impedindo Wilibaldo de se encontrar novamente com Olinda. Diante dessa situação, o rapaz desapareceu do convívio com a moça, que foi obrigada a continuar sua gestação como se nada houvesse ocorrido. (FIALHO; CASTRO; SILVA JÚNIOR, 2014, p. 44-45).

Imagem 24 - Casamento de Olinda e Wilibaldo Brandenburg.



Fonte: Arquivo pessoal de Olinda Brandenburg

Encontrei também vários *Carte Postale*, ou seja, Cartão Postal que serviam para trocar correspondência e mostrar as belezas do Brasil e da Alemanha, com parentes distantes. Inclusive, encontrei muitos destes de Josef para seu filho Reinold, que morava em Rio Pardo<sup>27</sup>.

<sup>27</sup> Rio Pardo município do estado do Rio Grande do Sul.

A Igreja Matriz de São Sebastião Mártir é o principal monumento da cidade de Venâncio-Aires, fundado em 1864 e depois reconstruído em um novo templo, posteriormente inaugurado em 1895, homenageando o padroeiro do município, São Sebastião. Seu arquiteto foi o Alemão Simão Gramlich. Hoje, a construção é considerada a segunda maior igreja em estilo neogótico da América Latina.

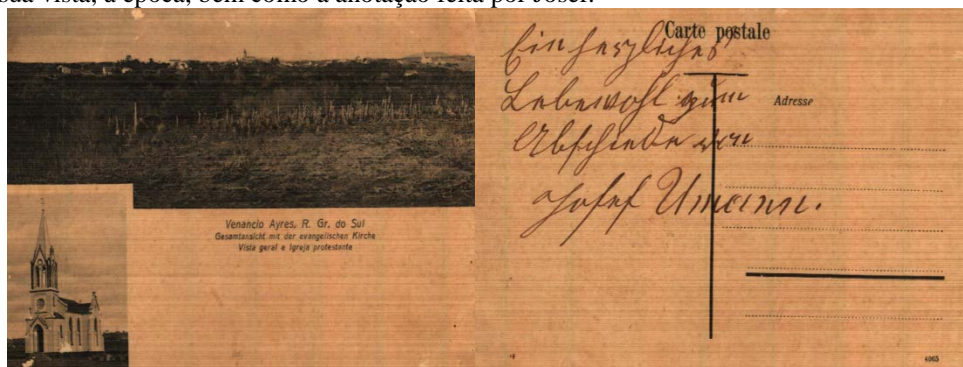
Imagem 25 - À esquerda, a Igreja Católica da Paróquia São Sebastião Martín, fundada em 1884 e, ao lado, a mesma, em foto comparativa atual.



Fonte: Arquivo pessoal de Olinda Brandenburg

A Comunidade Evangélica de Confissão Luterana do Brasil foi construída em 1884, em Venâncio-Aires, porém, o templo foi demolido, reconstruído e reinaugurado em 1982. O cartão postal, como demonstra o verso escrito por Josef Umann, mostra a vista da cidade a partir das suas terras, em Linha Cecília – VA.

Imagem 26 - Comunidade Evangélica de Confissão Luterana do Brasil fundada em 1884, sua vista, à época, bem como a anotação feita por Josef.



Fonte: Arquivo pessoal de Olinda Brandenburg

Imagem 27 - Comunidade Evangélica de Confissão Luterana do Brasil. Novo templo inaugurado em 1982, como mostra foto da igreja atual.



Fonte: Arquivo pessoal de Olinda Brandenburg

Em 22 de abril, o dia amanheceu chuvoso, eu com febre e uma tosse que persistia ainda muito, me deixando acamada sem poder sair de casa. Apesar da forte gripe tentei buscar ânimo para agendar as demais visitas. Então, liguei para o Museu do Colégio Mauá em Santa Cruz do Sul para pesquisar sobre as peças museológicas que estão sob sua custódia. Agendei visita para o dia 25 de abril no período das 14h00. Também neste dia fiz contato com o Memorial da UNISC, descobrindo que o responsável somente retornaria no dia 25 de abril.

Cansada e abatida pelo resfriado me rendi aos cuidados dos meus pais e descansei na companhia deles o resto do dia.

Quarta-feira, 23 de abril, o dia estava nublado e frio e eu ainda muito resfriada. Mesmo assim pulei da cama, tomei um café reforçado e fui ao Jornal Folha do Mate, também responsável pela mídia impressa de VA, desde seis de outubro de 1972. Neste jornal eu esperei achar algo sobre o Centenário de Linha Cecília, no entanto, todo o arquivo fora doado para o Museu de Venâncio-Aires.

Voltei para casa muito desanimada, almocei e descansei um pouco, quando me veio um *insight*: *Será que Hilda Agnes Hübner Flores ainda está viva? Ela fez a tradução do livro de Josef!*

Pulei da cama e liguei para Líneo Felten, primo segundo do meu pai, que, por sua vez, trabalhou algum tempo como Secretário de Cultura no nosso município, à frente em alguns trabalhos no Museu de VA. Dizendo-me não ter mais o contato dela, embora já houvesse lhe falado várias vezes, lembrou-se de ela possuir parentes aqui na cidade, comprometendo-se em entrar em contato com alguém.

Comecei uma busca frenética, procurando na internet. Descobri que ela é casada com Moacir Flores, um professor de História da PUC<sup>28</sup> de Porto Alegre e liguei imediatamente para o telefone do Departamento de História, mas a secretária relutou muito em me fornecer o telefone. Após insistir em demasia ela me cedeu o número de contato, para o qual logo liguei, mas, infelizmente, a ligação caía na caixa de mensagem.

Dirigi-me aos outros contatos que tinha para agendar. Liguei para Helga Haas, prima primeira de meu pai, esperando lá encontrar algo que pudesse acrescentar às minhas pesquisas, pois sua mãe, Irene Ritt, era neta de Josef e agendei a visita para segunda-feira, 28 de abril, na parte da tarde em Linha Dezessete de Junho. Como ficava no interior distante ela, gentilmente, sugeriu que eu pousasse na sua casa, o que me alegrou muito. Na sequência, deixei marcado com Hugo Umann o retorno da visita para o dia seguinte, 29 de abril de 2015, no período da manhã.

Dando continuidade aos contatos falei com a viúva de Renold Umann, Nilda Umann, com 98 anos de idade e morando em Rio Pardo, município do Rio Grande do Sul, distante duas horas de minha casa. Após me identificar como a neta de Olinda Brandenburg percebi sua alegria e marcamos para o dia nove de maio de 2015. Após a despedida me veio à lembrança a minha avó, em especial os momentos em que fazíamos visitas a esta senhora. O resto do dia transcorreu tranquilo, embora minha tosse ainda persistisse.

O dia 24 de abril, uma quinta-feira, estava ensolarado, com uma leve brisa e, seguindo o conselho de meus pais, aproveitei para passear um pouco pela cidade, pois queria rever alguns amigos e ainda estava muito abatida, em decorrência do resfriado. À tardinha, como de costume, muitos jovens e idosos costumam passear no calçadão da cidade e tomar chimarrão sentados na praça. Embora o ventinho gelado do sul, o qual chamamos minuano, estivesse me castigando com um pouco de frio não queria perder a oportunidade de rever os meus amigos.

À noite, voltei para a casa de meus pais e resolvi telefonar para Hilda Flores, finalmente conseguindo estabelecer contato, o que me fez estremecer de satisfação. Após me identificar e expor meus objetivos Hilda e o esposo Moacir se mostraram muito solícitos, me deixando novamente com muito ânimo. Marcamos a entrevista para o dia 26 de abril, um sábado, pela manhã, em sua residência em Porto Alegre. Naquela noite, dormi sonhando com os dias 25, 26 e 28, pois, sabia que, a partir dali poderia ter um norte para minhas pesquisas.

---

<sup>28</sup> Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre.



25 de abril me encontrou sentindo um cheirinho de infância, ao acordar: café da manhã com sonho de baunilha e *wafer*. O dia estava lindo e frio. Eu, ainda tossindo muito, tentei disfarçar ao máximo o desconforto para não preocupar minha mãe, demasiadamente protetora, mas não teve jeito e a gripe não dava trégua. Depois de acalmá-la quanto ao meu estado de saúde tomei meu banho e, às 8h00, peguei o ônibus para Santa Cruz do Sul, na rodoviária de VA. O trajeto de quarenta e cinco minutos foi percorrido olhando através da janela e constatando que a paisagem não mudara quase nada, desde a época da minha graduação.

Cheguei ao Museu Mauá às 9h00, sendo recebida pela secretária que me mostrou o berço confeccionado por Josef Umann para os filhos nascidos aqui no Brasil, destacando seu excelente estado de conservação, não obstante passados tantos anos. Naquele instante, o sentimento de alegria que experimentei se assemelhou à sensação de ter ganhado um delicioso chocolate. Logo a seguir senti um balde de água fria sobre minha cabeça, ao perguntar-lhe acerca de documentos e ser informada de não haver nenhum acrescentando, inclusive, que, se algo ainda restasse estaria sob a posse do Memorial-UNISC.

Imagem 28 - Berço confeccionado por Josef Umann para seus filhos.



Fonte: Museu do Colégio Mauá em Santa Cruz do Sul-RS

Neste dia almocei com uma grande amiga de graduação, Miriam Baron que, em seguida, me acompanhou à visita ao Memorial-UNISC. Chegamos lá por volta das 14h00 e a bolsista responsável desconhecia a existência de qualquer documentação sobre Josef Umann, porventura ali arquivada, nem mesmo na relação que viera do Museu. Indaguei pelo responsável, Olegário Vogt, que não se encontrava, ficando de entrar em contato na segunda-feira. Aproveitei o resto dia para passear pela minha instituição de graduação, na qual coleei grau em Bacharelado em Fisioterapia. Voltei para casa preocupada e me questionando: *Onde será que foram parar estes documentos?*

Na madrugada de 26 de abril havia uma cerração branquinha e o frio me convidava a ficar na cama, mas resolvi madrugar, pois tinha que pegar o ônibus para Porto Alegre às 6h00. A viagem foi tranquila naquele ônibus bem quentinho, onde dormíamos. Havia somente um murmúrio ao longe e a paisagem era de campo, com uma névoa pairando sobre.

Cheguei às 8h00 na rodoviária, com um sol tímido e ainda tossindo muito, mas me dirigi logo à casa dos Flores. Desci do táxi e interfonei, ouvindo a voz meiga de Hilda que me convidava a subir. Ao ver o casal de idosos, tão magrinhos, afáveis e de vozes doces que transmitiam confiança e sabedoria nos primeiros cumprimentos, logo me senti à vontade. Enquanto tomávamos um café eu me sentia um tanto envergonhada, por não saber ao certo como desvelar o meu propósito perante duas pessoas tão experientes. Os dois, enquanto pesquisadores, educadores e historiadores iniciaram os relatos, narrando suas histórias de vida e, aos poucos, foram dando rumo à minha pesquisa, indo ao encontro das minhas dúvidas.

Imagem 29 - Hilda, Moacir e eu.



Fonte: arquivo pessoal da própria pesquisadora

Seguem trechos da narrativa de Hilda e Moacir Flores.

*Hilda: [...] Herói não é perfeito ele teve seus defeitos, ele morreu e depois foi transformado em herói, assim como muitos bandidos hoje em dia são vistos como heróis depois de mortos ou ainda vivos.*

*Moacir: [...] Herói é uma criação mítica. A mitificação se faz em Heródoto que era o primeiro historiador 400 anos a.C. Ele tem uma frase que guardo com carinho “que grande mal os poetas fazem ao mundo”, porque ele vai pesquisar a história dos gregos e encontra a Odisseia e a Oíades de Homero e ele demonstra que Troia não foi destruída porque Helena foi raptada. O Padeste roubou foi o tesouro de Menelau e levou para o Egito o templo de Hércules. E ele tem que desfazer esta mitificação que Troia foi destruída porque Helena foi raptada. Porque nesta época a mulher não tinha valor na cultura grega ela estava em nível de escrava.*

Eu, seduzida frente a tamanho conhecimento, logo percebi que estava diante de dois estudiosos. No dia anterior tinha visualizado seus *Curriculum Lattes* e, somente com este trecho, já podia perceber que começava a avançar em minha humilde pesquisa. Estava me sentindo a própria pesquisadora e fui tendo, além de uma aula histórica, orientações e confirmações a respeito de como seguir este trabalho.

*Moacir: [...] Uma coisa importante na pesquisa é sempre estabelecer os conceitos. O que eu quero pesquisar, o que é, o que significa. Por exemplo: estou fazendo um dicionário de arcaísmo do Padre Vieira por exemplo “ os Portugueses estavam aposentados quando foram atacados pelos holandeses. O que significa estavam velhinhos. Não na verdade aposentado vem de aposento. Às vezes, nas transcrições temos que fazer tradução daquilo que é escrito ou falado, palavras que usamos com outro sentido. Eu sempre trabalhei com meus alunos conceitos quando por exemplo: vai trabalhar com imigração, o que é imigrante, imigração, pioneiro. Então todas as palavras importantes das ideias. Tem que ser conceituada antes inclusive para orientar a própria pesquisa. Nas minhas aulas sempre coloquei as palavras chaves no quadro para depois ministrar minhas aulas. Por que na historia as palavras têm significados diferentes ao decorrer dos anos, cada geração tem uma interpretação e valores diferentes.*

Realmente, a história, assim como a educação, vem sempre em constantes mudanças, um pouco a nível regional ou mesmo mundial, o que difere de um país para outro, sempre um transmitindo modelos para assim aperfeiçoar os conhecimentos. Os imigrantes alemães trouxeram um pouco disso, pois eles próprios organizavam um representante para ensinar as crianças. Moacir ainda relata:

*[...] educação lá no século XIX o que significava educação. Educação é na família. A educação deveria estar com a teologia da época. Não interessava se era católico, luterano, calvinista deveria estar de acordo com a teologia da sua religião e além disso da orientação do estado. Isso era feito em casa. O professor ensinava conteúdo, o professor era uma pessoa especializada em línguas, é somente ver quem eram os professores da época eles ensinavam português, inglês, francês, história, geografia. E a alfabetização no século XIX era individual o professor recebia o aluno e ele era alfabetizado isoladamente. Depois que ele alfabetizou aquele aluno ele receberia outro para alfabetizar. O aluno tinha atenção integral do professor. O professor tinha que fazer um exame perante a câmara dos vereadores ele deveria estar dentro dos padrões da sociedade dos valores, do imaginário da sociedade para ganhar a licença para lecionar no século XIX.*

Na conversa com Moacir pude observar certa divergência e tive uma maior afinidade com as ideias de Philippe Ariès (1981, p. 174) quando afirma que “desde o início do século XV, pelo menos, começou-se a dividir a população escolar em grupos de mesma capacidade, que eram colocados sob a direção de um mesmo mestre, num único local.” Coisa que os imigrantes Alemães valorizavam e sempre que havia um grupo de crianças na comunidade este era alfabetizado. Particularmente, Josef Umann, no século XIX começou a



dar aula em sua residência. Entretanto, na geração do seu filho Alfred como pode verificar nos relatos de Hilda:

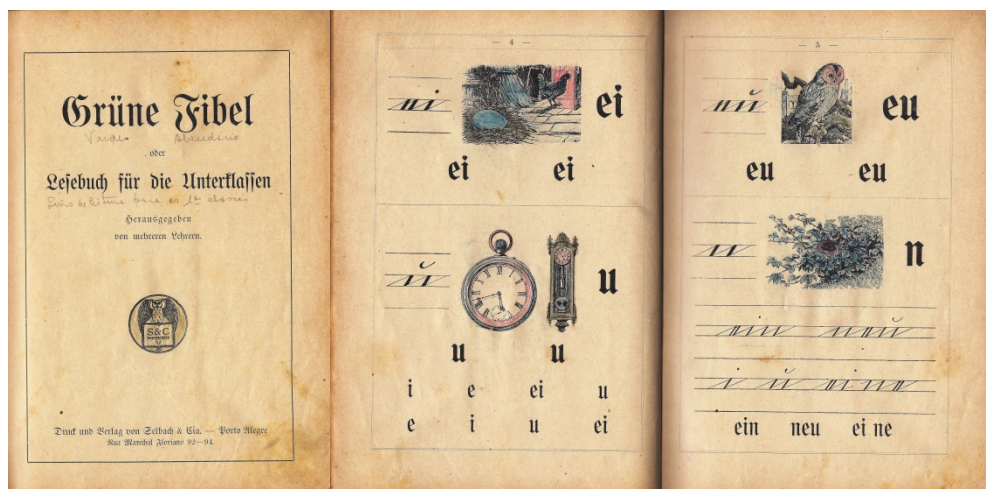
*[...] Posso fazer um adendo, o Moacir falou que cada professor era especialista, eu tirando do anúncio dos jornais da época eu fiz um levantamento do que se ensinava: 3 anúncios de gramática latino nacional, 3 de português, 1 lecionava latim, outro alemão, outro ler e escrever, religião, filosofia, contar, 3 aritmética contar era importante para época, ou seja, contar valores. Mais voltado para o feminino cozer, bordar, dançar, civilidade, cozinhar. Ou seja, a professora da época que ensinava duas matérias era muita coisa. Alfredo Umann pagava para ensinar às filhas as prendas domésticas, a mulher era preparada somente para casar.*

Importa esclarecer que a mulher da sociedade patriarcal era subjugada e discriminada, sofrendo preconceito. No início do século XIX, as condições para emancipação feminina eram ínfimas (LOURO, 1997), impossibilitando a mulher de adotar comportamento contrário ao idealizado pela sociedade. Reportando-se à conjuntura da época observa-se que o ensino era fortemente relacionado ao cunho religioso, que concebia que a mulher deveria ser incentivada a aprender as prendas domésticas e cuidar do lar.

Continuando a nossa conversa perguntei sobre dois artigos que Josef escrevera para um jornal. Hilda respondeu: “Josef escreveu dois artigos que são repetidos no livro e também publicado em calendário e em jornal da época, mas eu teria que ir atrás.”

Moacir me apresentou um exemplar de livro didático que era utilizado na alfabetização dos primeiros imigrantes no Brasil, modelo utilizado por Josef Umann.

Imagem 30 - Livro didático utilizado pela comunidade alemã no RS.



Fonte: Arquivo pessoal de Hilda e Moacir Flores

Hilda, neste momento, traduziu uma página do livro, soletrando as sílabas na forma como se dava o processo de aprendizagem e explicando: “*este livro didático feito para colônia alemã la le li vô...*”

Moacir: [...] *Este livro era feito para colônia alemã era feito pela Selbach*<sup>29</sup> *não existe mais e ele parte como era a comunidade, as carroças, as cobras que existiam, a partir da realidade.*

Afirma Hilda “[...] *Eram eficientes estes livros, digamos que mais do que os de hoje em dia*”.

Moacir: [...] *O professor era selecionado pela comunidade.* Hilda complementa: [...] *há quem escreva que escolhiam o professor que tivesse mais cultura.* Moacir elucida: [...] *Umann, ele é importante porque ele era intelectual, por isso ele era importante dentro da comunidade.* Josef, quando deixou suas memórias, coloca que foi escolhido pela comunidade para iniciar a alfabetização de crianças de Linha Cecília.

Imagem 31 - Mapa da Região da Boêmia.



Fonte: Arquivo pessoal de Hilda Agnes Hübner Flores

Hilda empolga-se, revivendo nas suas lembranças a viagem que fez a esta região e o tanto que ficou debruçada ao longo de uma vida acadêmica de pesquisa e estudo da Boêmia. Percebo a alegria e emoções presentes nos seus relatos.

*Hilda: [...] Isto aqui é a Boêmia, identidade etimológica histórica, de onde vem o nome de os boêmios de uma tribo lá. O símbolo deles é uma macieira, está no escudo. Eu os segui desde a década de 70 até hoje os que ficaram sofreram muito. Vieram boêmios para o RS: Agudo, Venâncio-Aires, Nova Petrópolis, na Linha*

<sup>29</sup> *Selbach* editora de Porto Alegre, responsável por publicar centenas de obras, com destaque para as de cunho didático (cartilhas, gramáticas, livros de matemática, seletas etc.). Publicou, também, centenas - talvez milhares - de livros. Especialmente livros didáticos que eram utilizados nas escolas de todo o país e, inclusive, livros em alemão destinados a escolas paroquiais que davam aulas neste idioma aos alunos das localidades de colonização alemã. A livraria foi uma das pioneiras no Brasil a publicar livros didáticos.

*Imperial, onde se desenvolveu a dança, eles desenvolvem a dança com roupas criativas e com muita beleza. E voltam para a Boêmia, só que lá não existem mais Boêmios e sim Tchecos. Os Boêmios foram deportados, depois do Hitler, pelo comunismo da União Soviética, porque eles eram mais preparados e com isso insatisfeitos com o pós-guerra, com as perdas de guerra. Isso é uma dedução minha eles deveriam reclamar mais. Eles eram mais difíceis de conter eles foram mandados embora. Um grupo foi para Bawier para onde, de uma certa maneira, tentaram recuperar o artesanato do cristal. Minha amiga Christa Petrásková levou para a Boêmia e encontramos um lapidador que ainda fornece peças maravilhosas. Os Tchecos se dedicaram à tecelagem hoje a Boêmia se dedica ao turismo. Para caminhadas ecológicas eles usam o esqui porque possuem um inverno muito longo. Todo leste europeu hoje é voltado ao turismo.*

Os imigrantes boêmios vieram para o Brasil ocupar a região Sul do país como parte da estratégia de Dom Pedro I para proteger e povoar o território. Por outro lado, o clima contribuía para sua adaptação na nova pátria que, de certa forma, lembrava a sua terra natal querida. Hilda esclarece abaixo:

*[...] Rio Grande do Sul e Santa Catarina foram os estados que mais imigrantes receberam . Os imigrantes, em 1824, vieram da região Renana entre o rio Reno e Mosela eles vieram entendidos na arte de navegar, porque os dois rios eram as estradas que eles usavam. Aqui eles fizeram esta arte onde confeccionaram seus barquinhos, na colônia de São Leopoldo que é perto de Porto Alegre. A terra era pouca, então todos faziam algum artesanato que levavam para Porto Alegre e lá colocavam no mercado juntamente com tudo que sobravam das sobras produzidas na terra. A colônia cresceu rapidamente e formou 32 municípios. No segundo momento, em 1850, vieram para Santa Cruz do sul, no Vale do Taquari: Santa Cruz do Sul, Estrela, Lajeado e a nossa Venâncio-Aires que vão receber Pomeranos<sup>30</sup> lá do Norte da Europa, servos das glebas<sup>31</sup> das instâncias de lá. As nossas instâncias eram enormes, perto daquelas de lá. Entendiam alguma coisa dos ânios da terra, adaptaram para as necessidades daqui e floresceram rapidamente. Na década de 70 começaram a chegar os italianos que subiram a serra gaúcha e chegou o terceiro grupo de alemães que cada um com seus costumes hoje e seus dialetos tão diferente que um não entendia o dialeto do outro, mas no final se entendiam. Os Boêmios vieram aqui registrados como austríacos, vieram com passaporte registrado do Imperador Fernando José Primeiro da Áustria. Aqui todos eles passam a ser lavradores que não eram. Os lotes urbanos lá são de dois a três hectares. E eu vi, pois estive lá e até hoje continua. O inverno é prolongado eles têm inverno que dura meio ano, outro meio ano eles plantam uma safra. Aqui davam duas, foi um dos atrativos.*

Neste momento estava aprendendo um pouco de história, à medida em que Hilda relatava o desfecho da imigração dos boêmios para o Brasil e também os motivos que levaram a abandonar sua querida pátria.

*[...] Como é que vieram na década de 1870? Toda a imigração foi feita através de agentes de Imigração. O primeiro deles foi o Scheaffer enviados por Dona Leopoldina e Dom Pedro I, foi o pessoal de São Leopoldo. Lá na Boêmia havia tanto o governo, que mandava seus agentes, como companhias de colonizadores que dividiam a terra aqui em lotes de 25 hectares e mandavam seus agentes*

<sup>30</sup> Povo que hoje seria da região ao norte da Polônia e ao sul da Alemanha ao longo do mar báltico.

<sup>31</sup> Terreno próprio para a agricultura.

*propagandistas para lá. E ofereciam 25 hectares aqui que em algum período foi doado, outro vendido para pagar em 10 anos sem juros sendo que somente pagava a partir do segundo ano. E era muito atrativo trocar 2 hectares cobertos de neve por meio ano, por 25 hectares do outro lado e com clima mais favorável. Dois hectares não dão para uma família numerosa sobreviver dignamente, mas 25 hectares eram um bom pedaço de terra.*

O povo boêmio sempre foi muito alegre, gostando de se reunir em grupo e Josef se deslocava de Linha Cecília para Linha Alto Sampaio, para a Sociedade recém-inaugurada onde colaborava, como expõe Moacir: *Sociedade Canto e Leitura Jovialidade Frochmem 1892, havia duas: uma de canto outra de leitura eles reuniram, por que a união faz a força.*

Continuando a minha aula e cada vez mais entusiasmada pelo tema, Hilda esclarece: *O que faz a sociedade? Reuniam-se uniformizados com bandeiras faziam encontros entre sociedades. Eles tinham panos pintados ou bordados com dizeres. Por exemplo: quem fala mal de mim não frequenta a minha casa. Por que nesta vida cada um tem que cuidar da sua. Outro dizer: Se tu levantas cedo produz mais. Moacir complementa a reflexão: estes dizeres eram uma maneira de educar com preceitos religiosos éticos.*

Imagem 32 - Pano pintado com dizeres educativos.



Fonte: Arquivo pessoal de Hilda Flores

Uma curiosidade que Hilda observou quando viajou para a Europa foram as montanhas e divisão geográfica da Alemanha, Polônia e República Tcheca pois, aqui no Brasil, na região Sul existem áreas montanhosas o que repercutiu nos imigrantes boêmios certa nostalgia em relação à pátria deixada e a divisão geográfica dos países, como descreve:

*[...] Solo são morros semelhantes na Boêmia pode verificar cada morro do interior é uma comunidade a Boêmia fica ao Norte da República Tcheca. Era um morro, outro morro, outra aldeia e outra aldeia. Eram em torno de 50 aldeias. Somente nossos morros aqui no interior são mais altos, aqui Linha Cecília, aqui Sampaio, Linha Brasil. Lá se enxergava a Polônia, a Alemanha da República Tcheca.*

Imagem 33 - República Tcheca avistando Polônia e a Alemanha.



Fonte: Foto arquivo pessoal de Moacir Flores

Durante séculos, houve muitas dinastias na região da Boêmia. Sobre estes impérios Hilda narra:

*[...] Quanto às dinastias, na Boêmia houve cerca de quarenta reis, ela era ao norte da República Tcheca. A República Tcheca existe desde a queda do Muro de Berlim, antes era Tcheco- Eslováquia, que pertencia ao império Austro-Húngaro, que antes pertencia ao Sacro Império Romano-Germânico. Este império Sacro Romano-Germânico é da família dos Hasburgo com origem e raízes na Áustria. Eles se tornaram tão poderosos que quase dominavam toda Europa. Os reis antigamente construía palácios catedrais. Hoje em dia os políticos constroem mansões e desviam para o próprio bolso.*

Na Europa, as guerras aconteciam em função da conquista de novos territórios ou eram batalhas religiosas em nome de Deus. Os conflitos deixaram a região da Boêmia fragilizada, sobre o que Hilda Flores diz:

*[...] Faziam muitas guerras em nome de Deus, guerras de conquistas para expandir em nome de cristo, se fez muita coisa em nome de Deus. Entraram os protestantes, os mulçumanos, um perde outro ganha, entra uma dinastia sai outra, na Boêmia houve duas guerras religiosas: a Guerra do Ócitas e Dejaros Ele era para se retratar não se retratou e foi queimado vivo. E depois a Guerra dos 30 Anos que atingiu a Europa toda. A primeira das 4 fases foi na Boêmia sacrificada, mutilada, briga religiosa. Depois se expande. Após estas duas guerras vieram dois grandes incêndios pavorosos de Glabson<sup>32</sup> depois dos incêndios vem a peste, vem fome vem miséria. Depois, em 1500, depois das guerras, dos incêndios, da peste vem a reconstrução com o vidro que chamam de cristal. Vem gente de Veneza ensinar. Eles começam um mercado novo, os famosos cristais da Boêmia. A guerra terminou com tudo, somente não terminou com a vontade de sobreviver. Uma vez sobraram 10 casas e eles construíram tudo de novo.*

De repente eram quase 12h00 e fomos ao escritório onde Hilda e Moacir me mostraram umas fotos de suas pesquisas que poderiam me ajudar e, gentilmente, Moacir

---

<sup>32</sup> Capital da Boêmia



gravou em um *pen drive* para eu levar, além de uma série de livros que ganhei de presente do casal, sobre este tema e outros muito interessantes. Começamos então a conversar sobre fotos da viagem deles para a Boêmia, depois que já haviam publicado vários trabalhos. Percebi uma pontinha de desgosto em relação ao Rio *Isen*. Seguem comentários e fotos: Hilda: [...] *O rio que os imigrantes tanto cantam não passa de um córrego. O Isen está poluído, mas olha o nosso Ipiranga, o que virou em São Paulo. Por isso, os ecologistas estão loucos.*

Imagem 34 - Rio Issen, na República Tcheca.



Fonte: Arquivo pessoal de Hilda e Moacir

O vale com uma floresta que os imigrantes nostálgicos sempre relatavam sentir saudades, de acordo com Moacir, tristemente, após sua visita: *O Boemer Wald não existe mais.*

Imagem 35 - À esquerda, forma de vidro na qual eram confeccionados os cristais da Boêmia. Ao lado, fábrica de vidro abandonada.



Fonte: Arquivo pessoal de Hilda e Moacir.

Hilda: [...] *Uma forma de vidros que hoje está em um mural na prefeitura. Fábrica de vidros era sempre familiar, assim como a de tecelões. Eles relatam que, desde pequenos, tinham Glabson hoje e Jablonec onde domina o tcheco. Um artesão autodidata que sobreviveu comprou as formas de vidro em um ferro velho. Hoje, ele trabalha para algumas fábricas, os tchecos jogaram fora o livro de registro alemão. O pó de vidro... No início trabalhavam somente com areia que dava muito pó e, com o tempo, passaram a trabalhar com água. O artesão achava que, desde o início, era assim, aí eu expliquei que não. Mas não era. Cada artesão fazia um tipo de peça e*

*faziam várias, inclusive em épocas de vacas magras. Quando saíam da crise vinha alguém comprar e estavam prontas.*

Imagem 36 - Artesão trabalhando, à esquerda e, ao lado, Hilda apreciando alguns de seus trabalhos.



Fonte: Arquivo pessoal de Hilda e Moacir

Imagem 37 - Forma de vidro e modelo que eram registrados na prefeitura da antiga Boêmia.



Fonte: Arquivo pessoal de Hilda e Moacir

Acerca da expulsão dos Boêmios das terras da Polônia e da Tcheco-Eslováquia Hilda diz: [...] *As casas dos alemães foram desapropriadas pela prefeitura e vendidas para tchecos por troca, muitas vezes, de apenas um salário.*

Moacir, lembrando sua observação sobre as macieiras durante viagem à Boêmia: [...] *As maçãs são o símbolo da Boêmia, porém, como as macieiras se encontram em uma reserva eles não podem aplicar agrotóxicos, daí estão todas bichadas.*

Após manhã agradável e esclarecedora, que passou muito rápido, fomos almoçar em um clube próximo do apartamento deles onde sua filha nos aguardava. A conversa girou em torno de Venâncio-Aires e dos nossos parentes e conhecidos em comum, pois Hilda nasceu no interior da minha cidade querida.

À tarde, seguimos com a conversa. Hilda começou dando uma leve pincelada sobre a função da oralidade e do documento para elucidação da história:

*[...] O historiador não pode tirar informação da cabeça e também não somente baseado em documento. Mas daí o que tu fizeste vinte anos atrás, tu não te lembras ou tu te lembras de coisas básicas, é memória, mas, como era mesmo...Aí a tua imaginação preenche o buraco. Aí não é história é memória reconstruída. História é em cima de documentos, pode até um documento estar errado aí outro documento surge aí vai avante para ver qual está certo.*

Uma pausa para o café e a tosse ainda me incomodava e me constrangia. Pensei em desistir, mas o esposo de Hilda me ofereceu um mel de própolis. Enquanto isto, Hilda voltou a falar da história da Boêmia:

*[...] Estávamos falando do famoso império Sacro Romano-Germânico, a poderosa família dos Hasburgo que caiu de podre, depois de tanta guerra e tanto gasto inútil que nós sabemos que acontece. Caíram por terra por que no final não tinham mais recurso para mais guerras. Ficou em um ramo que o Império Austro-Húngaro estava no poder quando os imigrantes vieram para cá. Estes dois grandes impérios que governavam deixavam seus reis com menor brilho que governassem os seus países administrando as províncias e recolhendo impostos para pagar dívidas ou construir suntuosos palácios e catedrais, que eram o orgulho do Rei. Hoje em dia não temos a preocupação diferente não, é só a de construir coisas boas para o povo nem que seja só para ver, e sim se preocupa somente com o eu. Eu preciso de dinheiro para continuar na política, eu preciso de dinheiro.*

Depois das guerras vinha sempre a crise e a dificuldade que os Boêmios enfrentavam para trabalhar e vender seus produtos artesanais. Em tempos de guerra, o luxo não tem saída. Este fator também levou à imigração dentro do império Austro- Húngaro, fundamentando, Hilda acrescenta:

*[...] Voltando a um dado momento, eu falo na profissão ao longo das guerras, lá por volta de 1500, quando viveram os primeiros lapidadores. Houve um grande incêndio. Reiniciaram e novamente houve outro grande incêndio. Reiniciaram. Sempre os Boêmios são citados. Em um determinado momento houve uma dinastia que trouxe os Boêmios como colonos, povoadores e cultivadores da terra. Não deu grande resultado, porque a temperatura e o clima não são amigos e a metade do ano estão cobertos por neve, sem condições de plantar, então não se tirava muito. Houve este ramo que depois reaparece na Segunda Guerra mundial, na região dos Sudetos<sup>33</sup>. Os Germanófilos, os que falavam alemão, porque os reis gordos mandaram buscar gente que falasse prioritariamente a fala alemã. Que cuidaram da terra, se misturaram e viveram no Norte, naquela Boêmia da República Tcheca e na Moldávia, que do outro lado, era Silésia, Sul da Alemanha, lugar que viviam em paz tchecos e alemães. Me parece que os alemães eram melhor cuidados, em termos de educação e estavam economicamente em melhores condições. Os Silésios trouxeram a tecelagem, que depois os tchecos vão se dedicar a ela até um certo ponto.*

---

<sup>33</sup> Nome dado a uma cadeia de montanhas na fronteira entre a República Checa, Polônia e a Alemanha predomínio língua alemã.



Hilda, agora à tarde, faz uma reflexão, continuando a falar da história da Boêmia, das dificuldades dos imigrantes e do estilo de vida deste povo desbravador e lutador que, embora enfrentando tanta adversidade, sempre encontrava ânimo para continuar a vida.

*[...] Bom, agora temos o século XIX, a República, a revolução industrial que deu um impacto e um impulso muito grande para estas riquezas. Contraditoriamente, neste período de êxito de colocação mundial do cristal da Boêmia é que ocorre a imigração. Por que, na década de 1870 houve duas grandes crises. Todas elas crises econômicas 1850, 1851, começo de 1860, todas estas crises profissionais eram produzidas por causa de guerras. Então, a família fica em desamparo, a sugestão...Vamos produzir, produzir, produzir porque a guerra ao terminar vira nova encomenda e estará pronta para entregar. Foi como eles enfrentavam o desemprego, diferente de hoje que o governo é que tem que pagar. Nós não temos mais o espírito de economia. Este espírito de economia eles tinham antigamente. A choupana eu entendo como uma construção de madeira humilde, mas o que se viu agora, como quando eu vi a casa do meu avô, do meu tio avô... Eram casas boas, feitas de bom material, com alvenaria e madeira. Fui muito bem recebida pelos atuais moradores: uma estranha e os parentes que estão na outra casa e que a ocupam em tempos de verão... No inverno moram em Praga, que fica 100 Km ao Norte em direção e em maior altitude, mais de 700m. Lá as montanhas não possuem a mesma altura dos nossos morros aqui. Onde há uma cadeia de montanhas, tem, talvez, mais montanhas e menos altas que as nossas aqui. Mas lá é uma região muito montanhosa. Quando chegaram na região do Taquari em VA sentiram se em casa, pois é semelhante. Tanto que lá eles têm o Boemer Wald tanto que eles falam na canção daqui, que ele equivale às nossas montanhas. No fim, com a revolução industrial vem o socialismo, desde 1800, trazendo uma mentalidade e uma consciência de cidadania, tanto para os Boêmios como pra os Tchecos. Sendo que na Boêmia o Tcheco fica mais restrito à agricultura e com menos recurso, em uma safra anual. Então eles se encantaram com a safra bianual daqui. E os Tchecos com menos estudos. Intelectuais e jornalistas da época ajudaram e deram empurrão para eles terem as suas sociedades. O Alemão tem muita sociedade: de canto, de leitura, de escola, de igreja, de construção, de dança e sociedades de cooperativismo. Nestas sociedades, eles se reunião e discutiam e aí os Tchecos também passaram a se conscientizar através das sociedades alemãs. Não tinham recurso e lá pelas tantas um empresário doava uma casa para então fazer uma escola e sociedade. Então veio a guerra de 1848 e isto vai continuando durante a segunda metade do século XIX. Eu tive acesso a uma carta do meu ancestral que estava na Europa naquele período e relatou a dificuldade, nesta carta. Lá ele dizia que fazia 6 anos que não tinha trabalho. Ele havia recebido um lote rural de 3h onde eles tinham que plantar batata, coisas para eles comerem e além de fazer de pasto para a vaquinha que todos tinham naquela época na Europa...Se eram ricos uma vaquinha, se pobres uma cabra, pois servia para dar o leite que alimentava as crianças e idosos, principalmente no inverno. Eles compravam mantimentos, madeira para não morrer de frio, pasto para o animal. Para isso tinham que ter dinheiro. O conserto de uma casa lá, naqueles tempos, era equivalente a fazer uma casa... Imagina a inflação. Tipo, a inflação neste período era... Um exemplo: A fatiota era 30 e passou a 600, de repente ... Na época do Josef, a escolaridade era obrigação primeiríssima dos pais e o governo não cuidava disso. Foi um costume que trouxeram para cá. Qualquer linha, qualquer picada, onde eles passam dois ou três anos. Os imigrantes que tinham filhos a serem alfabetizados se reuniam para pagar um professor. Geralmente, escolhiam um deles, o mais capacitado, que começava a dar aula na sua casa. Teu ancestral, Cristine, foi um deles e deu aula na sala da casa dele. E também as firmas que faziam a venda de lotes deixavam um lote para colocarem igreja, escola e cemitério. Geralmente o professor ficava na escola enquanto dava aula e ele e sua família também plantavam. Eles construíam o templo, a escola a casa do professor. Era costume da sociedade. Este costume vem da Europa eles o reproduziram aqui. As casas eram como as que vimos na Europa. Porque cada um reproduz o que conhece e faz o que sabe. Se existiam as casas*

*estilo Chamel na Europa pensavam em fazer aqui a mesma, o que sabiam fazer. A casa dos meus pais que hoje é a mais antiga de Linha Duvidosa foi feita neste sistema de Chamel. E as madeiras, para não levar um tronco inteiro para casa, eram divididas ainda no mato, tipo com uma serra grande, que era usada aqui no Brasil, no tempo colonial. Eu a vi em gravuras pelo Brasil afora. Um ficava no alto manejando e outro embaixo no solo. Eles serravam de um lado para outro formando as tábuas. Foi em 1917 que meu pai começou a construir a casa. Naquela época não havia serralheria e ele já estava no terceiro filho. Hilda relembra o estilo Chamel de moradia: Fazia primeiro a cozinha separada por um vão de um a dois metros e posicionada ao lado da casa. Na cozinha tinha inicialmente aquele fogão comprido de chapa onde colocavam toras inteiras e levavam a noite inteira esquentando e aquilo, eventualmente, poderia dar em incêndio. Poderia queimar a cozinha, mas salvaria a casa que era sala e dormitórios. Quando veio o fogão Berta de um dos imigrantes aí terminou o perigo usavam hastes de lenha menor, que ia para dentro do fogão. Aí, a partir daí, uniram a casa com a cozinha formando um telhado um corredor aberto, que no verão corria uma brisa. Quando a família crescia muito, lá no fundo faziam um quarto, um dormitório. Quando eles vieram na década de 1870, uma década de progressos, mas de guerras houve a guerra Franco-Prussiana, houve a guerra Otomana, a guerra com a Hungria... Me parece que foram estas três. Um parente escrevia que o início da primeira guerra, que para nós foi leve, lá na Europa foi terrível morreram 9 a 10 milhões de pessoas, tombadas por sequela de guerra, por fome. Daí as famílias ficaram desfalcadas, sem o chefe da família para trabalhar.... Se passou muita fome ,muitos morreram de fome. Não tinha supermercado na época, não tinham o que plantar, não tinham sementes na época. O manejo da terra era somente de meio ano onde dois meses ainda descongelava a neve. E, além disso, o manejo era de dois hectares o que não ocupava a família grande. Eles, em pleno verão, continuavam a fazer o artesanato, cada família tinha o seu. Eles eram especializados em uma coisa e registravam na prefeitura... Eu vou produzir este tipo de copo, este tipo de botão, de vaso, estava lá o desenho. Então aquela família era autorizada a produzir. No inverno com casa fechada a fabriqueta no lado, porque nestas fabriquetas, muitas vezes, não tinha nem chaminé. Conforme a especialidade, Umann escreve, tinha fogo no meio da fábrica e ficava aquele ambiente horrível, cheio de pó de vidro ou de fumaça, por falta de chaminé, em uma insalubridade onde Umann diz que 40 anos era velho, a média de vida era de vinte e poucos anos. A criança com 8 anos ou menos já começava a trabalhar...Ele próprio começou a trabalhar com menos idade, com 5 anos, ele narra. A minha tarefa era, com menos de 5 anos, trazer as hastes de lenha para dentro de casa para minha mãe fazer o fogo. Não é que minha mãe precisava, mas era ensinar desde pequeno que o trabalho é uma coisa boa e se acostumar a trabalhar. Hoje em dia temos proibição absoluta, que criança não pode trabalhar. Eu, particularmente, acho que cuidado é desnecessário, pois há trabalho e trabalho que realmente não comporta a uma criança, um facão, por exemplo, criança cortando cana, isso não é trabalho para criança. Entretanto, serviços leves, o trabalho enriquece, não somente o brinquedo. Um trabalhinho leve, um favor, um retorno.*

A Europa castigava muito o povo. Os imigrantes Boêmios vieram para o Brasil iludidos pelas promessas feitas por Dona Leopoldina e, realmente, a oferta chegava em meio a crises consecutivas. Um recomeço novo, em um País promissor, era tudo que buscavam e, de acordo com Hilda:

*[...] Na década de 70, vão os agentes para lá, vão mostrar as riquezas da pátria do lado de cá. Então eles tinham em quem acreditar ou desconfiar do agente. Os primeiros foram os mais corajosos, estes passaram muito trabalho no primeiro ano. Depois da primeira safra, Umann escreve, nós, comedores de batatas, se plantássemos um saco de Batatas e colhêssemos 9 por um ano estava afastado o*

*expectro da fome. Que lá na Europa era companheira constante. Aqui um saco de batata em 25 hectares era somente dar tempo de ceifar coifar e cuidar. No primeiro ano passaram muito trabalho. Principalmente os boêmios que vieram com completo despreparo. A gente imita o que sabe, fazer lá era perfeição. Lá era obrigação era fazer o mais bonito e correto possível para ter venda. Aqui como eles faziam eles desmatavam não tinha paciência para esperar secar, pois tem um tempo para depois fazer a queimada. Não esperava, aí as folhas secas, queimava as folhas, dizimava os galhos e os troncos. E agora eles entendiam que o terreno estava imperfeito. Não era assim que podia se plantar. Então eles arredavam, sabe-se lá com que sacrifício, aquela galharia para deixar o terreno bonito. Aí plantavam e colhiam fora de safra. Colhiam uma safra pobre, aí se deram conta. Mas o que está errado, porque a terra parece boa de adubo. Por isso que eles gostavam de ir perto de parente que já passaram por esta fase. Eles mostravam: de tal em tal época se planta isso se semeia aquilo, tem os calendários. Os calendários eles eram leitores eles tinham como melhorar. Porque tinham a experiência do vizinho, do parente que já morava aqui.*

Contribuindo para a formação de vários municípios do Sul do Brasil, os Boêmios enfrentaram diversos desafios e tiveram que se adaptar com costumes e modos de vida brasileiros, nas interações sociais. Hilda descreve:

*[...] Quando vieram eles podiam escolher tinha Nova Petrópolis, Agudo e a região do Taquari mais específico Venâncio-Aires, que é a região que teve mais Boêmios. Eles foram imigrantes que chegaram para aquela terra, lá eles tiveram uma penca de filhos. Esses filhos ficavam na terra até 18 a 20 anos, depois estavam velhos. Era orgulho para uma família o filho moço, mais jovem comprar ou ganhar uma terra em outro loteamento. E, geralmente, o mais jovem ficava com a terra com o compromisso de cuidar dos pais, os outros irmãos vendiam por menos preço para aquele irmão mais novo. Eles, aos poucos, vão cuidando de outras coisas, um vai ser ferreiro, construtor, leiteiro, o fazedor de celas para montaria e assim por diante, à medida que a sociedade vai se formando socialmente, economicamente e culturalmente. À medida que avançam compram seu boizinho, sua vaquinha, o cavalo, que seria um automóvel de luxo, naquela época. Os casamentos, quando casavam era em torno de 100 a 200 convidados, a comunidade. O enterro era solene, se ele era sócio de uma sociedade havia um artigo no estatuto em que era obrigado a acompanhar, até à última morada. Um membro da comunidade que morria fazia falta. Era uma demografia rala. Antigamente, os filhos ficavam no campo, hoje em dia está diminuindo a população, porque os filhos querem ir trabalhar na cidade. Então, novamente, nós temos uma demografia menor do que antes. As colônias velhas eram de São Leopoldo, aí veio a de Santa Cruz do Sul, aí, de repente, vem Venâncio-Aires está ocupado, então, por Boêmios e outros descendentes alemães. Vamos agora para outra etapa, o Noroeste do estado: Cruz Alta, Passo Fundo, Ijuí, Santa Rosa, Serro Largo, são cidades satélites, é até onde vai a ferrovia que a República, o fino império descobriu a utilidade da ferrovia 1880-1890, cada estação era um núcleo onde nascia uma colônia, uma vila desta vila e muitas destas, hoje, são municípios. Santa Rosa formou 10 municípios. A colônia de Santa Emília era particular, porém a colônia de Linha Cecília onde Umann morava era do governo.*

Um povo sofrido, batalhador, que sofreu muito preconceito, muita repressão e, ao mesmo tempo, uma cultura frágil em cima do cristal, algo tão fascinante, encantador e minucioso. Realmente, a história de Umann, pelos seus relatos emocionantes, me faz perceber que a analogia que estabeleço entre o cristal e os Boêmios se refere ao caráter de firmeza do

vidro e também deles, mas também de fragilidade, perante à delicadeza do cristal que se quebra, assim como a vulnerabilidade da própria vida. Hilda diz:

*[...] Os Boêmios de lá passaram horrores na Primeira Guerra. O império Austro-Húngaro também morreu, por causas de dívidas. Sobrevive aí a Confederação dos Estados Alemães, com presidência da Áustria. Que, antes, era a última sede do império Austro-Húngaro, que deu passaporte para os nossos boêmios, que entraram como austríacos, portanto, alemães. Muitos deles não sabiam que eram Boêmios aqui, no papel todos eles foram transformados em lavradores, coisa que não entendiam nada. Eram lapidadores, tecelões, impressores, pintores tanto de telas sacras, pintores de objetos de cristal, copos, onde deixaram o registro de coisas belíssimas nas prefeituras da Boêmia, com cores e flores diferentes. Mas, como foram expulsos da Boêmia, jogaram fora estes registros. Nós podemos observar pelo artesanato autodidata, que recolheu e está trabalhando em cima disso. Com o Hitler, na Segunda Guerra eles passaram muito trabalho, ele tinha a sede da grande Alemanha e anexo o Sudetos, região onde se falava o alemão, dentro de uma teoria que dizia onde tem um que fale alemão a Alemanha está presente, independente da localidade. Era grande a Alemanha. Aqui no Brasil houve tentativa de nazismo, houve uma certa perseguição sobre os imigrantes alemães. Eles foram proibidos de falar o alemão. Queimaram livros, até o do seu antepassado. Aí veio o comunismo, com um nome bonito, estilo vestido de festa, Democracia Popular da União Soviética. Esta democracia foi bem recebida na Boêmia, porque eles sofreram muito com a guerra, muitos mutilados, muitos mortos e muita pobreza. Eles sofreram muito, pois, segundo minha amiga Christal que é uma história viva de lá, somente da Boêmia saíram em torno de 30 mil judeus, que foram todos para campos de concentração, que foram torturados e mortos. Aquela idiota perseguição de Hitler. Então veio a democracia popular e todos foram recebidos de braços abertos pela prefeitura, só que durou pouco. Houve um deles, o Eduardo Benner, que, um dado momento, lá nos Sudetos, ele fugiu, fundou uma reação, um grupo conhecido na Inglaterra contra o Hitler e depois este Benner vai voltar para pátria dele, a Tcheco-Eslováquia, e ele, cotado como bom comunista deportou os alemães. Ele havia defendido e depois deportou os alemães. Simplesmente era 24 horas para sair de casa e levar até 30 quilos do que quisesse levar e ir embora. Não sabes para onde... Nem para quê... A explicação que eles receberam é que estava havendo uma reorganização étnica. Que era necessário para eles viverem em paz, daí por diante. Sabe-se que eles formaram a cidade da Baviera, eles formaram hoje o distrito mais numeroso que denominavam Nova Jablonec, Glabson seria a nova capital da Boêmia. Eles têm lá empresas de menor porte de fabricação, porque lá na Boêmia não existe mais, era segredo, especialidade deles, os cristais. Eles estão espalhados pelo mundo. Por fim, caiu o Muro de Berlim. Eles puderam voltar, a maioria não voltou. Temos casas abandonadas por lá, os donos tinham morrido, os filhos, alguns também, e/ou os filhos ou os netos não quiseram voltar, tinham feito a vida em outro lugar, não teriam dinheiro para reformar esta casa. Ao retornar à Boêmia eu encontrei um primo lá e outro em Praga. Se olhares cem anos atrás em um jornal você vai ver filha de sicrano subiu ao altar com um terço de gotas de cristal da Boêmia. Era algo da elite ainda. Primeiro na Europa toda, depois venderam para os cinco Continentes. Assim como os agentes traziam imigrantes para cá, os empresários atraíam compradores. Hoje, seria isso aí: os enfeites originários nos cemitérios que se encontram lá são os mesmos nos túmulos daqui, com arte arquitetônica que trouxeram de lá. Está é a história da Boêmia.*

A tarde já findando e Hilda demonstra sinais de cansaço, repetindo algumas falas. Minha tosse começa a incomodar novamente. Ao mesmo tempo em que anseio por mais informações percebo que está na hora de ir embora. Contudo, continuo a prestar atenção nas exposições de Hilda que diz:

*[...] Umann vem em 77, ele é um dos últimos que vem... 72-73, 75-76 e 77. As crises, ele escreve que tentou várias vezes, se ele poderia se erguer, se ele teria condições de ter um ofício, porque ele era tecelão, trabalhou no cristal para poder viver bem. Em um determinado momento ele chega a concluir que aqui era melhor. O meu avô também veio em 76, Umann vem em 77, são dos últimos. Porque, em 78, houve uma reação, o artesanato do cristal está lá em cima, recuperando o tempo perdido. Quem era previdente fazia sua boa casa, como encontrei a do meu avô, com mais de 150 anos, no mínimo, com reforma. Não tinha, aquele tempo, previdência social, mas cada um fazia a sua. Vamos guardar para o tempo das vacas magras que virão. Umann vem em 77, Memórias de um Imigrante Boêmio foi o título que eu dei na tradução. Biografia de Josef Umann e, ao mesmo tempo, o desenvolvimento de Linha Cecília, no município de Venâncio-Aires. Um título muito comprido, aí eu achei que o outro seria muito mais fácil de compreender. Eu sabia que existia este livro original com parentes e na sociedade de Alto Sampaio, que ele ajudou a formar. Porém, foi editado pela editora Lambert Riedel, em Santa Cruz do Sul. O que sobrou, no tempo da Segunda Guerra, foi destruído, em 1938. Eu sei que eu teria tido algum exemplar, mas os meus parentes abriram um buracão na horta no jardim, aí enterraram uma série de coisas e guardaram algumas cartas que vieram de lá dos parentes, cartas estas valiosas, que guardo. É uma pena que não podem guardar muitas coisas, mas se salvou esta em bilíngue, em alemão gótico. Eu me obriguei a ler porque queria saber o que está escrito aqui, peguei um livrinho com as letras góticas e fui fazendo transposição. Este livro Flavio Seibt me pediu uns 20 exemplares para levar para a Europa. Um dia, eu recebo um e-mail da Boêmia e mandaram um jornal de lá .... Jornal Montanhas Gigantes Daí ele saiu publicado lá com esta mesma capa da segunda edição. Daí eu convidei a Christal. Ela nasceu em 41, ela passou por muita coisa e uma coisa que ela se lembra é que os amiguinhos dela e suas famílias eram levados todas, ao mesmo tempo, embora. Ela sabe que um morreu, o outro virou milionário nos EUA e assim foram distribuídos. Outro ela não sabe. Ela é Poliglota, ela deu uma palestra, ela tem uma coleção de 5000 botões de vidro feitos por estes artesãos.*

Umann: educador, socialista, poeta, curador, amante da leitura, dos costumes e polêmico, perante seus conceitos religiosos e suas opiniões. Hilda assim descreve:

*[...] No caso, Josef Umann era socialista. No fim da primeira parte ele coloca o que descreve da Boêmia e, na segunda parte, o início da vida na pátria nova. Caros companheiros de luta, socialistas, estão todos sob a verde relva, todos enterrados. Ele aqui se transformou em um cuidador da saúde, cura pela água, cura por isso, ele vai dar palestras porque ele era de muita leitura. Ele foi à Porto Alegre, como você, Cristine, me falou, seus parentes contaram, ele foi comprar livros com outro para os filhos e escola. Quando chegaram lá quase foram presos, por falar alemão. Na Primeira Guerra houve perseguição menor, mas houve. Ele deveria estar comprando livros para uma das duas sociedades de leituras que ele ajudou a fundar. Então ele veio comprar, ele era palestrante e também aplicava injeção. Ele ficava se informando através do calendário, jornais, das descobertas e aplicava o que descobria. Às vezes, os vizinhos assinavam jornais ou calendário e trocavam notícias entre si, para ficar mais informados. Na década de 90, ele foi professor. Começou na casa dele onde tinha 4 a 5 alunos depois vai aumentando. Todo mundo tinha obrigação, mesmo aqueles que não tinham filhos, de ajudar a construir a escola na comunidade. Deveriam escolher o professor que deveria ter uma atitude moral, boa conduta, ser o mais culto entre eles. As canções... Em minha dissertação de mestrado foi feita uma coletânea de 60 músicas tiradas de onde ele viveu. Eu estudo as letras que são de fundo moral, ou melhor, letras que condenam a imoralidade. Um exemplo: exaltando o casamento, a religião. Como exemplo, aqueles. panos de parede que são educativos. Numa canção uma mãe burguesa viúva encontrou um outro casamento, mas o marido não quis a filha e trancou ela*

*no porão, passou em um marceneiro e pediu um caixão. Depois de 8 dias voltou para casa. No velório, a filha, ao badalar do sino, se virou na segunda badalada e disse: “mãe tu é culpada do meu sofrimento, da minha dor e da minha morte.” A mulher teve um chilique e morreu do coração. Ao invés de uma cova coveiros fizeram duas. Moral da história não se mete a fazer o que tu não deves. Tem um castigo diferente de hoje em dia. E tem mais, o Boêmio era Católico Tíbio (Nau Catolich) porque ele desacreditava dos padres que somente servem para explorar e dos empresários. O empresário explora e o padre também não dá consolo. E o Umann, com a doutrina socialista, ele era contra a igreja, não acreditava, ela não tinha nada a somar. Como ele era socialista, não tinha nem um padre nem um pastor para perdoar os pecados. Então eles têm obrigação dobrada de ser moralistas em tudo que praticam e de ter uma vida correta. Ele deixa uma lição do agnóstico<sup>34</sup> ele acreditava no Deus do Católico Tíbio.*

Moacir complementa a ideia de religião, de acordo com a história da religião, no seu ponto de vista:

*[...] Acreditar em Deus e ter religião é outra coisa. A minha preocupação é que acredito em Deus, mas não estes das religiões, não. É Deus mesmo, não é fictício. Eu lecionei no curso de teologia da PUC-RS, no Seminário de Viamão e na Escola Superior dos Capuchinhos. Sempre sem ter religião, pois eu trabalhei com a História das religiões.*

Diplomático quanto à religião, esta outra qualidade de Umann fica realçada nesta fala de Hilda:

*[...] Uma colocação diferente, como Umann tinha, na época. Em um dado momento era importante você ser católico ou protestante. Você deveria ser católico para ser meu amigo ou vice e versa. E Umann se coloca no meio deles. Ele não acreditava nem em empresário nem em padres. Em Deus ele acreditava. Então ele era um Católico Tíbio, não era agnóstico. Com este conselho vocês têm mais obrigação de serem bons praticantes, do que aqueles que têm religião, porque vocês não têm padres nem pastores para perdoar seus pecados. Os primeiros que chegaram, aqueles que ocuparam 25, 30 hectares, os primeiros lotes, todos são pioneiros.*

A tarde foi agradabilíssima, a sensação que tive foi de ter adquirido novos amigos e aprendi muito, com este encontro. Despedi-me deles, esperando o outro dia de retornar para outro café e bate-papo, já que o convite partiu deles e era recíproca a vontade de nos reencontrarmos. Peguei um táxi e fui para a rodoviária, pois queria pegar o ônibus das 16h00. Lá encontrei com uma amiga de infância e adolescência, a Claudia, e conseguimos trocar as posições dos assentos no ônibus para viajarmos juntas para VA, papeando. A amizade era a mesma de sempre e falávamos como se nunca eu tivesse saído da cidade. Despedimo-nos perto da minha casa, onde cheguei muito feliz e transmitindo a todos as novidades.

O domingo, dia 27 de abril de 2014, foi de descanso e transcrição das entrevistas, rodeada de cuidados, carinhos, mimos e dengos de amigos e familiares. Neste momento,

---

<sup>34</sup> Relativo ao agnosticismo, ou seja, doutrina que considera o absoluto inacessível ao espírito humano.

liguei para Fortaleza e dividi minha alegria com meu orientador, Professor Rogério e Lia, minha co-orientadora neste trabalho.

Segunda-feira, 28 de abril, meio a contra gosto, resolvi procurar um médico, depois de tantas críticas de familiares e amigos, pois amanheci com febre de 38º graus. Chegando ao consultório do meu tio Astor, ele, por sua vez nesta manhã, estava consultando em um posto de saúde no interior do nosso município e somente voltaria à tarde. Então, meu pai insistiu que eu fosse ao consultório de um amigo dele. Quando cheguei fui recebida pela sua filha Angélica Coutinho, uma grande amiga. Na consulta, quando relatei a ele os meus sintomas e após os exames clínicos, ele conclui que deveria de imediato tomar dez dias de antibiótico e um xarope expectorante. Também solicitou um Rx de tórax com urgência, pois, na ausculta, havia percebido muita secreção em bases pulmonares, o que justificaria minha febre, tosse e dor nas costas. O pior foi a recomendação... repouso por uma semana e evitar mudanças bruscas de temperatura. Como sou macaca velha em termos de saúde, tudo o que não precisava era de repouso nesta altura do campeonato. Sai do consultório feliz da vida onde meu pai aguardava: *pai, o Dr. Júlio disse que precisava somente tomar este antibiótico e este xarope que esta tudo bem. Vamos logo, para a farmácia que compramos o remédio rápido e eu ainda consigo pegar o ônibus para Linha 17 de Junho, que sai às 13h30min.*”

Peguei o ônibus, e no caminho fui falando com a Lia Fialho, contando o que estava acontecendo. À medida que me afastava para o interior do município, o telefone celular ia ficando sem sinal. Desembarquei em frente à residência de Helga Haas, onde pernoitaria para, no dia seguinte, ir com Hugo para os demais compromissos agendados.

Na casa de Justino e Helga Haas, fui recebida com café e roscas que estavam saindo do forno e a cozinha estava bem aquecida pelo fogão a lenha. E veio novamente o saudosismo da minha infância... as visitas, a minha avó que nos acompanhava sempre nestes passeios com os meus pais e irmãos. Bons tempos aqueles! Queria voltar no tempo...!

Imagem 38 - Helga e Justino Haas sentados ao lado do fogão a lenha.



Fonte: Arquivo pessoal da própria pesquisadora.

Helga é bisneta de Josef Umann. Ela não conviveu com ele, porém poderia ter alguma foto ou documento deixado pela sua, Irene Ritt, que pudesse retratar ou me auxiliar nesta pesquisa. Ela relata:

*Não sei muito sobre Josef, sei somente que foi comprar livros em Porto Alegre, ele e meu avô, estes deveriam ser para ele, escola e sociedade, foram quase presos, por falar em alemão. As fotos são as mesmas que tua avó tem, mas o que eu tenho e guardo com carinho são os botões de cristal que ele fazia na Alemanha e trouxe consigo para o Brasil. Minha mãe me deu. Você pode escolher um também, pois estou lhe dando e sei que você, Cristine, vai valorizar.*

Imagem 39 - Botões trazidos da Boêmia por Josef Umann.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

A conversa continuou contando as novidades. Fui ainda visitar seu filho, Sergio Haas, que mora em residência ao lado. Após a janta, dormimos todos. O problema foi que passei a noite tossindo e com medo de acordá-los e incomodar.

Quando amanheceu, era dia 29 de abril. Acordei com o cheirinho de rosca de polvilho, que adoro, e o fogão a lenha já ligado. Helga disse: *achei que íamos levar você, Cristine, para o hospital durante a madrugada*. Respondi, então, para tranquiliza-los, que eu estava bem e já tinha ido ao médico. Somente deveria tomar estes remédios.

Despedi-me após o café e segui o meu caminho, levada pelo Justino, para a casa de Hugo que ficava a 15min da de Helga.

Novamente na casa de Hugo fui recebida por Sidônia. Ele estava me aguardando na cozinha com o fogão a lenha ligado. Enquanto começamos a conversar sobre Josef, Sidônia faz o almoço.



Imagem 40 - Casal Hugo e Sidônia Umann.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Tentei lembrar algo que pudesse reportar as primeiras visitas de onde paramos ano passado, falei sobre o casamento de Josef com a segunda esposa. Sendo assim, Hugo comenta a respeito do livro e da troca de fotografias:

*A minha avó que consta lá como parte é "Nindorf", é a segunda esposa Nindorf Do Josef. É essa que mostra em cima do retrato, da fotografia do livro na capa é Caroline Niendorf de casa. Ela era casada com o pastor Becker, por isso consta o nome Becker. Foi o primeiro marido, foi um pastor. Ela se separou com ele e depois casou com meu avô. O Josef, então, o primeiro filho com ela era meio pai, Alfredo. O primeiro filho dela era Teodoro Becker. Esse filho desse Pastor. Esse Pastor era um sujeito não muito agradável. Ele saiu simplesmente se mandou. Foi lá pra lado de Santa Cruz, não sei bem. Depois provavelmente voltou para a Alemanha. No livro da Hilda consta a fotografia como sendo Olga e José Ritt no seu casamento, é meus pais. Aquela foi trocada. A Olga entregou essas fotos e provavelmente houve um mal-entendido. Era Alfredo e Florentina Luíza Winch. A família tem um brasão, até nós fomos súditos do Rei Otor. Eu tenho um livro se um dia tu, Cristine, queira folhear, mas tudo em alemão.*

Hugo reporta um pouco da sua escolaridade:

*[...] Eu sei o idioma alemão bem e um pouquinho de português também. Apesar de que tenho o primário incompleto, mas eu não dou lado pra qualquer um, não. Por que eu lia bastante. E aprendi duas línguas, aprendi duas letras, o alemão gótico e o latim. Eu escrevo, leio isso tudo. Falo mais que um dialeto, falo boêmio, eu sei falar mais ou menos, não é muito... e de Alemão Clássico também. Eu não estou mais ou menos por dentro dessas expressões que eles não sabem o que significam. Aprendi isso tudo junto quando eles falavam a tabuada 3x7... 21, em alemão, isso sai, na ponta da língua. Isso nós aprendemos tantas vezes que saiu de cor.*

Comentei com Hugo sobre a entrevista de Hilda, em que ela falou: *que os imigrantes eles começavam primeiro na casa a aula das crianças e depois montavam a escola.* Então indaguei a Hugo: *Você sabe algo da educação na época de Josef?*

Hugo diz: *Olha eu fui na aula, eu estava com cinco anos e meio. E quando eu tinha 11 anos eu já sabia essas contas de cilindro, fazer conta de conteúdo de quadrado e retângulo e essas quebradas, por exemplo, esses 3x2... Nós aprendemos em quatro anos mais ou menos, cinco anos. Depois não tinha mais professores. Naquela época entrou a guerra, nós tínhamos professores, depois foram muito mal. Nosso ensino foi péssimo. A pronúncia não sabia o máximo. Português não sabia. Bem, bom, melhor como uma vez professor ensinou lá. A pronúncia também, em Alagoas, Capital Maceió, açúcar, essas coisas depois eu aprendi por mim. No contato com outras pessoas. Meu pai tinha professores muito melhores por que eram professores ainda estrangeiros, tal de Robert. Ele tinha uma escolaridade melhor que eu. Na época de Josef mais preparados inclusive ele. E depois meu irmão foi até a Linha Brasil, continuar. E eu não tive isso. O meu irmão ainda diz: tu aprendeu, melhor que eu. Eu tenho facilidade de captar as coisas. Esses quebrados, como 3 décimos, isso eu aprendi por fora. Um professor me explicou uma vez como é que se somava 3/4 e 1/2 tudo, eu tenho... números primos. Mas eu aprendi um pouquinho também análise gramatical, pouco tempo, os verbos, eu fui, tu fostes, ele foi. Como muitos não falam muito bem o nosso português. Vou te contar uns por menores: Eu fui em Candelária, atrás de um negócio, de uma terrinha que comprei aqui, que entrou em falência esta cooperativa, e então esses funcionários receberam as saídas deles então deram a escritura. Ficou um pouco retardado. A essa senhora depois criou um jornal, folha de candelária. Ela disse: Não, tu fala um português muito bom, aí eu disse assim: e alemão então, nem se fala. Entendo mais ou menos, eu sei que aqui uma moça noivou com um alemão, um Scheibler. Eu não fui convidado, mas eu levei a Lorena e o Zélio meus filhos, para lá. Então lá o cara estava sentado no Pavilhão, é um salão, sozinho. Eu disse: Por que esse alemão está sentado, assim? AAhh ninguém entende ele. Aí eu disse: vamos lá. Foi que conversamos muito bem, depois os outros só escutaram agente falar.*

Então eu perguntei: *Hugo, você depois passou a conversa para eles?* Hugo disse:

*[...] Eles não aprenderam. Aqui não há mais como tinha lá na Linha Cecília. Tinha mais de 400. Tinha livros muito bons de saber, isto, consta mais ou menos 70 itens. Segundo cultura, tudo em alemão é um pouco parecido com português é só você ler... Eu tenho livros muito bons.*

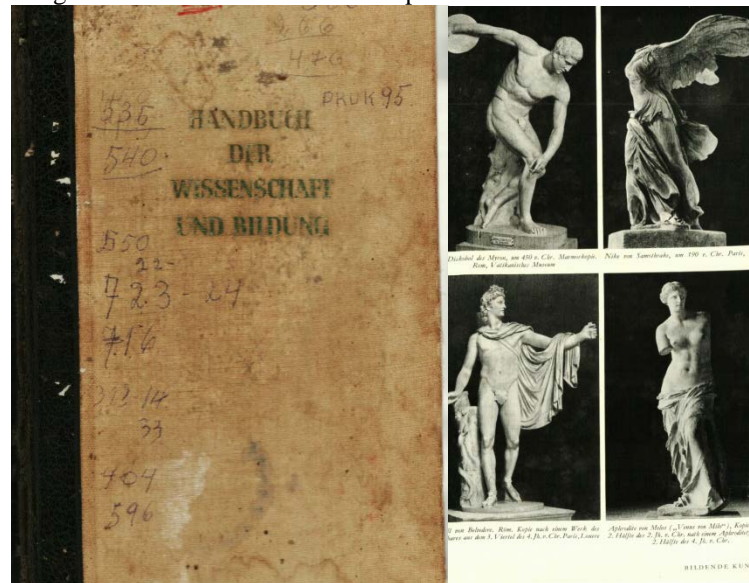
Neste momento, faço pergunta acerca da vida de Josef, e Hugo conversa coisas a respeito da sua vida. O que também é interessante, percebo que ele herdou a vontade de ler do avô. Inquiri logo a seguir: *Mas, esse livro era ainda da época de Josef? [...]* *Ele comprou da Sociedade Literária Alemã. Ele era sócio. Aqui tu achas mais ou menos tudo que faz parte da Filosofia, Antropologia, e Literatura do...*

Eu digo: *Então vocês usavam esses livros para conhecimento? Então, isso foi uma coisa que veio de Josef?* Hugo: *[...] Aqui tem tudo, o motor, tem locomotivas, florestas, mitologia... Isso tudo aqui precisa tempo e precisa... É, com poucas palavras que agente não faz isso. Aqui diz, aqui tem muito mais. Tudo isso de distância são coisas...*

Continuo a insistir, perguntando a Hugo novamente: *Esses livros vinha tudo da Alemanha. Então, pra vocês, desde a época do Josef Umann?*

Hugo:[...] É, o vô também: o meu avô o que é solo , muitos amigos da natureza, aves na viagem. Aves migra quando passa no oceano. Muita coisa,.... o que é o sol, só naquela época, o céu das estrelas. Já tenho uns livros que hoje já tem mais de 100 anos de idade. Eu tenho muitos guardados, mas isso de momento não dá, está tudo dentro dos armários, cheio de bagunça, eu só guardo os mais interessantes... eu até estava querendo ler, mas ia demorar de mais. Antropologia. Esses são mais de 1600 páginas. Aqui tudo o que você pediste tem. Esse livro serve apenas para o leitor ter ideia, ter noção das coisas. Bastante! Bastante amplo isso aqui. Consta mais ou menos, quase tudo que se aprende em Ciência e em Medicina ou exploração de ouro. Bom, 70 itens. Eletrônica, rádio, introdução a mineral, internacional aviação, aqui tem muita coisa também junto, os sonhos, os primeiros exploração subterrânea de carvão, minerais.

Imagem 41 - Livro de Josef deixado para seus descendentes



Fonte: Arquivo pessoal de Hugo Umann

Ao perguntar o que Hugo sabe sobre o início de Linha Cecília, ele responde sobre arma do seu tio Reinold e sobre declaração da Federação Cultural de 25 de Julho na cidade de São Leopoldo-RS em 1960. Este Centro Cultural Germânico é uma sociedade, da qual Alfred ganhou um título de reconhecimento por ter ajudado a terminar o livro de Josef.

Imagem 42 - Título de reconhecimento de Alfredo Umann.



Fonte: Arquivo pessoal de Hugo Umann

Hugo: [...] Ali é o mais importante o que ainda não apareceu em nosso livro da família. E depois nesta cidade foi tirada a arma deles, que o Josef trouxe uma da Alemanha, não sei se Reinold doou ou se vendeu não sei, mas essa carabina tinha pouco tempo, eu não cheguei a usar, porque eu estava com 13, 14 anos não estava nessa idade, mas meu irmão já atirou. E depois também em nossa cidade veio uma lei antiga, um pouco estúpida que iriam guardar nossas armas para nos proteger... em vez entregar uma arma ele entregou as duas armas, isso hoje, ainda nunca mais voltou, isso eu sinto porque eu sou um amador também, colecionador.

Aproveitando o gancho deste documento de Alfred, perguntei lá: na sociedade Josef ajudou a fundar as duas sociedades a de linha Cecília e de Alto Sampaio?

Hugo: [...] Eu li muito livros de lá, ali vem uns 20, 30 livros misturados, porque lá tinha mais de dois mil, tinha até quatro mil livros se não me engano. Era uma biblioteca muito bem sortida. Então o nosso pai ia até lá, tinha lá na sociedade de Alto Sampaio e Cecília muitos livros, e com alguém tempo voltava com uma carga de livro. Todo mundo, todo mundo lia lá em casa. Então, hoje mudou muito o negócio, televisão também. O pessoal não... não lê mais. Isto é uma coisa bastante complexa, fazer uma história bem feita. A Hilda podia mudar o conteúdo um pouco, a linha Cecília, por exemplo, a foto que ele tem lá dentro, é muito mixuruca, podia ser outra. Parece que eu já te mostrei outra vez, vou buscar. Ela tirou aqui mais que 100 fotos, eu mostrei uns livros. Ela ficou assim, um pouco impressionada; assim, acho que... a escola não aparece na foto velha, hoje essa casa foi arrancada. Olhe a direita...

Imagem 43 - Linha Cecília em 1930.



Fonte: Arquivo pessoal de Hugo

Hugo: [...] o Vô faleceu em 1927, no mesmo ano que eu nasci, e eu até esse tempo fui olhar a data uma vez para recordar no cemitério. No túmulo. Eu vou levar você lá hoje à tarde, depois do almoço, também na escola onde você agendou com a diretora.

Seguimos então após o almoço típico Alemão, bem do início da colonização, feito com carinho por Sidônia esposa de Hugo, no fogão a lenha e com panela de ferro, sem nenhum tempero artificial. Este por sua vez estava uma delícia.

Imagem 44 - Almoço típico alemão feito por Sidônia.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Eu me sentia bem, somente com tosse e sem febre. O clima estava ameno, o dia ensolarado, parecia primavera, perfeito! Após o almoço, seguimos pelo interior para Linha Cecília, passamos pelas terras de Josef e aproveitei e indaguei: Hugo, *sabe se Josef ficou com 25 hectares como?*

Hugo: [...] Eu não sei bem, mas eu sei que no início ele comprou duas colônias e depois ficou com mais coisas aí no meio... Ele disse que tinha 3 colônias, eu posso mostrar esta aqui. Hoje tem mais que umas doze ou quinze casas em cima dessa terra, Tudo é casa, moradia na frente. Hoje ainda tem uns matos. Muito bem, por cima do muro tem mato. Agora ele não pode mexer mais.



Chegamos ao Cemitério Jardim da Paz de Linha Cecília. No meio, avistamos uma Cruz de madeira com Jesus Cristo. Do lado direito do Cemitério, estão enterrado os da religião católica e do lado esquerdo os protestantes e evangélicos.

Imagem 45 - Cemitério de Linha Cecília.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Imagem 46 - Túmulo novo de Josef Umann, com suas duas esposas - Caroline Umann e Pauline Umann, e seu sogro Friedrich.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Imagem 47 - Túmulo de Alfredo Umann e sua esposa, Florentina Umann.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Depois que saímos do cemitério, fomos à casa dos Freys, que fica em frente à Escola 25 de Junho que Josef ajudou a fundar. Aproveitamos e verificamos se teria alguém em casa, pois nela mora a viúva de Blondo Frey, uma das moradoras mais antigas, e poderia contribuir. Não encontramos ninguém. Em Venâncio-Aires, até dia 10 de maio, comemoramos o aniversário do Município e a Festa Nacional do Chimarrão. É comum as pessoas visitarem os pavilhões e as comunidades do interior. Fazem atividades neste período.

Atravessamos a rua, chegamos à Escola 25 de Julho. A diretora, Adenice Ivania Becker, nos aguardava. Ela relatou que não sabia muito sobre Umann, somente o que consta no livro traduzido por Hilda. Ela disse ainda que não era moradora desta localidade. Somente trabalhava na escola, um período como diretora, e ministrava aulas. Recordou-se, porém, de um jornal comemorativo do Centenário de Linha Cecília. Foram publicados dois cadernos especiais no jornal Folha do Mate, de VA, um no dia 23 e outro 29 de junho de 1977. Dia 25 de junho comemora-se o Dia do Colono e do Motorista no Rio Grande do Sul, festa que até os dias atuais ainda persiste nas localidades de imigração alemã. Gentilmente, Adenice me cedeu para tirar xerox e fotos. Pegaria na casa de meus pais, à tarde do dia seguinte. Sendo assim, agradei a gentileza.

Imagem 48 - Adenice Becker e Hugo Umann em frente à Escola 25 de Junho.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Era à tardinha. Estava quente e terminamos nossa jornada por hoje. Hugo, gentilmente, me levou para casa dos meus pais, pois queria aproveitar a ida para a cidade e comprar alguns mantimentos que faltavam.

Em casa, à noite, vasculhei o jornal e percebi algumas coisas interessantes, como a placa dos primeiros imigrantes alemães de Linha Cecília, onde Josef Umann consta como o terceiro dos dez primeiros, e sete deles tinham o primeiro nome Josef. Outra curiosidade é que, em frente ao monumento comemorativo de Linha Cecília, que foi inaugurado nesta

ocasião, estão descendentes de imigrantes alemães desta localidade vestidos de índios. Realmente fiz uma leitura rápida e naquele momento o cansaço estava chegando. Fotografei o jornal e tirei cópia. Seguem imagens:

Imagem 49 - Capa do jornal e primeira página, com reportagem falando de imigração.



Fonte: Arquivo pessoal de Adenice Ivana Becker

Imagem 50 - Matéria do primeiro salão de festas de Linha Cecília.



Fonte: Arquivo pessoal de Adenice Ivana Becker

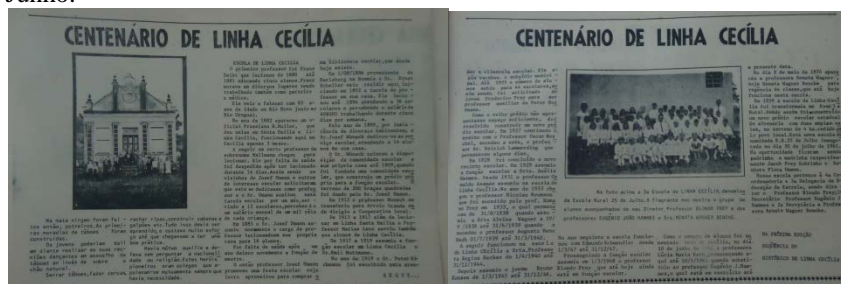
Imagem 51 - Josef à esquerda. No centro, companhia de músicos e alunos da primeira escola.



Fonte: Arquivo pessoal de Adenice Ivana Becker



Imagem 52 - Continuando sobre a história da comunidade e Escola Rural 25 de Junho.



Fonte: Arquivo pessoal de Adenice Ivana Becker

Imagem 53 - Capa do jornal Folha do Mate anunciando continuação do encarte especial sobre o Centenário de Linha Cecília.



Fonte: Arquivo pessoal de Adenice Ivana Becker

Imagem 54 - A história de Linha Cecília, realçando as festas comunitárias e o surgimento da Sociedade de Canto e Bom Humor.



Fonte: Arquivo pessoal de Adenice Ivana Becker.

Imagem 55 - Continuação da história de Linha Cecília, enfatizando as festas comunitárias e a religiosidade.



Fonte: Arquivo pessoal de Adenice Ivana Becker.

Dia 30 de abril de 2014, quarta-feira, véspera de feriado. Realizei algumas transcrições das entrevistas dos dias anteriores pela manhã. Pela tarde desloquei-me ao museu de Venâncio-Aires. Infelizmente, estava fechado, pois haverá uma exposição na FENACHIM<sup>35</sup>, e somente dia 13 de maio, ou seja, quando terminasse a festa. Voltei para casa desanimada e após o feriado iria procurar algum conhecido do museu, em cidade pequena todos se conhecem. Não teria dificuldades. Então curti minha família.

Em 01 de maio de 2014, feriado nacional do Dia do Trabalho, resolvi, também folgar, pois estava com a casa cheia de visitas e tinha que dar atenção aos amigos. Para minha sorte, pela tarde vieram me visitar Líneo e sua esposa, Rejane Felten. São primos do meu pai, duplamente, ambos de lados diferentes pelos Umanns e pelos Brandenburgs. Relatei a Líneo sobre o Museu. Ele entrou imediatamente em contato com a secretária e solicitou que me atendesse, explicando o contexto da situação. Esta agendou para o dia 08 de abril de 2014. O resto dia foi maravilhoso. Curti as comidas de que mais gosto. Estava bem melhor da tosse, a cada dia. E a expectativa para o dia de amanhã era grande, em relação ao Memorial-UNISC.

Em 02 de maio de 2014, o dia estava com um sol lindo, o frio estava agradável, e a vista do ônibus que me levava para Santa Cruz do Sul-RS era de campos verdes, a plantação de arroz florescendo, e os córregos com água cristalina. A beleza do Rio Grande do Sul parecia ao meu olhar mais lindo trazendo as recordações deste caminho que percorri várias vezes. Chegando a SCS, fui a uma cafeteria que na época da Graduação era ponto de

<sup>35</sup> Festa Nacional do Chimarrão, em que Venâncio-Aires corresponde à Capital Nacional do Chimarrão, realizada de dois em dois anos.

discussão dos assuntos acadêmicos. Lá aguardei por Miriam Viviane Baron. Após lancharmos, fomos ao Memorial-UNISC.

As 14h00, estávamos apostas à porta do Memorial, porém ainda estava fechado. As 14h20min chegou a estagiária, que abriu. Discorri que procurava por Olgario Paulo Vogt, porém ela disse que hoje seria um dia que ele não vem ao Memorial e não sabia de documentação nenhuma de Josef. Argumentei: *“falei com ele por telefone e marquei. Perguntei sobre a sala dele na UNISC.”* Pelo telefone interno ela ligou e realmente estava na UNISC e já viria para o Memorial.

Olgario é professor do Departamento de História da UNISC e diretor do Memorial, também realiza pesquisas sobre a imigração alemã. Ele, por sua vez, disse que não tinha nenhum material de Josef Umann no Memorial. Ele próprio foi buscar a documentação do Museu Mauá. Aí repliquei: *“meus parentes afirmaram que foram entregues no Museu e nele consta saída deste material para a UNISC. Então deve estar aqui em algum canto”*. Olgario então diz: *Tá então vou ver o que acho, vou lhe passar o Jornal Kolonie<sup>36</sup> da época para você ir procurando se você acha algo.* Este jornal é todo escrito em alemã clássico e gótico, ele já tinha me alertado que são dezenas de livros como este da foto para eu analisar. Como não desisto com facilidade alguma coisa, vou encontrar neste Memorial. Meu sexto sentido de pesquisadora estava aguçado. Peguei um par de luvas, uma lupa e comecei folhando as páginas.

Imagem 56 - Cristine Brandenburg no Memorial-UNISC.



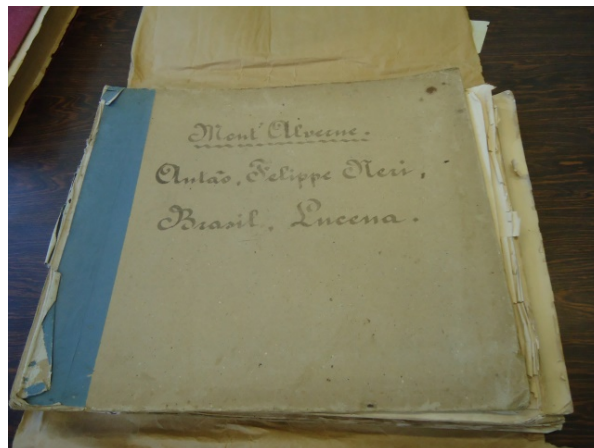
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

<sup>36</sup> Fundado em 1º de janeiro de 1891. No final da 1ª Guerra Mundial, o jornal foi proibido de circular em alemão, passando a ser impresso em português de fevereiro de 1918, com novo nome Gazeta de Santa Cruz. Com tempo, mudou para Gazeta do Sul que circula até hoje nas regiões do Vale do Taquari e Rio Pardo.

Após 45 min, o professor Olgario diz: *Acho que Ulmann não era Comunista e sim Anarquista, deixo isso para você averiguar no final da sua dissertação.* Continuei e folhei as páginas, olhando página por página com um conhecimento ralo na língua alemã, mas fazendo de conta que estava entendendo tudo. Quando só sabia pouco, e o mais interessante do alemão clássico, o gótico, somente o nome de Josef Umann e da comunidade de Linha Cecília. Quando Olgario diz interrompendo meus pensamentos:

*O segundo material que eu vou te passar, vão ser os cadastros de Carlos Trein Filho, o que são esses cadastros? Quando Santa Cruz, se torna município no ano de 1878, o governo da província, ele pede para cadastrar todos os moradores das da colônia de Monte Alverne e Santa Cruz, sejam cadastrados todos os moradores para ver quem esta com dívidas. Então Carlos Trein filho ele passa lote por lote, mas só na colônia oficial, nas duas colônias oficiais, além de fazer a remediação das terras por quem tem problema de divisa, eles também coloca o quem foi o primeiro moradores do lote, e se vendeu a flano, beltrano eles colocam , vou te passar o Primeiro de Monte Alverne. Em que época que o Carlos Trein Filho faz isso, ele faz em 1879, e os últimos foi em 1882, 1833, tá bom?!*

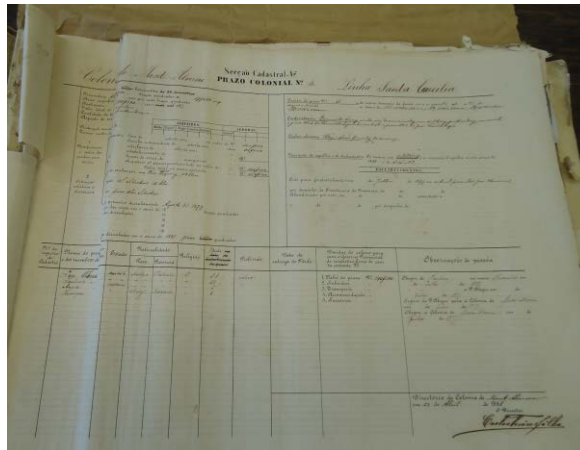
Imagem 57 - Capa do livro de cadastro das colônias de Monte Alverne.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Continuei a persistir; e a documentação do Museu? Isso, nesta altura do campeonato já eram 16h15min e eu somente poderia ficar no Memorial até as 17h. Para minha surpresa, na segunda folha, encontro o cadastro de Josef Umann. Lá consta que ele estava em dia com o pagamento da propriedade, que ele tinha na época do cadastro 31 anos. Este cadastro tinha foi feito em 28 de abril de 1881. Nele consta que era casado, agricultor, tinha dois filhos e não declarava a religião, onde esta escrito zero neste quadro.

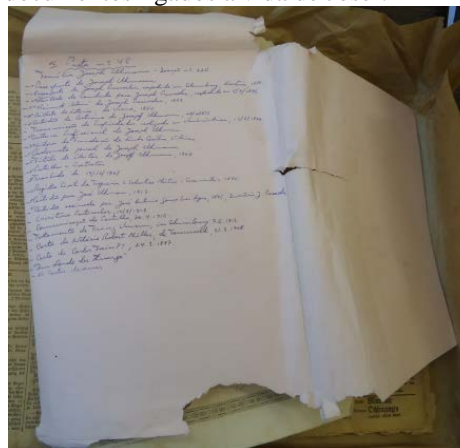
Imagem 58 - Página registro lote 3 pertencente a Josef Umann.



Fonte: Arquivo Memorial-UNISC

Começo a me animar, puxa! E, contagio a Olgario, que diz: “*Acho que você esta com sorte! Olha o que eu achei! Não sabia deste material. Não sei como passou despercebido*”. Quando ele me entrega uma pasta número 45, onde constam vários itens relacionados a Josef Umann. A minha empolgação é grande. Pergunto se posso escanear. Somente devo ter cuidado com os papéis. Ele se retira da sala por instantes; eu e Miriam começamos a olhar a documentação.

Imagem 59 - Capa do envelope contendo documentos ligados a vida de Josef.



Fonte: Arquivo Memorial-UNISC

Achamos o passaporte de Josef que consta assinado pelo Barão de Paraguassu, Consul Geral do Império do Brasil em Hamburgo, em 18 de maio de 1877.



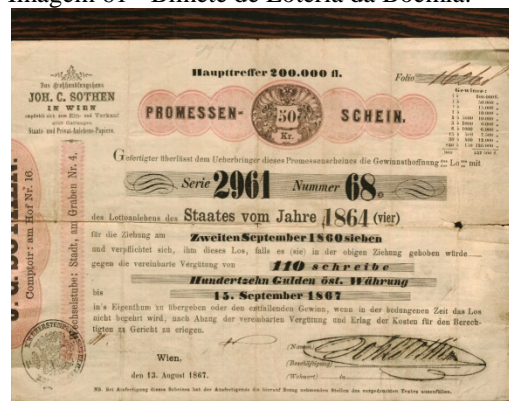
Imagem 60 - Passaporte Josef Umann.



Fonte: Arquivo Memorial-UNISC.

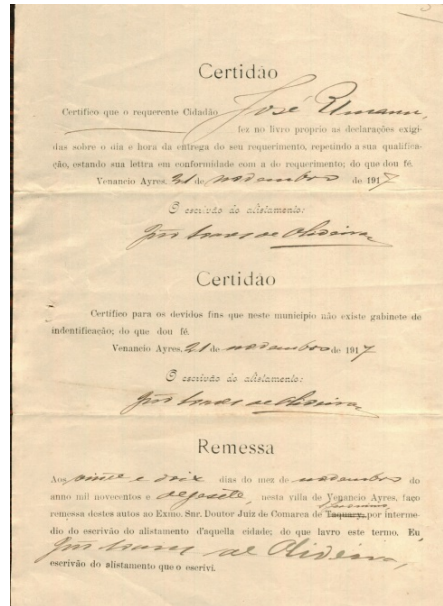
Continuamos a olhar os documentos-bilhete de loteria da Boemia de 1867, certidão de cidadão Brasileiro de 1917 para Josef Umann, o documento é tão precário que se encontra rasurado. Seguem imagens correspondentes 56 e 57.

Imagem 61 - Bilhete de Loteria da Boemia.



Fonte: Arquivo Memorial-UNISC

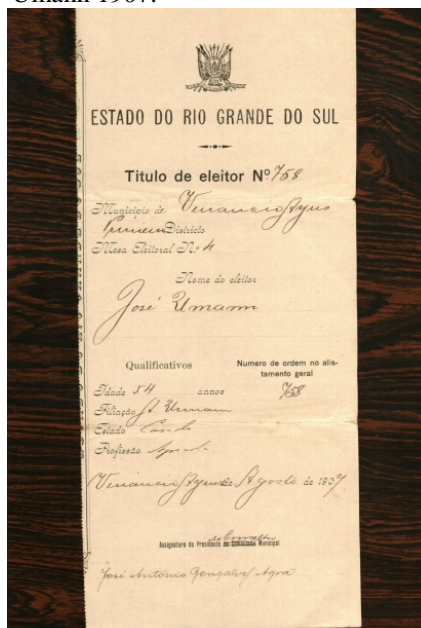
Imagem 62 - Certidão que declara Josef Umann como cidadão Brasileiro.



Fonte: Arquivo Memorial-UNISC

O título eleitor número 758, do Estado do Rio Grande do Sul, conferido a Josef Umann, 54 anos, antes da certidão de cidadão brasileiro que recebeu somente em 1917. Este documento ainda demonstra a precariedade da época dos documentos, por isso que a oralidade em uma pesquisa é sempre importante para esclarecer os fatos. Este documento também está rasurado, onde está escrito Assinado pelo Presidente da Comissão Municipal. Comissão está rasurado e escrito acima substituindo pela palavra Conselho.

Imagem 63 - Titulo eleitoral Josef Umann 1907.



Fonte: Arquivo Memorial-UNISC.

Neste momento entra na sala outro pesquisador chamado por Olgario, o professor Roberto Radünz, e começa a auxiliar a alisando os documentos e separando, mas não me devolvendo. Nesta altura já era 17h30min e eu olho para a minha amiga que capta imediatamente a minha preocupação e começa a intervir: “Estes Cris, você não escaneou...” volta e meia ela me auxilia. Fiquei assim mais tranquila com a presença dela.

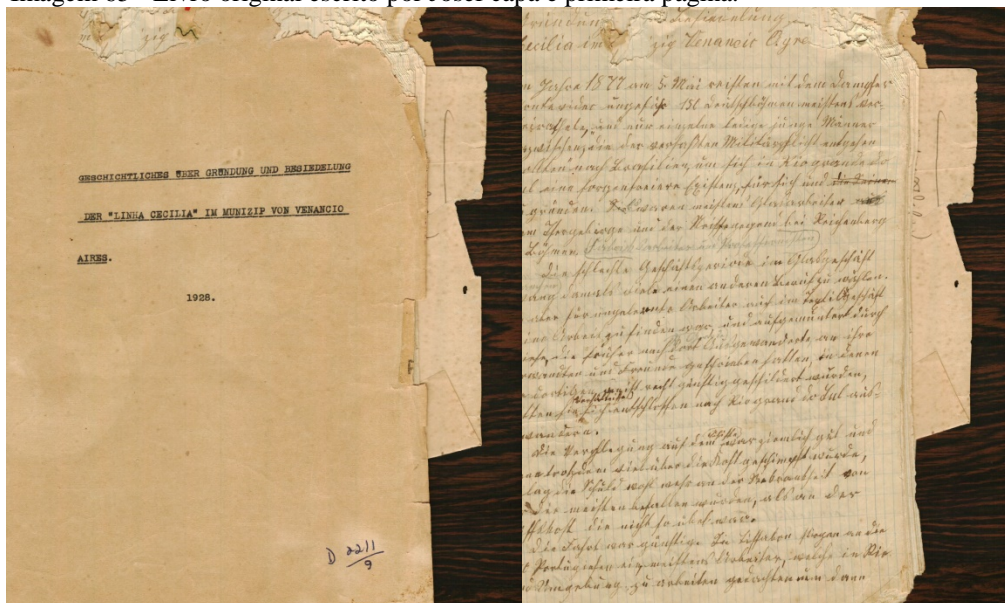
Imagem 64 - Roberto, Olgario, Cristine e Miriam no Memorial-UNISC.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Quando, em meio aos papéis, encontro em péssimo estado de conservação, corroído nas pontas, para minha surpresa era o livro original, um caderno com capa datilografada, escrito em alemão gótico com letra de próprio punho de Josef; me arpeio de emoção e escaneio uma a uma as páginas do livro.

Imagem 65 - Livro original escrito por Josef capa e primeira página.



Fonte: Arquivo Memorial-UNISC



Não percebi o tempo passar, já era noite, 19h, e Olgario precisava fechar o Memorial e a estagiaria teria que ir para a aula. Olgario ainda me indicou alguns livros que poderiam ajudar a fundamentar a minha pesquisa. Agradei a Olgario e Roberto terem me auxiliado e marquei outro dia para continuar a pesquisa, dia 7 de maio. Enquanto guardava minhas coisas, a estagiaria me alertou: “*que muitos documentos às vezes somem do Memorial e depois aparecem*”. Naquele momento eu e Miriam captamos a mensagem.

No caminho para a biblioteca da UNISC, relatei o que descobri para os professores Lia Fiuza e Rogério Santana, que de imediato se preocuparam com o ineditismo de pesquisa ou fontes encontradas. Fiquei preocupada, mas, ao entrar na biblioteca, veio um estado de nostalgia. Tantas vezes estive estudando nas salinhas, pesquisando no seu acervo, tinha o mesmo cheiro, não mudara nada, apenas mais prateleiras. Retirei vários livros no nome de minha amiga e alguns no meu como ex-aluna para tirar xerox. Ficamos na UNISC até às 22h30min, até fechar. Depois fomos jantar para comemorar eu, Miriam e seu esposo, Fabio. Pernoitei na casa dela nesta noite.

Amanheceu em três de maio de 2014. Muito frio o tempo, nublado, nem me lembrava da minha tosse, que diminuía cada vez mais, e o fato de tomar o antibiótico ainda, isso reforçava que deveria me cuidar. Tomamos um café e batemos um papinho, peguei o ônibus para VA. Cheguei as 12h à rodoviária. Resolvi ir andando até em casa, cumprimentando conhecidos no caminho de casa. O almoço já estava pronto, senti ao entrar, experimentei a felicidade de ficar mais um pouquinho perto dos meus pais e irmãos. Ao mesmo tempo, em que sentia alegria, lembrava-me de que estava terminando esta etapa, e que já vou retornar no dia 12 de maio de 2014 para Fortaleza.

À tarde fui para Linha 17 de Junho, com meu pai, para casa de Hugo, segui viagem com Hugo para casa de Reinilda Frey, em Linha Cecília. Chegando à casa, fomos recebidos pelo genro que explicou que estavam na FENACHIM. Ele ligou e marquei de vir no dia 05 de maio à tardinha. Fomos então procurar o presidente da Sociedade de Canto e Bom Humor; também estava na FENACHIM. Nesta localidade, o telefone celular fica sem linha, em alguns pontos, e o fixo dificilmente encontramos o morador em casa, pois a vida é de agricultor.

Então resolvi, diante dos fatos, pegar o ônibus mais cedo para casa, para meu pai não precisar me buscar mais tarde. O ônibus já tinha saído, e avistamo-lo numa curva. Então, Hugo começou a acelerar, em uma estrada de chão batido e cheia de curvas. Eu, imediatamente disse: “*Calma tio Hugo, se não o meu pai vem me buscar*”. Ele respondeu: “*eu dirijo desde os meus 14 anos de idade, comecei num Ford Bigode, dirigi caminhão para*

*seu vô, na época do alambique, conheço essas estradas de olhos fechados”*. Quando eu percebi, Hugo já estava ultrapassando o ônibus, fazendo sinal para ele parar.

Realmente, dentro ônibus, na ida para casa, estava observando. Ele é um excelente motorista e um ótimo guia na minha pesquisa. Sabe exatamente o que pode me interessar, e se muitas vezes não responde certos fatos é porque não sabe ou não se lembra. Serei eternamente grata, a este senhor meigo e bem humorado, que de modo gentil me atendeu sempre na busca de fatos para esta pesquisa.

Imagem 66 - Hugo dirigindo em seu carro.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Cheguei em casa mais cedo para surpresa de todos. Descansei o resto da tarde. Pela noite fui com a família e amigos passear na FENACHIM, olhar os pavilhões de exposição, e aproveitei para tomar aquele café colonial, um costume típico alemão onde em uma refeição encontramos todos os doces, docinhos, tortas, salgados, linguiça, chá... uma variedade de alimentos. Neste local de café, o cliente pode comer à vontade por um determinado tempo geralmente duas horas.

No dia 04 de maio de 2014, como de costume, tomei café com meus pais. Ficamos tomando chimarrão um pouco pela manhã. O dia amanheceu muito chuvoso, mesmo assim, pedi para meu pai me levar à casa de Hugo, pela manhã, onde ele me aguardava. Hoje era o dia perfeito, domingo, sempre tem atividade nas sociedades do interior. Hugo e eu, saímos novamente em campo: de Linha 17 para Linha Cecília 10 km da casa dele. No caminho, Hugo relatava histórias como: “[...] *aqui um ladrão foi roubar, o dono saiu de casa matou enterrou o corpo e ninguém veio reclamar.*

Passando em frente às terras que pertenciam a Josef, refere-se Hugo: *o nome deste monte era conhecido como Umann Berg*<sup>37</sup>... *Estes eucaliptos eu ajudei meu pai a plantar, existe ainda árvores provavelmente que Josef deve ter plantado*”.

O dia estava chuvoso. Queria sair para tirar fotos, porém Hugo não deixou sair do carro, afirmando que eu estava ainda gripada e deveria me cuidar. Então respeitei o conselho de uma pessoa experiente. O tempo estava chuvoso e frio.

Imagem 67 - Floresta de Eucaliptos e Berg Umann.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Saindo de Linha Cecília, passamos por Linha Santa Emília, Linha Terezinha e já percorremos mais 22 km, onde fizemos uma parada no Bar e Minimercado de Hilma Bohn, bisneta de Josef. Acabamos por lanchar e pedir informação de qual seria o melhor caminho para Linha Alto Sampaio. Devido a chuva, as estradas estavam muito ruins. Inclusive a esposa de Hugo achou muito ruim sairmos neste dia. Explicamos sobre a pesquisa e ela ficou feliz, pois ela não tem nenhum exemplar do livro de Hilda Flores. Assim poderia adquirir o seu. Interessante, na foto abaixo três, gerações de Josef, neto Hugo; Hilma bisneta; eu tataraneta e todos ainda passam os feitos de Josef Umann.

Imagem 68 - Cristine, Hugo e Hilma.



Fonte: Arquivo da pesquisadora

---

<sup>37</sup> Montanha em alemão.

Despedimo-nos e continuamos, como diz Hugo: *geradeaus*<sup>38</sup> cruzamos por Linha Santo Antônio e após mais 22 km percorridos chegamos em Linha Alto Sampaio, porém a sociedade hoje pertence à localidade de Linha Andreas, ou seja, fica na divisa.

Paramos em frente à Sociedade de Leitura Canto e Jovialidade, fundada em 1892. Entusiasmei-me ao avistar uma replica da mesma. Também neste momento em frente percebi uma placa de inauguração e ai não consta como sócio-fundador o nome de Josef Umann. Uma contradição, no livro traduzido por Hilda, consta que ele ajudou a fundar duas sociedades. Na verdade ele era somente colaborador e sócio desta.

Imagem 69 - Réplica da Sociedade de Leitura Canto e Jovialidade e placa em homenagem aos sócios fundadores.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Quando nos aproximamos, Luiza Luft Hencks, esposa do presidente atual da sociedade, Márcio Francisco Henckes, abriu as portas e permitiu que eu e Hugo entrássemos no estabelecimento e fotografássemos. Neste momento, ela relatou: *“o prédio esta em vãos de tombamento histórico, pois os bombeiros querem que troquemos o forro e façamos mais saídas de emergência. Mas isso vai tirar a história do local, já trocamos fiação colocamos extintores e lâmpadas de emergência. Proibiram de fazer festas, aqui não tem confusão a comunidade é tranquila”*. Realmente o estabelecimento tem peculiaridades históricas como: o centro do forro em madeira existe um símbolo representando a República Federativa do Brasil. Baseado no Brasão de Armas, que significava honra e força, no centro deste existem as estrelas do Cruzeiro do Sul. Ao redor, demais estrelas simbolizando os estados.

<sup>38</sup> Sempre em frente.

Imagem 70 - Representação do período da República Federativa do Brasil.



Fonte: Arquivo da pesquisadora

O presidente Márcio veio nos cumprimentar e apresentou a biblioteca de Linha Andreas, da Sociedade de Alto Sampaio. Questionei ele sobre Josef Umann: *“não sei muito sobre ele, mas sei que ele escreveu um livro que está aqui, em alemão gótico, e tem um certificado de honra, temos que procurar. A biblioteca passou por reformas vou mostra-las”*. Entrei na biblioteca realmente bem organizada. De acordo com Márcio, foi a primeira do interior. A segunda foi de Linha Cecília. A arquitetura mistura novo com o antigo, existem mais de quatro mil livros todos em alemão. Havia mais livros, mas foram confiscados na época da Segunda Guerra Mundial. Estes escaparam porque os sócios esconderam.

Imagem 71 - Biblioteca Sociedade de Leitura e canto Jovialidade.



Fonte: Arquivo pessoal pesquisadora.

Com a ajuda do presidente, começamos a procurar o certificado de Josef. Na primeira gaveta que abro, encontro em cima o documento. Traduzido, dizia: Certificado de Sócio Honorário ao senhor Josef Umann, pelos préstimos especiais, pela Sociedade de Linha Andreas, Sociedade de Leitura e Canto Jovialidade em 11 de janeiro de 1920. Este documento



demonstra que ele participava ativamente da sociedade. Foi doado novamente para ficar arquivado na sociedade por Alfredo Umann.

Imagem 72 - Certificado de Sócio Honorário Josef Umann.



Fonte: Arquivo Biblioteca Sociedade de Leitura e Canto Jovialidade

Continuamos a conversar com o presidente que: *“a sociedade continua com as tradições: bocha de mesa, bocha, clube das mães, coral, acompanha atos fúnebres do sócio cantando ainda em alemão músicas fúnebre. Mas não podemos mais fazer casamentos nem festas, para arrecadar dinheiro o que dificulta a manutenção. Nossa comunidade é pacífica sempre gera festas de família. Isso é um grande incômodo. Também mantemos um time de futebol, não ganhamos nada faz tempo, mas é divertido”*.

Agradei pela ajuda e retornamos para casa. Já estava anoitecendo e Hugo me levou para VA. No caminho, íamos conversando.

*Hugo: Tenho livros muito bons ainda, tem um trens que tem as rodas, eu não posso escorregar, muita fotografia dentro, bastante atual 1960, posso mostrar depois, outro dia, como que era, no capricho de novo, 1900... Eu tenho conhecimento agora, existência agora houve um caso que eles tiveram que, quando um negro fez um gol, e um gritou como macaco. Cristine, você sabe por que acontece isto? Porque nossa escolaridade é muito mal, se soubesse que nos todos, o macaco nascesse, não ia fazer mais, quem sabe nos ancestrais também era preto. Tu sabe, por que o negro ficou preto? É o clima, pigmento, melanina. Provavelmente diz que o japonês ficou mais branco, eles tem mais, mais menos dentro da moita, mais em arbustos, enquanto na África tem o deserto. Então a própria natureza se preocupa em proteger e depois a mutação hereditária. Todas as raças porque você sabe que 600 milhões de anos, é muito tempo, no espaço...400, 500 anos luz, pessoal nem sabe o que é isto, porque luz faz, num sei quantas fotos num segundo, eu nem imaginava essas distancias. Então eu tenho sempre que discutir que a terra é chata. Eu vi um cara que disse que queria estudar de pastor, com quem tu quer iludir o pessoal eu disse a ele, ou mentir, aí porque que o negro é preto? Eu perguntei: Ah isto parece que é uma maldição. Já pode parar. Não discuti mais não. Não gostou muito.... Ah, Josef esses são bom, se vestia de pastor e padre, não disse*

*simplesmente, isso tudo não acreditava, ele acreditava em Deus, e se cada homem cuida-se de si não precisava ninguém perdoar os pecados. Então não tinha valor, como de fato é. Porque hoje muitos lugares estão congregando. Mais também crentes, isso demora mais de 3 mil anos, eu dei um livro pra eles, Moisés trouxe uma resposta há mais de 3 mil anos hoje, que hoje eles estão começando a pensar como é foi as coisas, levar mais de 3 mil anos para livrar dessa crença, porque tudo tem uma explicação normal até um cara disse, graças a Deus, isso foi pra casa, andam por aí, tão voando por aí, barbaridade, absurdo, não existe anjo de guarda, onde está anjo de guarda quando vem um carro e te derruba, ou mata, nunca apareceram. Em Linha Cecília, foi vendida cadeira de ouro pra sentar na frente de trono, imagina... que Deus chega lá e esta sentado lá com a Chica e o Juca e estão tomando chimarrão. Olha foi mais ou menos, nos anos antes que eu nasci, na época de Josef, que me lembre de criança, que uma família Fredrich de Linha Cecília foi roubada, roubaram a cadeira que eles compraram. Pagaram de novo..., estúpido como se fala, bobo, uma hora tem uma coisa imaginável, uma hora não. Mas isto não... O Padre disse que roubaram as cadeiras. Os padres, se fosse hoje precisavam ir pra cadeia. Porque isto todo fundamento é uma mentira, eu leio uma revista e vejo que tem muitos livros que não podiam ser vendidos, inclusive a bíblia. Hoje vê numa televisão mostra os macacos, sempre e diz que vai ser um deus, o deus é uma própria natureza, mas que tem um homem de barba lá em cima isso é ridículo, se amanhã tu leva um tiro, isso não tem livro, a previsão nunca aconteceu, isso não serve... Humanidade ainda está muito atrasada. Isso não adianta também. Eu, meu avó, tinha certa facilidade de aprender... eu até sei um verso que canta de trás pra frente, Dó- ré- mi- fá- sol- lá- si,...*

Enquanto Hugo vai voltando dirigindo, fico observando suas narrativas de vida e conhecimentos adquiridos muitas vezes de forma autodidata. E como cada ser humano tem valores diferentes que vai aprimorando durante a vida.

Em casa, a carne do churrasco assava aquele cheirinho. O dia de domingo foi muito produtivo e no final pensava com meus botões... “*Será que os documentos vão estar no Memorial? Será que tem algo importante lá*”? Com a chuva, veio o sono e eu adormeci.

No dia cinco de maio de 2014, passei a manhã transcrevendo e, após o almoço, fui para Linha 17 de Junho. Quando entrei na casa de Hugo e Sidônia, estes estavam terminando de almoçar e eu resolvi colher umas bergamotas<sup>39</sup>. Quando caminhava pelo potreiro, um ganso bravo resolveu me dar uma carreira e eu tive que correr como nunca até a estrada. Apesar do susto, rimos muito do fato.

---

<sup>39</sup> Espécie de tangerina.

Imagem 73 - Ganso de propriedade de Hugo Umann.



Fonte: Arquivo pessoal pesquisadora.

Após a aventura, Sidônia ofereceu um café e começamos a conversar sobre Josef, Hugo expõe:

*[...] Posso mostrar onde meu avô materno nasceu em Tannenwald, também foi mudando o nome. É tipo pinheiro, que é Rochlitz, depois Glabson é Jablonec com o tempo, onde a Christa mora, fica perto de Braga. Eu já te mostrei a foto? Vou pegar... Então, Christa dizia: um dia eu vou pra lá, e um dia ela me mandou, foi uma foto com moldura e tudo.*

Imagem 74 - Rochlitz foto enviada por Christa Petrásková.



Fonte: Arquivo pessoal de Hugo Umann

Hugo relembra da música do Rio Isen:

*[...] Que o rio corre e não volta mais. Isen, que a água do rio vai e não volta mais... Isso é assim aí, tu me acompanha rio querido, mas ela não me acompanha mais... Eu sei muito, lá tem o maior porto de, tem até canais que fazem um por cima do outro para os navios, na Alemanha muito bem assim, aí dentro, mas eu não posso começar agora a folhear os livros, se não até amanhã a noite, eu ainda não terminamos. Temos que ir na Renilda Frey e na Sociedade de Linha Cecília.*



No caminho para Linha Cecília, Hugo disse:

*[...] O meu pai escreveu sobre os índios e depois como vieram os brancos pra cá. Tudo, poesia. Não sei como se trata poesia, só ficou mais um rastro, em alemão Alfredo Umann. Isso consta por aí, isso vou procurar, mas eu tenho muita coisa em desordem, tem uns armário cheio de coisa velha, mas esse caderno também eu vou uma vez destacar...para quando você voltar ano que vem. Vou procurar mais coisas...*

Sobre certidão de batismo de Alfredo Umann, Hugo relata:

*[...] meu irmão sempre me pergunta cadê o batismo. O meu irmão e meu pai são declarados sem fé, sem religião, sem confissão. Escrito em alemão, isso e assinado por padre. Às vezes quando eu sento com um grupo, com uns amigos o Reckzieguel diz: que quando nos éramos criança o pai dele também era muito rígido. Então, nos não podíamos brincar com os filhos do vizinho, hoje já mudou muito. Até não gostava que um estranho fosse em casa, diz que foi desagradável... Um cara, uma vez encontrei em Campo Bom<sup>40</sup>, eu sai lá, comecei a falar sobre as picadas<sup>41</sup> Santa Emília, São Luiz, São Pedro... começa tudo com nome de Santos e Santas... Nós sentimos lá muito mal dentro dos católicos, nos fomos visto assim como tipo, não sei explicar bem. Ali na Cecília, faleceu o velho Becker não tinha religião, então ele diziam que quando foi enterrado, eles foram lá perto do cemitério os católicos, ele diz agora se vire, que ele vai direto pro inferno, disse que foi falado assim... O Richard era católico, mas nunca foi na igreja. Então, quando ele faleceu, ele sabia muito bem escrever nota de música, ele era músico também, então lá ele escrevia para um padre, um colégio de Arroio do Meio. Quando faleceu uns dois vizinhos bastante católicos, foram lá e viram; tinham dois padres no enterro. Tinha o Padre, tinha um pastor e que eles pegaram o chapéu deles e foram pra casa. De tão ofendidos, o padre e o pastor como podia ter dois. Hoje tudo mudou. Tem que um dia procurar em Rochlitz ele podia ter lá o avô foi batizado, procurar lá, foi batizado lá, até mostrei, tinha a foto.*

Gostaria de ver esta foto? Disse a Hugo, que respondeu:

*[...] essa foto eu não sei que fim levou, talvez com o Valdemar, se ela não se sumiu, mas essa foto existiu, que tio Reinaldo mandou da Alemanha e disse a casa onde a avó nasceu, só fica mais pela metade, era fotos, que ele tinha arquivos do meu pai, mas não sei que fim levou, pode ser que Valdemar, mas o Valdemar ele é meio biruta assim, tu chega lá, parece que não, eu até falei pra ele, não tenho tempo, até mandei lá, mas ele disse que não tinha condições de receber visitas, separado da mulher, não sei o que, a casa esta em desordem. Então esses são os casos que fica às vezes difícil, porque ele deve ter fotos, porque a Olga minha irmã ele é filho dela. Eu não tenho quase tempo, nos tamo aqui, pouco, ainda tamo plantando um pouco, eu não tenho mais a mesma disposição, eu to numa idade também... a gente fica meio fora, a esposa não me acompanha nesse ponto, absolutamente ela não ela não lê. Mas também não interessa não. Mas, eu vou procurar mais coisas para você quando voltar de Fortaleza...*

A casa do presidente da Sociedade de Linha Cecília fica em torno de 2 km da Sociedade. Ao chegar, Hugo cumprimentou e pedimos para visitar a Sociedade Cultural Bom Humor, fundada por Josef em 1896. Ele pegou o seu carro e nos seguiu gentilmente.

<sup>40</sup> Município do Rio Grande do Sul que surgiu da Colônia de São Leopoldo.

<sup>41</sup> Mesmo que Linha, localidade pequena do interior do Rio Grande do Sul.

Imagem 75 - Prédio Sociedade Cultural Bom Humor.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Erico Pedro Freitag é o presidente atual da Sociedade. Ele relatou:

*Que continua fechada para festas, porque os bombeiros e vigilância quer reformas, queríamos tomar, mas ai mesmo que fica complicado fazer festas. Querem muitas reformas; já trocamos o telhado. Fizemos o ginásio ao lado, onde agora realizamos festas. Estamos ocupando somente o porão para jogo de bocha, bolão, cartas, sinuca. Reunião de cantos e velórios fazemos no andar de cima, no salão.*

Imagem 76 - Cancha de Bocha.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Surpreendi-me, vendo, ao fundo, a cancha de bocha à direita. Esperava encontrar uma biblioteca organizada por Josef Umann, conservada pelo seu filho Alfredo e assim por gerações... E encontrei foi um armário caindo aos pedaços, com a porta escorada por uma madeira e apoiada em uma panela de ferro utilizada para fazer galinhada.

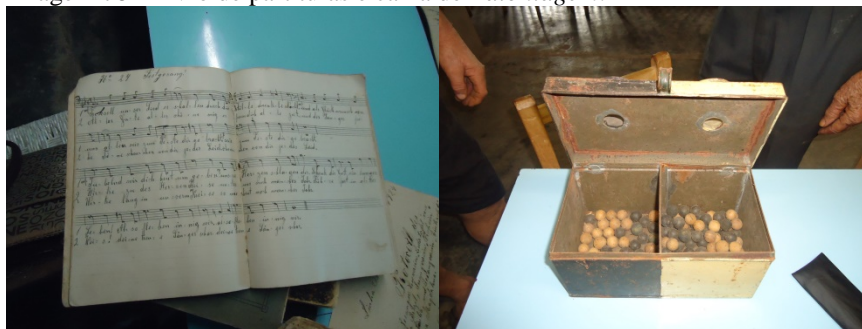
Imagem 77 - Porão com o que restou da biblioteca.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Após passar o susto, comecei a analisar o material: encontrei uma caixa com vários exemplares do jornal comemorativo do Centenário de Linha Cecília, que o presidente me presenteou. Disse que jogava futebol com meu pai quando criança. Mandou recomendações a ele. Deparei com uma caixa de *Balontagem*<sup>42</sup>, livro de partituras musicais, que são cantadas até hoje, livros de sócios, cadernos de contabilidades, vários livros raros em alemão.

Imagem 78 - Livro de partituras e caixa de *Balontagem*.



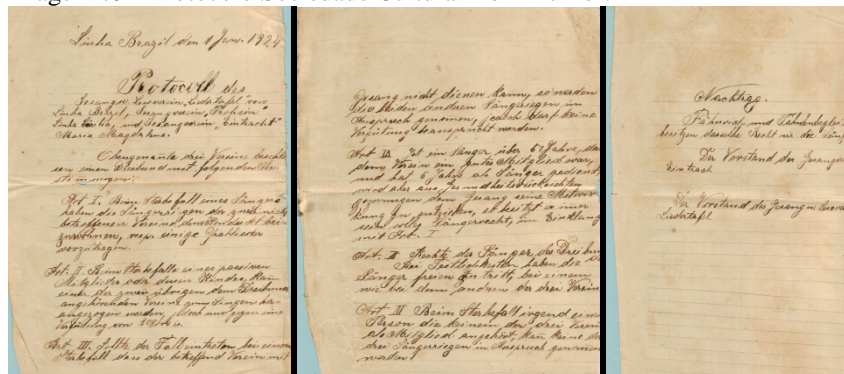
Fonte: Arquivo Sociedade Cultural Bom Humor

Dentro de um livro, para minha surpresa, estava “dobrado” em três vezes o protocolo da sociedade, com três páginas, escrito com próprio punho por Josef Umann, protocolo este que é de regra até hoje com deveres dos sócios. O presidente da sociedade explicou-me: que ao falecer um membro da sociedade de Linha Cecília, Linha Brasil e Linha Madalena todos os demais sócios uniformizados, devendo acompanhar com as bandeiras até a última morada. Engraçado... Realmente se confirma nas notas de falecimento da Rádio Venâncio, que diz: faleceu sicrano, outro outrem, convida os sócios das sociedades... para o ato fúnebre a se realizar...

---

<sup>42</sup> Utilizada até hoje para decidir se um sócio novo entra. Caixa dividida com um lado branco outro preto. Com dois orifícios superiores, onde se colocassem duas bolinhas de cores branca e preta. Se o sócio votar invertido, significa que não é a favor. Se votar correspondente às cores, voto favorável.

Imagem 79 - Protocolo Sociedade Cultural Bom Humor.



Fonte: Arquivo Sociedade Cultural Bom Humor

Recomendei neste momento que o presidente tentasse conservar este documento. Eu estava com o meu coração partido, esperava mais cuidado e zelo pelo acervo. Era o que tinha naquele momento na sociedade: restam 148 livros, porque muitos foram perdidos na Segunda Guerra Mundial. Despedi-me com uma pontinha de tristeza.

Sáímos para casa de Renilda Frey, viúva de um dos professores antigos da Escola 25 de Junho. Chegamos lá. Ela nos aguardava. Sentamos na cozinha bem pertinho do fogão a lenha. Renilda disse que tinha guardado o estatuto da escola que Josef escreveu. Ela iria procurar e mandaria entregar lá em casa.

Sua filha, Izolde Frey Kist, fez um trabalho sobre cemitérios do interior de Venâncio Aires e alguns atos fúnebres e canções para sua especialização e pediu que não revelasse o nome do orientador. Narrou que:

*O meu orientador foi A. Ele usou o meu trabalho para escrever um capítulo no livro Baú de Memória. No dia do lançamento fui comprar o meu e olhei bem na cara dele. Ele nem agradeceu nem colocou o meu nome. Passei pelos cemitérios do interior de Venâncio-Aires todo. Fui até no meio do mato atrás de túmulos únicos. Foi um desrespeito para mim não vale nada.*

A conversa girou em torno de outros assuntos... Fomos para casa de Hugo, onde meu pai já me aguardava. No caminho, porém, uma parada em frente ao monumento feito em homenagem aos primeiros dez moradores de Linha Cecília. Ele fica em um ponto em frente à casa de Josef Umann, que serve de marco para três estradas. Nele consta de um lado a bandeira do Brasil acima da placa com o nome dos primeiros imigrantes alemães, outro da Sociedade Cultural Bom Humor e no outro a bandeira do Rio Grande do Sul.

Imagem 80 - Monumento em homenagem aos dez primeiros moradores e imigrantes alemães de Linha Cecília.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Nesta noite dormi muito mal, pois conhecia o seu orientador e esperava pelo dia 06 de maio para retornar ao Memorial-UNISC e dependia dele para o acesso ao restante do material.

Raiou o dia. Em seis de maio de 2014, arrumei minhas coisas, scanner, máquina fotográfica, gravador e minha agenda que servia de diário de campo, companheiros diários de jornadas nestes últimos dias. Sai do quarto, apostas já para o café da manhã e ansiosa. Tomei o café e peguei o ônibus para SCS. O dia estava sem nuvens, porém o vento estava muito frio, deixando o dia ensolarado com a temperatura fria.

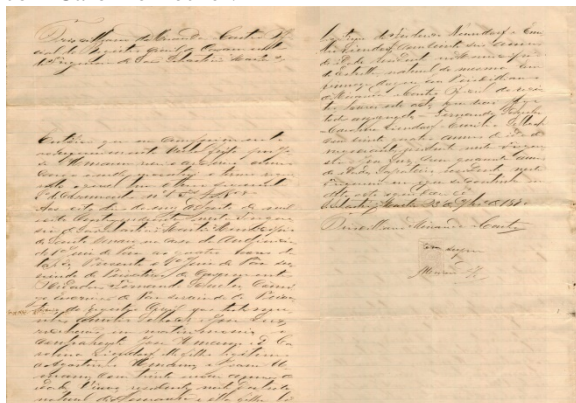
Cheguei ao Memorial-UNISC uma hora antes de abrir as portas. Então fiquei na praça de alimentação fazendo um lanche e observando a rotina da UNISC. Continua a mesma. Os ônibus das cidades ao redor trazendo os estudantes para a universidade, muitos almoçando no intervalo de aula, tirando cochilos nos bancos no gramado. Enfim, não sabem como é bom a vida de universitário.

Abriu o Memorial. A estagiaria já havia separado os documentos e fiquei escaneando um a um novamente. A Miriam entrou neste momento e me ajudou. Tinha receio, tanto quanto eu, de não poder ter acesso a tais documentos novamente. Pelo contrário, no entanto, Olgario deixou tudo separado, como eu deixei e recomendou à estagiaria que, qualquer coisa de eu precisasse poderia me fornecer. Deixou um abraço e recomendação a Líneo Felten.

Primeiro documento foi a certidão do segundo casamento de Josef Umann com Caroline Becker, imagem 75; escritura particular de compra de terreno para a Escola Rural 25 de Junho, imagem 76.

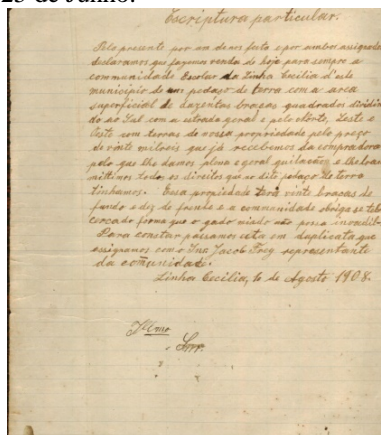


Imagem 81 - Certidão de Casamento de Josef Umann com Caroline Becker.



Fonte: Arquivo Memorial-UNISC

Imagem 82 - Escritura particular da compra do terreno para a Escola 25 de Junho.



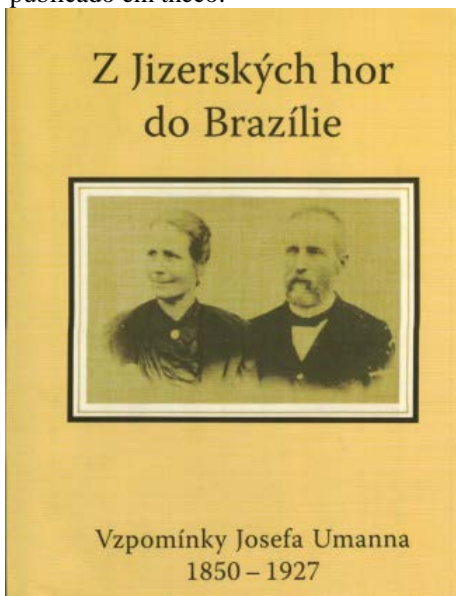
Fonte: Arquivo Memorial-UNISC

Neste local, escaneei outros documentos, como partilha de terra, cartas de Josef receberea de Reinold Umann, Herinch Umann, de parentes na Alemanha, cartões postais, afinal, correspondência de uma vida, que contava as dificuldades e trazia notícias de um local para outro. Todas na língua alemã.

Agradei à estagiaria do Memorial e deixei um abraço para Olgario Vogt. Retirei as xerox dos livros que garimpei na biblioteca UNISC. Voltei com Miriam e Fábio para casa de meus pais. À noite foi de alívio e compartilhamento de emoções e, no final, deu tudo certo.

Quinta-feira, oito de maio de 2014, curti a casa dos meus pais pela manhã. As 14h, no Museu de Venâncio Aires Sandra Schifeldeim me aguardava. Ela me apresentou o livro que Christa Petrásková publicou em Jablonec, julho de 2008, na República Tcheca, onde republicou o livro de Josef Umann. O exemplar foi cedido para tirar xerox para futuras pesquisas.

Imagem 83 - Capa livro Josef Umann publicado em theco.



Fonte: Arquivo Museu de Venâncio-Aires

Encontrei neste momento arquivos escolares da Comunidade Escolar de Linha Cecília, onde Alfredo Umann, Josef Umann, meu avô Wilibaldo Brandenburg, contribuíram para que seus filhos pudessem estudar, assim como outros nomes conhecidos, sendo que todos os membros da Sociedade automaticamente contribuíram para a escola até que se tornou Municipal.

Imagem 84 - Arquivo contabilidade Escola 25 de Junho.

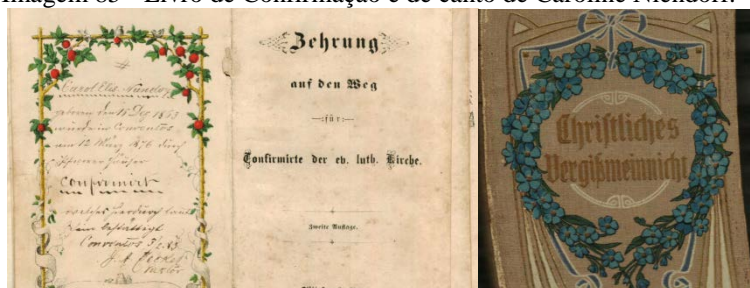
Fonte: Arquivo Museu de Venâncio-Aires

No Museu de VA, infelizmente, não encontrei mais coisas. Voltei para casa, tomei café e fui para a casa de minha tia, Norma Jaeger. Ela cuidou dos últimos dias de Catarina Umann e desabafou em seu relato:

*[...] Esse livrinho que é da confirmação da bisavó Carolina Elizabeth Niendorf que era casada primeiro com o Pastor Becker. Teve um filho e depois se separou e casou com o Umann, Josef Umann e o vô Alfredo. Eles tiveram o tio Alfredo, Reinald e o Fritz. Eram os três filhos dessa Carolina com o Josef Umann. E eu, como bisneta, a mãe que era neta Olinda. Eu era a bisneta, cuidei dessa Carolina Niendorf, depois Umann faleceu. Eu cuidei dela dos meus 8 aos 14 anos. Tinha que*

colocar 4 vezes gotas nos olhos, porque ela tinha catarata. Naquele tempo não se operava ainda, pra ela não ficar cega eu colocava o colírio. Eu tinha que fazer companhia pra ela. Eu me sentava no banco, ela recordava as músicas da igreja, de quando ela era casada com o pastor. Mas ela não sabia mais a letra, então ela fazia: hummmmm hummmmm hummmmm. Ai eu perguntava a ela; ai ela me contou a história, que, quando ela casou foi por amor. Conheceu ele, já que ele fez a primeira confirmação dela. Claro, ela era uma menina, disse que ela era a mulher mais bonita do Conventos do lugar onde ela morava, isso é perto daqui é do interior de Lajeado-RS, do lugar onde ela morava. Disse que ela era a mulher mais bonita de Conventos. E a mãe dela aprovou este namoro. Porque pastor pra eles naquele tempo era uma pessoa muito importante, mas quando ela teve um filho, já com ele, e ela ia na igreja ele olhava do púlpito para baixo, procurando as meninas novas, como se dizia, ninfetas, né, entende? Aí ele saía ligeiro do púlpito quando o culto terminava para a porta da igreja, para falar com essas meninas. O que realmente aconteceu a gente não sabe, mas que ela não aguentou, ela era orgulhosa, e o como diz aqui naquela relato de pesquisa a comunidade também se revoltou. E ela pegou um carroceiro, colocou a cama dela que ela recebeu de casamento e foi com aquela criança pequena até Lajeado. Não sei quantos dias eles viajaram de carroça de boi. Isto ela me contou. Quando eu era menina, isso fica gravado não adiante e o vô Alfred Umann tinha todos os livros dela, porque ela não lia mais e ele tinha medo que nos era criança e aquilo fosse perdido. Então os livros de oração que ela recebeu esse aqui que ela recebeu provavelmente daquele pastor que era marido dela.

Imagem 85 - Livro de Confirmação e de canto de Caroline Niendorf.



Fonte: Arquivo pessoal Norma Jaeger.

[...] Antes do Alfredo Umann falecer, ele me mandou que era já do tempo dele que Josef tinha em mãos que ele contava que ele lia, esse por exemplo, que era já do tempo dele, que ele contava, ele lia, ele tinha que ler muitas vezes as historias ele contava varias vezes eu sei elas de cor. Eu era única mädchen<sup>43</sup> dele, rote Kapelle<sup>44</sup>, Então eu dizia conta de novo vô kep... chapeuzinho vermelho ai ele lia de novo. E ai antes do vô, como ele tinha câncer de próstata, ele fez o Edmar Bohn nosso primo de primeiro grau ele estava cuidado do vô ele fazia as injeções e tudo, ele fez um pacote de livros e um tinteiro e mandou entregar em mãos aqui na minha casa. Eu já era casado, eu já tinha a Úrsula e a Mirian pequenas. Eu chorei dois dias, isso aqui eu chorei tanto hoje eu tive que mexer nisso ai eu disse hoje para minha Tata: eu daria tudo na minha vida só pra falar com o vô e avó dez minutos, porque eles foram meus pais, porque eles me criaram, quando eu tinha mais ou menos 10 anos. Quando meus pais voltaram à Linha Cecília, eu não tinha laço nenhum com meu pai e minha mãe biológica. Eu não tinha laço nenhum com minha mãe e meu pai, nenhum, nenhum, eu nunca na minha vida tive laço com a minha mãe. Foi o vô e a vó que me criaram. Isso que eu senti porque a Vó Olinda não cultivou os laços com as minhas filhas, ela renegou as netas. Ela nunca teve tempo para cuidar delas. Isso me dói até hoje!

<sup>43</sup> Menina em português.

<sup>44</sup> Chapeuzinho Vermelho.



Imagem 86 - Livro de chapeuzinho Vermelho de Josef Umann.



Fonte: Arquivo pessoal Norma Jaeger.

A minha tia sempre foi uma mulher forte e determinada. Quando minha vó adoeceu, ela comandou o esquema para dividir a rotina para todos cuidarem. Sempre foi justa. Também fotografei o tinteiro de Josef Umann.

Imagem 87 - Tinteiro de Josef Umann.



Fonte: Arquivo pessoal Norma Jaeger.

Após conversas, tomamos um café e continuamos a conversar sobre outros assuntos e voltei para casa.

Imagem 88 - Norma Jaeger.

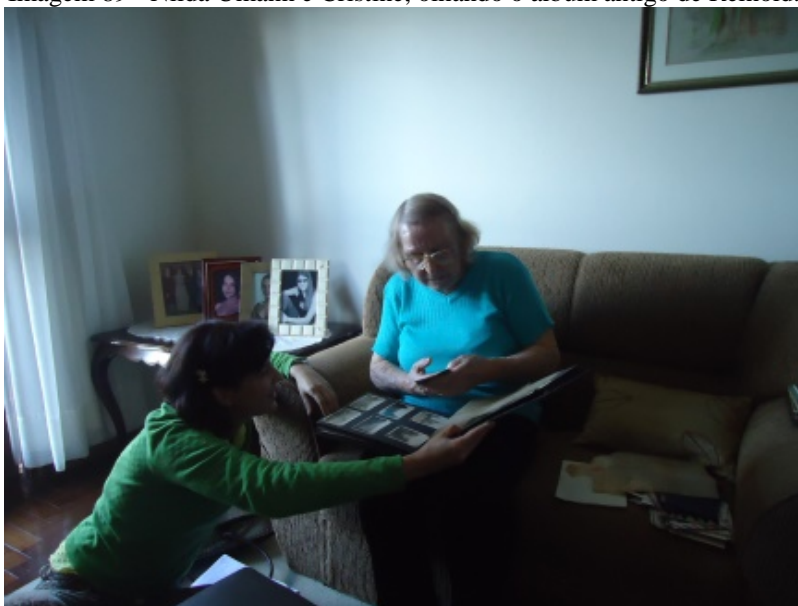


Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Último dia da pesquisa de campo, nove de maio de 2014, no Município de Rio Pardo - RS, duas horas de VA. Primeiro, pego um ônibus para Santa Cruz do Sul e lá aguardo na rodoviária por 45min, somente às 13h vou para o meu destino. Na rodoviária de SCS estava muito frio. Fiquei esperando tomando um chocolate quente. O sol bem tímido aparecendo entre nuvens.

Cheguei a casa de Nilda Umann (98 anos). Nasceu em 03 de dezembro de 1916, viúva de Reinold Umann, filho de Josef. Ao cumprimentar, primeiro perguntou como iam meus pais e irmãos. Trocamos lembranças e fatos das nossas vidas. Quando pequena, era comum que uma vez ao ano nossa família ir para Rio Pardo para visitar os parentes. E a casa continuava a mesma como eu tinha a lembrança de 20 anos atrás. Iniciamos então a nossa conversa sobre Josef, com Norma Umann Potter, filha de Nilda Umann:

Imagem 89 - Nilda Umann e Cristine, olhando o álbum antigo de Reinold.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Nilda [...] Tiveram filhos, então era três gerações de filhos de Josef.

Norma: [...] tem que começar por aí mãe da Alemanha.

Nilda: [...] Josef Umann veio da Alemanha com o irmão dele, que o irmão dele deixou a família e mulher lá, a mulher e os filhos na Alemanha e aí que ele casou com Clementina, [não, Clementina já era filha]. A mulher dele eu não me lembro, eu não se ele casou, sei se ele se juntou, teve família, aí eram 5 mulheres num é?! e 2 homem, Clementina e agora não me lembro das outras, eu podia saber mas eu não tinha muita relação com eles.

Norma: [...] A mais nova era a Valquíria, que o pai foi padrinho dela. A Valquíria.

Nilda: [...] este irmão deixou a família lá na Alemanha, aí tinha a Marichen, nos fomos lá na Alemanha, nos fomos visitar eles. Tinha 3 mulheres e 2 homem. Ottor e o Beno, Marichen, e qual era o outro lá. Tutava junto Norma!

Imagem 90 - Filhos que ficaram na Alemanha do irmão de Josef, August Umann.



Fonte: Arquivo pessoal de Nilda Umann

Norma: [...] Estava... O vô não gostava do fato de que o irmão abandonou os filhos na Alemanha.

Norma: [...] O pai não quis quando casamos que nos deixasse o Umann, que isso complicava muito na hora de fazer documento, esqueciam e aí a gente tirou, inclusive eu tenho uma neta que botou o nome, o pai dela acho que quis fazer uma homenagem pra nossa família, a Moema Umann Potter.

Cristine: [...] E como é que é o nome dele, do irmão do Josef?

Nilda: [...] como era, o nome desse aí...?! Eu nunca vi ele, não conhecia ele, mas o Reinaldo falava do nome dele.

Cristine: [...] depois a gente lembra na conversa. Vamos continuar e a gente vai lembrando. Eu acho que eu vou achar isso nas cartas.

Norma: Talvez.

Nilda: [...] não, que ali no livro ele não conta nada desse irmão, ele não falava nada da família.

Neste momento diante analisando as fotografias, surgiram às dificuldades de lembrar os nomes. Perguntei se eu poderia tirar as fotos do álbum e olhar no verso. Expliquei para Nilda; que era um costume antigo colocar o nome no verso, minha avó Olinda realizou isso em muitas. E para minha surpresa, estava o nome filhos de August Umann na Alemanha, irmão de Josef.

Norma: [...] Aquele livro ele praticamente só escreveu a história dele. E, e ele só falava de alguns irmãos que tinham morrido lá né? Só disso, do que sobreviveu, porque a família lá foi distribuída, os irmãos, pelo que eu entendi né, eles ficavam órfãos lá né.

Neste momento percebo que a conversa esta tomando um rumo entorno do irmão que veio com ele para o Brasil que realmente não sabemos muito.

Nilda: [...] *E ai esse de lá, queria uma foto dos irmãos deles daqui ai o Reinaldo mandou fazer, Norma tu viu a foto? Ficou tão bonita aquela foto, uma foto pra cada irmão.*

Norma: [...] *Meio irmãos né? Os meios irmãos da Alemanha pediam fotos dos meios irmãos daqui.*

Nilda: [...] *Eles não se conheciam.*

Norma: [...] *Eu acho que isso que a mãe falou assim, que eles não tinham contado muito íntimo, depois né!? Que o meu vô, vô Josef é quem procurava os familiares, os sobrinhos, coisa assim, mas naquele tempo tudo era longe, distância, não tinha essa facilidade de andar pra lá e pra cá né, então era um contato assim, não era muito direto né? Um contato mais...*

Tento neste instante intervir, voltar para a minha pesquisa, acerca da vida de Josef:

Cristine: [...] *Por cartas né?! Eu fiquei impressionada com o número de carta que ele tinha guardado, ele tinha 40 cartas guardadas no acervo da UNISC, quarenta. Acho que era de vários lugares assim algumas da Alemanha, Rio Pardo para Reinold, Monte Alverne...*

Nilda: [...] *Essas cartas tu Cristine tem que traduzir no futuro, contam a história.*

Cristine: [...] *Mais tarde eu vou traduzir, isso é a outra parte de uma pesquisa futura.*

Nilda: [...] *eu não tenho assim, carta que o Reinold escreveu pra alguém. Mas sim, que recebeu diversas, vou buscar.*

Cristine: [...] *E do Josef tem será alguma dele, para Reinold?*

Nilda: [...] *Josef ele já era falecido quando nos casamos. Eu nem conheci ele.*

Então, acabei por escanear muitas cartas da Alemanha, cartões postais dos sobrinhos de Josef.

Nilda: [...] *Reinold era bem jovem, eu não sei, eu não sei quantos anos ele tinha, por volta de 21 anos.*

Norma: [...] *Sobre o Fritz, a gente tinha bastante contato no primeiro tempo. Eles mudam pro Rincão, depois para Santa Cruz do Sul, ai o pai e mãe mudaram aqui para Rio Pardo, ele já era falecido, o tio Fritz.*

Norma: [...] *Fritz é ai o filho de Josef não tivemos muito contato. Eles se mudaram para o Rio de Janeiro depois que faleceu. Mas o filho mais velho do Fritz, no principio ele procuraram, mas ai ele se afastou.*

Nilda: [...] esse aqui é a caça aqui que os imigrantes caçavam é tipo uma capivara, Tentar identificar pelas fotos pra ver a semelhança de quem é.

Norma: [...] A vó tem uma lupa, onde que esta lupa vó?

Imagem 91 - Capivara caçada pelos imigrantes.



Fonte: Arquivo pessoal de Nilda Umann

Continuamos a olhar as fotos no álbum de Reinold, algumas tinham o nome atrás, o que facilitou. Encontramos a foto da casa onde Josef, morou na Alemanha, a fotografia de Rochlitz no ano de 1880 e da avó materna de Josef Karoline Swawosky.

Imagem 92 - Casa de Josef na Alemanha.



Fonte: Arquivo pessoal de Nilda Umann



Imagem 93 - Rochlitz em 1880.



Fonte: Arquivo pessoal de Nilda Umann

Imagem 94 - Avó materna de Josef Karoline Swawosky.



Fonte: Arquivo pessoal de Nilda Umann

*Nilza: [...] O nosso sitio, tu sabe que o nome dele se chama Granja Caroline em homenagem a mãe dele, do Reinold.*

Após uma longa tarde, fomos tomar um café estilo colonial, conversamos mais um pouco e meu primo de terceiro grau Hilário levou-me para a rodoviária onde refiz o caminho para casa de meus pais em VA.

Na rodoviária de Venâncio Aires, encontrei um taxista que era da época do meu avô Irio Klafke, que contou:

*Fui taxista por um determinado tempo com seu avô. Seu avô faleceu cedo. Lembro-me como ele era bom. Jogávamos cartas. Quando fomos visitá-lo em Porto Alegre no hospital, ele chorou na despedida. O aniversário, dia 19 de abril, nunca esqueci, tua avó como teu pai continuou com os melhores pastéis que existem. Nunca esqueci no aniversário, trazia muitos pasteis. Homem simples embora filho médico, filha dona de empresas moravam no centro mas sempre o mesmo homem bom e simples.*

O taxista não cobrou a corrida. Disse que não podia. Meu avô faria o mesmo se fosse neta dele. Você ainda estuda e é solteira; precisa. Um beijo para seus pais. Quando

cheguei à casa de meus pais, encontrei o protocolo da escola que Josef fundou. Hugo havia deixado pela tarde. Como de costume já me aguardavam com algo especial para jantar. Avisei o meu pai; Nilda vai completar 100 anos, em dezembro de 2016. Espera toda a nossa família para a festa em Rio Pardo.

No sábado, em dez de maio de 2014, despertei pela madrugada. Queria ficar mais um pouco na companhia dos meus pais, ajudei no café e nos afazeres. Depois fui transcrever parte das entrevistas e organizar as imagens em banco de dados. À tarde fui visitar uma amiga. Quando anoiteceu voltei, aproveitei neste dia, para curtir o bom gosto musical do meu pai, que adora ouvir músicas pelo *Youtube*. Meu pai descobriu um cantor, Semino Rossi, que canta em alemão, fazendo assim, o maior sucesso. Escutamos outras músicas, como as da Orquestra de Brandenburg... Findando o meu dia.

Dia 11 de maio de 2014, é feriado do Município em Venâncio-Aires, o comércio esta todo fechado, além de ser domingo. Acordamos com um sol lindo, fomos todos tomar chimarrão e beliscar petiscos no pátio da casa. Enquanto o churrasco assava na churrasqueira. Quando de repente, se juntou alguns vizinhos e mais parentes, deixando a manhã alegre. O domingo passou voando. Anoite comecei a arrumar minhas malas para retornar para Fortaleza. A tristeza estava pela casa. Odeio esta parte! Sempre que vou para o sul. Passa tão rápido os dias.

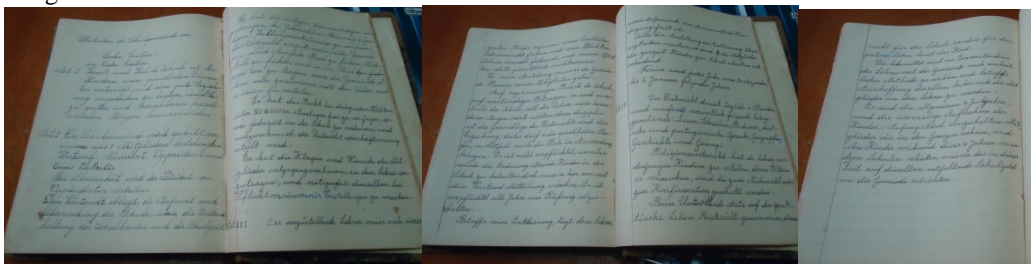
Em doze de maio de 2014, acordo com a voz de Hugo na cozinha. Ele veio trazer o estatuto da Comunidade Escolar de Linha Cecília, fundada por Josef, que Reinilda Frey disse que possuía. Dentro do livro com aparência de velho, continha cinco laudas em alemão do Estatuto da Comunidade Escolar de Linha Cecília; imagem 90. Folhando o livro, deparei no final com o documento original escrito por Josef Umann, dobrado em quatro vezes, escrito em idioma alemão, em papel bem fininho, tipo de seda; imagem 91.

Imagem 95 - Capa do livro do Estatuto Escolar da Comunidade de Linha Cecília.



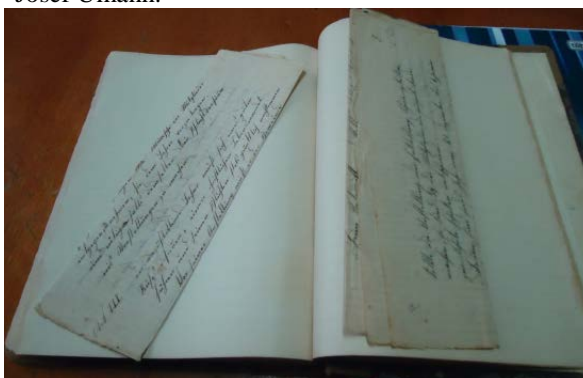
Fonte: Arquivo pessoal de Reinilda Frey

Imagem 96 - Estatuto Comunidade Escolar de Linha Cecília.



Fonte: Arquivo pessoal de Reinilda Frey

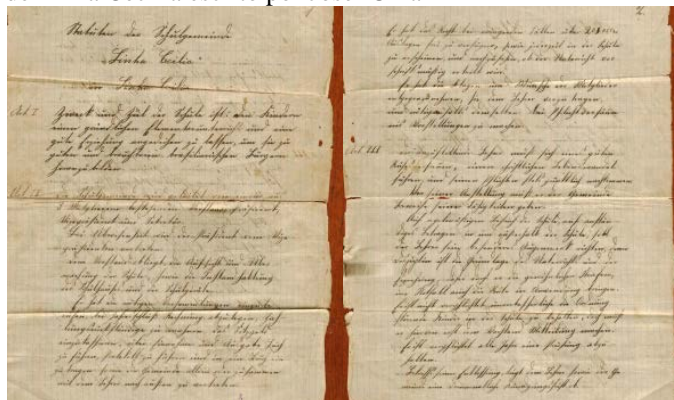
Imagem 97 - Estatuto dobrado original escrito por Josef Umann.



Fonte: Arquivo pessoal de Reinilda Frey

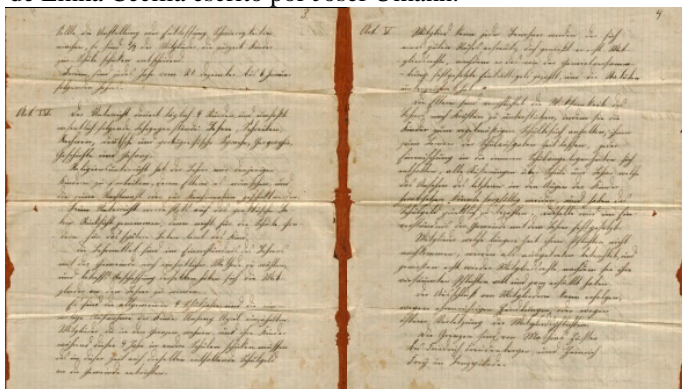


Imagem 98 - Páginas 1 e 2 do Estatuto da Comunidade Escolar de Linha Cecília escrito por Josef Umann



Fonte: Arquivo pessoal de Reinilda Frey

Imagem 99 - Páginas 3 e 4 do Estatuto da Comunidade Escolar de Linha Cecília escrito por Josef Umann.



Fonte: Arquivo pessoal de Reinilda Frey

Fiquei feliz com o último achado, e assim dei por terminado a coleta de dados desta pesquisa. Hugo e Sidônia almoçaram em minha casa, o que deixou minha despedida menos triste. Após o almoço fui para Porto Alegre e embarquei às 15h25min desembarcando às 22h27min em Fortaleza. Leonardo, Paulo e Soraya Vasconcelos me aguardavam no aeroporto. Conte as novidades e fiquei alegre em rever minha segunda família, esta onde os laços são de coração.

No diário de campo, procurei somente apresentar as fontes encontradas com mais significado para nortear, ajudar e fundamentar, a vida de Josef Umann. Neste momento ainda procuro relatar os fatos do cotidiano, para situar a pesquisa de campo. Os documentos apresentados eu discuto na minha dissertação, do Mestrado em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará. E os documentos apenas citados que resultam em um montante 350 ficaram para uma futura pesquisa.

E agora rumo à dissertação de mestrado e no final de tudo “*calma vai dar certo*”

### 3 CONCEITOS ELEMENTARES PARA UM POUCO DE CONTEXTUALIZAÇÃO

Para dar início e subsídios para a pesquisa, devemos ter em mente o fato de que é necessário o esclarecimento dos conceitos preliminares. Indo ao encontro nesta linha de raciocínio do relato de Moacir Flores, que em, 26 de abril de 2014: [...] *importante na pesquisa é sempre estabelecer os conceitos. O que eu quero pesquisar, o que é, o que significa. Vai trabalhar com imigração, o que é imigrante, imigração, pioneiro... Então todas as palavras importantes das ideias. Tem que ser conceituada antes inclusive para orientar a própria pesquisa.* Neste sentido, a revisão de literatura é indispensável para a elaboração de um trabalho científico.

Para Trentini e Paim (1999, p.68), “a seleção criteriosa de uma revisão de literatura pertinente ao problema significa familiarizar-se com textos e, por eles, reconhecer os autores e o que eles estudaram anteriormente sobre o problema a ser estudado”.

A revisão de literatura começa mesmo antes de o tema estar bem definido, e vai até quando o pesquisador se achar familiarizado com os textos, ao ponto de entendimento e discussão ligando a sua coleta de dados. Esta pesquisa intelectual acompanha o estudo até o momento de finalização do seu trabalho. Barros e Lehfeld (1997, p.93) referem que “*a competência em pesquisa científica está estritamente relacionada ao grau de experiência que o pesquisador vai adquirindo à medida em que consegue finalizar os seus estudos para refletir sobre suas dificuldades*”.

#### 3.1 O estabelecimento de conceitos preliminares

Este capítulo, se propõe em parte abordar brevemente aspectos relativos a influências culturais e educacionais originárias da imigração no Brasil, importantes fatores de análise para compreensão de que o povo brasileiro é fruto de uma “história mestiçada”.

Para este trabalho, entretanto, passemos a conceituar palavras e ideias como: cultura e educação; bem como sua influência; povo brasileiro é fruto de uma sociedade híbrida; E tendo em vista que obtivemos certa dificuldade em conceitos ligados à temática imigrante, imigração, colonização e colono em relacionar com autores renomeados, porém, adquirimos em torno de 20 livros sobre imigração alemã no Brasil, e encontramos em apenas três exemplares definições correspondentes.

Então, hoje sabemos que podemos fazer uma pesquisa bibliográfica usando recursos que apressam o nosso trabalho, via internet. Dentre estes, destacamos: periódicos nacionais e internacionais não indexados; dissertações, teses e monografias; artigos em base de dados como os encontrados no: *Latinoamericana y del Caribe de Información en Ciencias de la Salud* (LILACS); Sistema Automatizado de Bibliotecas (SABI) - neste sistema pode-se consultar trabalhos de universidades brasileiras; *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO), entre outros recursos (ECHER, 2001).

O povo brasileiro pode ser considerado originário de uma sociedade híbrida por causa da confluência, do entrecruze e do caldeamento do invasor português, com índios silvícolas, campineiros e negros africanos, uns e outros aliciados como escravos (RIBEIRO, 1995). São chamados de “filhos da terra” os filhos de índias com senhores nobres que não eram índios nem europeus, ou mesmo o mulato que era fruto dos senhores de escravos e escravas. O imigrante, em tudo e as gerações seguintes fazem parte da sociedade brasileira, influenciando na história do Brasil.

Para iniciar a discussão, importa verificar que o significado da palavra “educação” vem do latim “*educare*” ou “*educere*”, provérbio: e, verbo “*ducare*”, “*ducere*”. Significa ato de educar; conjunto de normas pedagógicas aplicadas ao desenvolvimento geral do corpo e do espírito (FARIA, 1975).

No Brasil, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN), de 1996, no Artigo 1º, infere que a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (BRASIL, 1996).

A educação é responsável pelo conhecimento e transmissão de saberes desde os primórdios das civilizações. Como diz Nelson Mandela (*apud* ANGÉLICA, 1993), a educação é a arma mais poderosa que se pode usar para mudar o mundo. Diz ainda, que ela sempre esteve em processos de formação e transformação (VASCONCELOS, MOTA e BRANDENBURG, 2014).

Permeando a identidade de um povo, podemos associar a cultura, ante raiz decorre do latim de *colere*, que significa cultivar. É um conceito de várias acepções. Edward B. Tylor descreve de maneira mais genérica e corrente como “todo aquele complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e capacidades adquiridos pelo homem como membro da sociedade” (LARAIA, 2006).

A cultura é ligada de sentidos e significados, apegos e moldes produzidos, transmitidos e recebidos em argumentos sócio-históricos, que dão a entender as relações de domínio e conflito. Com o mundo globalizado e interativo através da internet, a diversidade cultural não se ofuscou; pelo contrário, continua e se multiplica em rapidez e forma diversas maneiras de congregar identidades culturais.

Escrever sobre este binômio influência social e cultura é sempre um desafio; embora não seja um termo novo, ele sempre perpetuará um sinônimo de transmissão, de herança de valores e o que modifica socialmente um povo.

A influência social é o ato de levar uma pessoa ou um grupo de pessoas a fazer algo que, a princípio, desconheciam e/ou não tinham em mente. Segundo, tanto a Psicologia (especialmente a Psicologia Social), a Sociologia e a Antropologia, a influência social é uma das bases que define nossos comportamentos dialeticamente, ou seja, modelando nossos comportamentos e sendo modelados por nossas respostas em retorno.

Podemos dizer que sociedade e cultura se relacionam, formando único sistema sociocultural, sendo que uma se enraíza e conseqüentemente é expressa na outra. (AZEVEDO, 1986). Cada cultura, pois, cada povo influencia para expressar possibilidades do mundo humano, o qual não se realiza sem que nele apareçam contradições e diferenças.

Neste tocante, acentuamos que a diversidade étnica contribui para o enriquecimento cultural da sociedade, influenciando assim, conseqüentemente, na educação; embora Vilaça (2008) saliente que o processo de integração dos imigrantes nas sociedades de acolhimento deverá abranger todas as dimensões que permitam ao imigrante residir no novo território com a percepção de que a sua dignidade, atenta a especificidade, é respeitada e valorizada, mesmo quando alguns aspectos dessa cultura não estão representados na cultura dominante. No Brasil, isto não ocorreu no início, em decorrência da colonização, da opressão ao índio, da forma de trabalho escravo dos negros, as diferenças culturais dos imigrantes que não era respeitada, dos sentimentos religiosos, culturais e educacionais que nem sempre foram focos de igualdade em virtude da discriminação.

No desenvolvimento deste tópico, precisamos discernir mais alguns conceitos básicos que podemos confundir com o processo de imigração, como o emigrante, nômade, colono, escravo, refugiado e expatriado que faz parte da sociedade brasileira.

- 1) Nômade: aquele que se desloca entre uma ou mais fronteiras, sem fixar residência, ou seja, aquele que vaga, não mora ou fica em um lugar fixo;
- 2) Imigrante: aquele que sai de seu próprio país com ânimo permanente ou temporário e com a intenção de buscar trabalho e/ou residência em outro país;

- 3) Colono: membro de uma colônia, habitante de colônia ou possessão, cultivador de terra que pertence a outrem. Esta colonização também pode se revestir de um caráter político de ocupação, dominação ou exploração de um território por um governo;
- 4) Escravos, banidos, deportados ou exilados: aqueles deslocados de seus países de origem compulsoriamente, que ou quem vive em absoluta sujeição a um senhor, de quem é propriedade, cativo, criado e cervo;
- 5) Refugiados: aqueles deslocados temporariamente em razão de guerras ou catástrofes naturais em seu país de origem, esconder-se ou abrigar-se, procurar proteção, amparo, retirar-se ou procurar asilo ou lugar seguro;
- 6) Expatriados: deixam voluntariamente a sua pátria, aqueles trabalhadores transferidos de empresa transnacional para trabalhar em outro país. (KURY, 2007).

O movimento de pessoas ou populações de entrada em um país para outro é considerado imigração, tendo ele ânimo permanente ou temporário e com a intenção de trabalho e/ou residência destas (FLORES, 2004). Desde a descoberta do Brasil, colônia de Portugal até a rota das migrações internacionais contemporâneas, e em suas articulações com a reestruturação econômica internacional, o Brasil passou a conviver com a emigração e com a imigração internacional (BAENINGER, 2012).

Waibel, 1958, definiu a colonização como um sistema econômico diverso da grande propriedade, porque baseado numa classe de pequenos proprietários de origem europeia. Urge referir que colonização é a ação e o efeito de colonizar: estabelecer colônia, fixar num terreno a morada daqueles que o cultivaram. O termo é usado em diversos âmbitos para indicar a ocupação ou a povoação de um espaço, colonizado, por parte de um grupo, colonizador. Mencionam-se ao assentamento de um povo os colonos, numa zona desabitada, como aconteceu com os imigrantes alemães no sul do Brasil. O conceito é usado como justificação para apoiar o direito à ocupação de um território supostamente virgem, o que implica ignorar uma ocupação anterior (SEYFERTH 2002).

Em 1530, iniciou-se a imigração no Brasil, com a chegada dos colonos portugueses chamados de açorianos, que migraram com o objetivo de dar início ao plantio de cana-de-açúcar. No período colonial e monárquico, a imigração portuguesa foi a mais significativa (FREITAS, 1999), entretanto, nas primeiras décadas do século XIX, os imigrantes de outros países, principalmente europeus, como os alemães, italianos, suíços e holandeses, influenciaram significativamente o processo cultural no Brasil. Em menor quantidade, posteriormente, também houve imigração proveniente de países como Polônia, Espanha, China, Coreia do Sul, Ucrânia, França, Líbano, Israel, Bolívia, Paraguai dentre outros. Isso fez com que, cada vez mais, o povo brasileiro se tornasse fruto de uma sociedade híbrida, que influenciou cultural e educacionalmente em diversas regiões do Brasil.

No cenário do Brasil, a colonização portuguesa estava enfrentando a disputa territorial, ou seja, havia uma política de ocupação dos reis portugueses que visava a consolidar a posse do território. Por exemplo, o caso da Colônia de Sacramento, e em consequência, acesso ao Mar da Prata e a incorporação das Missões, o que ocorreu também com outras regiões do País (FLORES, 1994).

Em razão desses problemas, as políticas imigratórias seriam de imediato a solução para o Brasil, este que começou a adotar em 1530 de acordo com Freitas (1999) com a chegada dos casais açorianos.

Podemos assim dizer que um território tão amplo e quase todo ele despovoado, como era o Brasil no começo do século XIX, pedia uma política urgente de povoamento do seu território, principalmente entre São Paulo e a Colônia de Sacramento, fundada em 1680, região de imenso vazio populacional e ameaçada por questões de limite. Por isso, o Conselho Ultramarino, em despacho de 22 de julho de 1729, recomendava a instalação na área da Colônia. De acordo com De Boni (1982, p. 35), “casais de Ilhéus, e quando esses forem insuficientes, se poderiam conseguir casais estrangeiros sendo alemães, italianos, e de outras nações que não sejam castelhanos, ingleses, holandeses ou franceses”.

A imigração alemã no Brasil tem como data comemorativa o dia 25 de julho de 1824, pois, no início do século XIX, já haviam sido fundadas colônias alemãs na região nordeste e sudeste do Brasil, mas essas “não tiveram êxito” (SEYFERTH, 1981). Para Ely (2007), os alemães participaram da embarcação de Pedro Álvares Cabral, através do cartógrafo alemão Martin Waldseemüller, e durante a povoação de São Vicente, em 1532, de acordo com o diário de bordo, virem para o Brasil alemães, italianos, franceses e pessoas de outras nacionalidades. Tais referências mostram que, no primeiro povoado agrícola do Brasil, já havia alemães que fizeram lavouras e as defenderam dos indígenas.

Podemos dizer então que o povo brasileiro é fruto de uma sociedade híbrida. Na Idade Média, o primeiro nome já fora considerado uma designação muito imprecisa, e foi necessário completá-lo por um sobre nome de família, muitas vezes um nome de lugar. O nome pertence ao mundo da fantasia, enquanto o sobrenome pertence ao mundo da tradição (ARIÈS, 1981). Os brasileiros “filhos da terra” muitas vezes eram somente filhos das escravas e das índias, não tendo como um referencial de tradição entrelaçada ao nome.

Neste contexto, entramos com um novo modelo de estruturação societária. Novo porque surge como uma etnia nacional, diferenciada culturalmente de suas matrizes formadoras, fortemente mestiçada, dinamizada por uma cultura sincrética e singularizada pela redefinição de traços culturais delas oriundos. Também novo porque se vê a si mesmo e é

visto como uma gente nova, um emergente gênero humano diferente de quantos existam. Novo, inclusive, pela inverossímil alegria e espantosa vontade de felicidade, num povo tão sacrificado, que alenta e comove a todos os brasileiros (RIBEIRO, 1995).

Todos esses segmentos populacionais - índios destribilizados, brancos, negros, amarelos e seus descendentes, mestiçados ou não, imigrantes, emigrantes, nômades, colonos, escravos, refugiados e expatriados - formam hoje o que é aceito como população brasileira.

### **3.2 Breve contexto sócio-histórico da Alemanha: porque imigraram**

A imigração alemã para o Brasil é um fenômeno não situado isoladamente no tempo e no espaço. Ele é decorrente de vários fatores que, interligados, conduzem as pessoas a deixar sua pátria para tentarem melhor sorte em outra. No caso da imigração de alemães para o Brasil, destaca-se o fato de o contexto histórico da época na Alemanha onde havia uma sucessão de problemas, entre eles: enfrentavam séries consecutivas de guerras, períodos de fomes, colheitas desastrosas, crises político- administrativas envolvendo a saída do império, crise da indústria de lapidação e tecelões, questões religiosas e o temor do serviço militar, a atuação dos Schaefer e dos armadores alemães (HUNSCHE,2004; BRAUN, 2010).

*[...] Quanto às dinastias, na Boêmia houve cerca de quarenta reis, ela era ao norte da República Tcheca. A República Tcheca existe desde a queda do Muro de Berlim, antes era Tcheco- Eslováquia, que pertencia ao império Austro-Húngaro, que antes pertencia ao Sacro Império Romano-Germânico. Este império Sacro Romano-Germânico é da família dos Hasburgo com origem e raízes na Áustria. Eles se tornaram tão poderosos que quase dominavam toda Europa. Os reis antigamente construía palácios catedrais. O império Austro-Húngaro também morreu, por causas de dívidas. Sobrevive aí a Confederação dos Estados Alemães, com presidência da Áustria. Os Boêmios de lá passaram horrores na Primeira Guerra.*

Nos anos de 1816 a 1818, às dificuldades gerais são acrescidas a fome por colheitas desastrosas, o inverno da fome, guerras. Em termos de questão religiosa não há fatos de perseguição relatados, apenas certos eventos demonstram que, se não houvesse uma perseguição religiosa, houve subjetividade, o medo de perseguição (HUNSCHE,2004). Hilda elucidada que em 26 de abril de 2014,

*[...] Faziam muitas guerras em nome de Deus, guerras de conquistas para expandir em nome de cristo, se fez muita coisa em nome de Deus. Entraram os protestantes, os mulçumanos, um perde outro ganha, entra uma dinastia sai outra, na Boêmia houve duas guerras religiosas: a Guerra do Ócitas e Dejaros Ele era para se retratar não se retratou e foi queimado vivo. E depois a Guerra dos 30 Anos que atingiu a Europa toda. A primeira das 4 fases foi na Boêmia sacrificada, mutilada, briga religiosa. Depois se expande. Após estas duas guerras vieram dois grandes*



*incêndios pavorosos de Glabson<sup>45</sup> depois dos incêndios vem a peste, vem fome vem miséria. Depois, em 1500, depois das guerras, dos incêndios, da peste vem a reconstrução com o vidro que chamam de cristal. A guerra terminou com tudo, somente não terminou com a vontade de sobreviver. Uma vez sobraram 10 casas e eles construíram tudo de novo.*

Foram muitos os motivos para abandonar sua terra, ainda de acordo com Vogt (2004), em razão de fome, crise industrial, desemprego e medo de serem convocados para guerras. Nessa perspectiva Flores relata:

*[...] Bom, agora temos o século XIX, a República, a revolução industrial que deu um impacto e um impulso muito grande para estas riquezas. Contraditoriamente, neste período de êxito de colocação mundial do cristal da Boêmia é que ocorre a imigração. Por que, na década de 1870 houve duas grandes crises. Todas elas crises econômicas 1850, 1851, começo de 1860, todas estas crises profissionais eram produzidas por causa de guerras. Então, a família fica em desamparo, a sugestão...Vamos produzir, produzir, produzir porque a guerra ao terminar vira nova encomenda e estará pronta para entregar... No fim, com a revolução industrial vem o socialismo, desde 1800, trazendo uma mentalidade e uma consciência de cidadania, tanto para os Boêmios como pra os Tchecos... Então veio a guerra de 1848 e isto vai continuando durante a segunda metade do século XIX. Eu tive acesso a uma carta do meu ancestral que estava na Europa naquele período e relatou a dificuldade, nesta carta. Lá ele dizia que fazia 6 anos que não tinha trabalho. Ele havia recebido um lote rural de 3hectares onde eles tinham que plantar batata, coisas para eles comerem e além de fazer de pasto para a vaquinha que todos tinham naquela época na Europa...Se eram ricos uma vaquinha, se pobres uma cabra, pois servia para dar o leite que alimentava as crianças e idosos, principalmente no inverno. Eles compravam mantimentos, madeira para não morrer de frio, pasto para o animal. Para isso tinham que ter dinheiro. O conserto de uma casa lá, naqueles tempos, era equivalente a fazer uma casa... Imagina a inflação. Tipo, a inflação neste período era... Um exemplo: A fatiota era 30 e passou a 600, de repente ... Quando eles vieram na década de 1870, uma década de progressos, mas de guerras houve a guerra Franco-Prussiana, houve a guerra Otomana, a guerra com a Hungria... Me parece que foram estas três. Um parente escrevia que o início da primeira guerra, que para nós foi leve, lá na Europa foi terrível morreram 9 a 10 milhões de pessoas, tombadas por sequela de guerra, por fome. Daí as famílias ficaram desfalcadas, sem o chefe da família para trabalhar.... Se passou muita fome ,muitos morreram de fome. Não tinha supermercado na época, não tinham o que plantar, não tinham sementes na época. O manejo da terra era somente de meio ano onde dois meses ainda descongelava a neve. E, além disso, o manejo era de dois hectares o que não ocupava a família grande. Eles, em pleno verão, continuavam a fazer o artesanato, cada família tinha o seu. Eles eram especializados em uma coisa e registravam na prefeitura... Eu vou produzir este tipo de copo, este tipo de botão, de vaso, estava lá o desenho. Então aquela família era autorizada a produzir. No inverno com casa fechada a fabriqueta no lado, porque nestas fabriquetas, muitas vezes, não tinha nem chaminé. Conforme a especialidade, Umann escreve, tinha fogo no meio da fábrica e ficava aquele ambiente horrível, cheio de pó de vidro ou de fumaça, por falta de chaminé, em uma insalubridade onde Umann diz que 40 anos era velho, a média de vida era de vinte e poucos anos. A criança com 8 anos ou menos já começava a trabalhar...Ele próprio começou a trabalhar com menos idade, com 5 anos, ele narra. A minha tarefa era, com menos de 5 anos, trazer as hastes de lenha para dentro de casa para minha mãe fazer o fogo. Não é que minha mãe precisava, mas era ensinar desde pequeno que o trabalho é uma coisa boa e se acostumar a trabalhar.*

---

<sup>45</sup> Capital da Boêmia

Além disso, havia as dificuldades impostas pela guerra, pela crise industrial em razão do desenvolvimento da industrialização da Europa, deixando uma leva de trabalhadores desempregados, as condições insalubres de trabalho e má distribuição de renda. No entanto, Braum (2010), salienta que alguns estados alemães incentivaram a imigração, pois diminuía a pressão demográfica. Enquanto outros estados foram contra a imigração, pois perdiam mão de obra.

O certo é que, impulsionados pelo coração aventureiro ou pelo desejo de se tornarem proprietários de terras na América, África ou Oceania, saíram da sua pátria em busca da terra das novas esperanças.

Para ilustrar um pouco o sentimento destes imigrantes que chegaram ao Brasil o poema de Josef Umann, que saiu do antigo império da Áustria–Hungria, atuais Sudetos Tchecos, foi transcrito na sequencia como um documento bastante representativo:

Quem deve emigrar?  
Aquele a quem o futuro abanar sem esperança,  
E nenhuma manhã alegre lhe sorri,  
Para quem nenhuma estrela de esperança brilhar,  
E a velhice tristemente o espreita.

Aquele que apesar da dura e difícil luta  
Não venceu o seu destino,  
Aquele a quem nunca deu certo  
A luta pela obtenção do próprio lar.

Aquele que, apesar de todo o esforço e preocupação,  
Vê os seus sem teto,  
A ele ninguém pode desdizer,  
Quando emigrar para o desconhecido.

Lá onde ventos mais suaves sopram  
E onde azula o céu meridiano,  
Onde existem gigantes árvores na floresta virgem,  
Mesmo no inverno cobertas de folhas verdes.

Onde em incontáveis pastagens  
Cavalos e bovinos pastam calmamente,  
Pode existir também uma gleba para ele,  
Asilo para sua velhice.

Se o início há muitas dificuldades,  
Consola-se com a esperança  
De que no futuro tudo será melhor,  
E a bênção se esparrama. (FLORES, 1983, p. 110).

### 3.3 Esclarecimento de ilusões migratórias e a chegada ao Brasil: contexto brasileiro

Em 28 de janeiro de 1808, foi a Carta Régia, a qual abria as portas às nações amigas, que possibilitou também a entrada e a permanência de estrangeiros, ou seja, de não portugueses no País (HUNSCHE, 2004). Já o decreto de 25 de novembro deste mesmo ano permitia a estrangeiros posse de terras:

Sendo conveniente a meu real serviço e ao bem público aumentar a lavoura e a população que se acha muito diminuída neste estado; e por motivos que me foram presentes: hei por bem que aos estrangeiros residentes no Brasil se possam conceder datas de terras por sesmaria pela mesma forma com que segundo as minhas ordens reais, se concedem a meus vassallos, sem embargos de quaisquer leis e disposições em contrário. (DE BONI E COSTA, p. 32, 1982).

Na imigração na época do império (1865-1889), entraram no todo 771.609 imigrantes, dos quais 39.745 alemães. A imigração de 1890 a 1914 desempenhou um papel importante para a consolidação das políticas republicanas. Nos primeiros 25 anos da República entraram no Brasil 2.524.504 estrangeiros, dos quais 50.583 eram alemães (CUNHA, 2004).

Segundo Rui Pena Pires (2003), evidentemente, os imigrantes não migram sem que tenham razões para tal. Tem que haver uma motivação para que eles abandonem seu país de origem. Há fatores influentes como preponderantes, como a precária condição de vida no país de naturalidade e as promessas ou crenças de melhores condições de vida no local de imigração.

As colonizações governamentais oferecem para os recém-imigrados tanto vantagens como desvantagens. O apoio aos colonos por parte do governo, expresso em dinheiro, ferramentas, gado e para os primeiros tempos também em gêneros alimentícios, representara um considerável estímulo pelo longo prazo concedido para saldar as dívidas feitas com a compra da terra (RAMBO, 1999).

Um exemplo claro de incentivo foi criado por Dom Pedro I, que enviou o Major Jorge von Schaeffer, conhecido da Imperatriz Dona Leopoldina em meados de 1825, que sensibilizou os armadores para o transporte de imigrantes. Para atraí-los, eram distribuído para a população alemã que compunha o Império Austro-Hungaro na época folhetos com o seguinte dizer (FLORES, 2004, p. 18):

Viagem gratuita para o Brasil; pagamento das despesas de manutenção por dois anos (160 réis aos adultos no primeiro ano e metade no segundo, crianças recebendo 50% do valor); 25 hectares de terra gratuita (que não podia ser vendida antes de 10 anos); isenção de impostos durante 10 anos; gado bovino, equino e suíno às famílias, na

produção no número de membros; sementes ou mudas de café, algodão, arroz, trigo, fumo, feijão, batata inglesa, milho, cidadania brasileira a partir da chegada e liberdade de culto com padre ou pastor sustentados pelo governo.

Hilda Hübner Flores, em 26 de abril de 2014, disse que:

*[...] Rio Grande do Sul e Santa Catarina foram os estados que mais imigrantes receberam. Os imigrantes, em 1824, vieram da região Renana entre o rio Reno e Mosela eles vieram entendidos na arte de navegar, porque os dois rios eram as estradas que eles usavam. Aqui eles fizeram esta arte onde confeccionaram seus barquinhos, na colônia de São Leopoldo que é perto de Porto Alegre. A terra era pouca, então todos faziam algum artesanato que levavam para Porto Alegre e lá colocavam no mercado juntamente com tudo que sobravam das sobras produzidas na terra. A colônia cresceu rapidamente e formou 32 municípios. No segundo momento, em 1850, vieram para Santa Cruz do sul, no Vale do Taquari: Santa Cruz do Sul, Estrela, Lajeado e a nossa Venâncio-Aires que vão receber Pomeranos<sup>46</sup> lá do Norte da Europa, servos das glebas<sup>47</sup> das instâncias de lá. As nossas instâncias eram enormes, perto daquelas de lá. Entendiam alguma coisa dos ânios da terra, adaptaram para as necessidades daqui e floresceram rapidamente. Os Boêmios vieram aqui registrados como austríacos, vieram com passaporte registrado do Imperador Fernando José Primeiro da Áustria. Aqui todos eles passam a ser lavradores que não eram. Os lotes urbanos lá são de dois a três hectares. E eu vi, pois estive lá e até hoje continua. Como é que vieram na década de 1870? Toda a imigração foi feita através de agentes de Imigração. O primeiro deles foi o Scheaffer enviados por Dona Leopoldina e Dom Pedro I, foi o pessoal de São Leopoldo. Lá na Boêmia havia tanto o governo, que mandava seus agentes, como companhias de colonizadores que dividiam a terra aqui em lotes de 25 hectares e mandavam seus agentes propagandistas para lá. E ofereciam 25 hectares aqui que em algum período foi doado, outro vendido para pagar em 10 anos sem juros sendo que somente pagava a partir do segundo ano. E era muito atrativo trocar 2 hectares cobertos de neve por meio ano, por 25 hectares do outro lado e com clima mais favorável. Dois hectares não dão para uma família numerosa sobreviver dignamente, mas 25 hectares eram um bom pedaço de terra. Na década de 70, vão os agentes para lá, vão mostrar as riquezas da pátria do lado de cá. Então eles tinham em quem acreditar ou desconfiar do agente. Os primeiros foram os mais corajosos, estes passaram muito trabalho no primeiro ano. Depois da primeira safra, Umann escreve, nós, comedores de batatas, se plantássemos um saco de Batatas e colhêssemos 9 por um ano estava afastado o espectro da fome. Que lá na Europa era companheira constante. Aqui um saco de batata em 25 hectares era somente dar tempo de ceifar coifar e cuidar. No primeiro ano passaram muito trabalho. Principalmente os boêmios que vieram com completo despreparo. A gente imita o que sabe, fazer lá era perfeição. Lá era obrigação era fazer o mais bonito e correto possível para ter venda. Aqui como eles faziam eles desmatavam não tinha paciência para esperar secar, pois tem um tempo para depois fazer a queimada. Não esperava, aí as folhas secas, queimava as folhas, dizimava os galhos e os troncos. E agora eles entendiam que o terreno estava imperfeito. Não era assim que podia se plantar. Então eles arredavam, sabe-se lá com que sacrifício, aquela galharia para deixar o terreno bonito. Aí plantavam e colhiam fora de safra. Colhiam uma safra pobre, aí se deram conta. Mas o que está errado, porque a terra parece boa de adubo. Por isso que eles gostavam de ir perto de parente que já passaram por esta fase. Eles mostravam: de tal em tal época se planta isso se semeia aquilo, tem os calendários. Os calendários eles eram leitores eles tinham como melhorar. Porque tinham a experiência do vizinho, do parente que já morava aqui.*

<sup>46</sup> Povo que hoje seria da região ao norte da Polônia e ao sul da Alemanha ao longo do mar Báltico.

<sup>47</sup> Terreno próprio para a agricultura.

Isolados e esquecidos pelo governo, que não lhes pôde proporcionar os auxílios prometidos, conquanto inspirados nas melhores intenções e propósitos, os imigrantes e descendentes teriam que se desenvolver, num sentido quase eminentemente alemão, conservando, durante décadas, os mesmos usos e costumes de seu país de origem. A língua falada, como um dos elementos culturais trazidos, foi o que mais perdurou e ficou para as gerações sucessivas e, mais tarde, como preciosa contribuição de cultura para o Estado do Rio Grande do Sul. É que, no constituído de apenas uma etnia, sem agente nacionalizador, os ádvenas forçosamente teriam de continuar a viver no isolamento, não por culpa sua, porque inúmeros são os fatos a provarem que jamais deixaram de clamar por escolas onde os seus filhos pudessem aprender a língua de sua nova terra (MORAES, 1981).

Hoje, como acentua Baganha (2005), qualquer política imigratória tem que começar por resolver duas questões de natureza totalmente diversa. Uma é de ordem quantitativa, isto é, quantos imigrantes deve o país receber? E a outra é de carácter qualitativo, ou seja, qual deve ser o perfil dessas pessoas? Assim sendo, a política a ser implementada depende da forma como se tentar resolver estas duas questões, ou seja, depende do bem-estar que se pretende promover dos nacionais e ou dos imigrantes.

Diferentemente da época da colonização, quando estavam preocupados com a ocupação do território sem levar em conta etnia, educação, cultura, religiosidade ou direitos, estes últimos foram, inclusive, muito negligenciados. As falsas promessas de uma vida confortável atraíam os imigrantes. O Brasil ficou conhecido como “Terra das novas esperanças”, mas, quando ingressavam no país, os imigrantes deparavam inúmeras dificuldades: falta de moradia, trabalho, saúde, dentre outras.

A fase do Rio Grande do Sul em terras gaúchas está concluída. E a das colônias ultrapassadas. É agora, fase da fusão entre duas sociedades, entre os dois grupos, põe a prova a sinceridade da adesão de uns e acolhimento de outros (ROCHE, 1969).

## 4 BIOGRAFIA DE JOSEF UMANN

Para delinear a biografia de Josef, tomamos como base o livro *Memórias de um imigrante Boêmio*, traduzido por Hilda Agnes Hübner Flores, Imagem 3: Capa do livro *Memórias de um Imigrante Boêmio – Josef Umann*.

As informações biográficas foram complementadas com fontes documentais adquiridas no Memorial-UNISC, Museu do Colégio Mauá, em Santa Cruz do Sul-RS; na Sociedade de Leitura Canto e Jovialidade de Linha Sampaio, no Município de Venâncio Aires- RS; a Sociedade Cultural Bom Humor de Linha Cecília, no Município VA-RS; na Escola 25 de Julho de Linha Cecília, no Município VA-RS; e o Museu de Venâncio Aires.

Foi levada em consideração a coleta das oralidades com as narrativas de: Nilda Umann, nora de Josef Umann; Norma Jaeger, bisneta; Hugo Umann (em continuação), neto; Olgário Vogt, diretor e historiador do memorial UNISC; Adenice Becker, diretora da escola fundada por Josef Umann; e Hilda Agnes Hübner Flores, historiadora Alemã que traduziu o livro de Josef Umann.

### 4.1 A infância de Josef

Josef Umann, imigrante boêmio, nasceu em três de novembro de 1850, na cidade de Rochlitz , ao pé dos montes da Silésia. Boêmio porque caracterizava uma região da Alemanha, hoje Republica Tcheca. Seus pais eram pessoas humildes e agricultores. Como de costume na época, a prole bastante numerosa com seis filhos, para ajudar no trabalho. Desde os cinco anos, precisou sentar-se à roda de fiar e tecer diariamente. Não podia pensar em brincar antes de tecer com a lã, que sua mãe destinava, o que não terminava antes do anoitecer (ARIÈS, 1981; FLORES, 1981).

Hugo Umann esclarece: [...] *Depois nós trabalhamos como agricultores, nós éramos uma família de interior. Eu tive que começar cedo a trabalhar, mas com cinco anos, meu pai também, assim como meu avô Josef.*

Os moradores de Rochlitz, com exceção de alguns comerciantes e profissionais, eram tecelões manuais e produziam tecido de algodão do tipo simples. Tinham que dobrar sua produção para a família não passar fome, melhor colocar os filhos no trabalho desde pequenos. (FLORES, 1981). Em virtude da industrialização que surgia na Europa, o rendimento era pequeno neste período (BRAUN, 2010).

Josef relata que, “na casa de meus pais, o cozinheiro *Schmalhams*<sup>48</sup> era companheiro constante, embora possuíssem um pedaço de terra que propiciava pequena safra de batata inglesa e cereais, a garantir alimentação para uma parte do ano”. Às vezes Josef queria repetir, mas não podia (FLORES, 1981).

Josef relata em sempre se destacava na escola e os professores inicialmente agradaram-se dele. Mas, como os pais tinham pouca remuneração e não podiam complementar o salário dos professores com agrados, então, os docentes lançavam olhar para aqueles mais abastados financeiramente, afora o fato de que Josef, normalmente, não tinha tempo para fazer seus temas de casa. E não possui *Kreutzer* para a compra de papel (FLORES,1981).

Aos 11 anos, Josef, por causa da longa jornada de trabalho, constantemente faltava à escola, e abandonou por definitivo, não esquecendo do hábito de ler. Agora, o que aprendeu, ele esqueceu praticamente tudo que aprendera (FLORES,1981).

A Alemanha sempre esteve ao longo dos séculos, envolvida em guerras, o que culminou em massacrar o próprio povo (HUNSCHE, 2004). No ano de 1866, Josef presenciou a guerra civil de alemães contra alemães.<sup>49</sup> Se o inverno já fora bastante triste, com desemprego geral e fome consequente, o verão não trouxe melhoras. (FLORES,1981).

Nessa perspectiva Josef ficou encarregado de buscar os galhos secos. Em dois dias, semanalmente, era permitido a ele dirigir-se com seu carrinho de mão ao mato do senhor, distante duas horas de sua casa. Relata Josef, 1937, p. 5:

*Trepava nos altos pinheiros e faias; e com uma pequena machadinha de mão cortava os galhos secos, os quais carregava um pequeno trecho até a orla, onde os amarrava sobre o carrinho de mão e os conduzia para casa. Era um trabalho bastante perigoso e pesado, mas eu gostava. O pão preto que trazia comigo como almoço, molhava-o na vertente para umedecer e o degustava com prazer.*

Para todo este trabalho pesado, ele ganhava todos os domingos um *Kreutzer* de seus pais o que, às vezes, somava com alguma outra gorjeta por trabalho extra, usada para alugar livros de contos e história medieval. Desde os dez anos, ele lia bastante, especialmente aventuras, que o atraíram. Seu pai arrematara barato, em um leilão, a Bíblia traduzida por Lutero, e nos domingos à tarde ia a monte de feno e se deliciava com as leituras sobre a história do povo de Israel (FLORES, 2014). Curiosamente seu neto Hugo Umann, (2014) em seus relatos, diz que: [...] *gostava muito de ler, principalmente aventuras...*

<sup>48</sup> Schmalhaus: expressão idiomática, sem tradução literal. Significa pobreza, escassez de alimentos.

<sup>49</sup> Trata-se da guerra austro-prussiana, liderada por Bismark, de poucos meses de duração.



O pai de Josef possuía ainda um outro livro, com o título *A Vida de Todos os Santos*, o qual muito sofreu sob a mão dele e de seu irmão. Certo vez, os dois pegaram simultaneamente, e cada qual queria ter o direito de ler primeiro. Puxa daqui, puxa dali, de repente a má encadernação cedeu, e cada um deles foi para o canto com a metade do livro. Josef acreditava que tal leitura teve marcante influência sobre sua formação espiritual, ainda que diversa daquela visada pelos editores desse tipo de livro (FLORES, 1981). Os relatos de Nilda Umann (2014), Hugo Umann (2014) e Hilda Flores (2014) todos eles comungam a mesma opinião, relacionada à religiosidade de Josef: *ênfatizaram que Josef não tinha religião, acreditava em Deus, mas não em padres e nem pastores. Acreditava que cada um era responsável pelos seus atos, e por não ter religião deveriam se policiar mais, os seus filhos.*

Josef comenta que no verão de 1866, durante a guerra com os prussianos, embora os boêmios usufruissem poucas vantagens da pátria, pois não era culpa deles terem nascido na Áustria, no entanto, sempre foram bons patriotas e xingavam vigorosamente os insaciáveis prussianos, o que faziam com tanto vigor, de sorte quem a comunidade praticamente não foi molestada por eles. Só uma vez uma companhia de infantaria prussiana veio a Rochlitz, onde pernitoiu, e, no dia seguinte, para grande alegria dos moradores, seguiu marcha (FLORES, 1981).

#### **4.2 A juventude de Josef**

No outono de 1866 chegou a paz. Estava assinada o tratado de paz e os prussianos obtiveram o domínio da Alemanha. Então, os negócios melhoraram. Só em Rochlitz tudo permaneceu como antes. Franz Hanei, havia alguns anos, edificara uma pequena fábrica, na qual havia duas salas com teares mecânicos, movidos por força hidráulica; outra sala continha teares manuais. O elemento feminino trabalhava nas máquinas mecânica e somente o homem militavam nas manuais (FLORES, 1981).

Aos 16 anos de idade, Josef começou a trabalhar. Passou por uma seleção. Em razão da crise havia muita mão de obra ociosa e por isso fazia-se seleção, tendo preferência pelos mais pobres e aqueles que estavam sob a proteção do mestre de fiação. Josef, após muito rogar, obteve colocação entre os tecelões manuais. Como novato, coube-lhe o pior lugar, no canto mais escuro (FLORES, 1981).

Era um dia sombrio de dezembro. No canto onde Josef estava trabalhando, a escuridão atrapalhou e mal notou quando o pedaço de fio<sup>50</sup>, vez por outra, se desprendia deixando falhas no tecido. Logo que percebeu, o anunciou ao mestre de fiação. Seria obrigação deste fazer um sinal na mercadoria, provando que o acidente aconteceu independentemente vontade dele. Na verdade, ele colocou uma senha, não favorável a Josef. Foi, então, despedido (FLORES, 1981).

Cabe salientar que a maioria que pleiteava uma vaga na fábrica, alcançava isso por meio de algum presente ao mestre de fiação. Como os pais de Josef, se omitiram disso, a atitude do mestre, colocando senha desfavorável, fora um ato de vingança. Pouco depois de terminar a peça, ele foi chamado ao escritório e lhe mostraram falha (FLORES, 1981). Segue relato de Josef, 1937, p.9:

Desculpei-me e invoquei o mestre de fiação em minha defesa. Este, consultado, sacudiu de ombros, sendo eu culpado por negligência e imediatamente despedido. Todos os meus rogos e pedidos para permanecer de nada valeram. Desempregado, novamente seria um peso para meus pais, eu que tanto desejava ganhar meu próprio sustento! Chorei que nem uma criança; finalmente humilhei-me, ajoelhei e supliquei mais uma vez que me conservassem no emprego, pois eu me envergonhava de comparecer em casa de meus pais e confessar que fora sumariamente despedido. O mestre de fiação se retirara, e os dois jovens ocupados na sala de medição – Goldner parece que se chamavam – mofavam de mim e diziam rindo: Tu tens terra, então não precisas com tanta necessidade que outros, que nada têm! Isso na verdade, tinha fundamento, mas em nada me ajudou, e desesperado me ergui. O que senti naquela ocasião é indescritível. A vergonha de me haver ajoelhado perante seres humanos e suplicado por trabalho me envolveu como as garras de uma ave de rapina. Uma dor convulsiva no peito me arrasou de tal maneira que só pensava em morrer, apressando-me para fora da fábrica, para a liberdade.

Neste momento, Josef se viu aflito e, no ar livre, a ânsia que envolvia seu coração não melhorou. O pensamento de deixar premeditadamente este mundo cada vez mais se apossava de todo o seu ser. Seus passos, eram dirigidos para longe de casa. Embora soubesse para onde ir, vagou por Rochlitz, ultrapassava a divisa do Alto Rochlitz e o Franzental, em direção a Mittkowitz. Bem longe da sua casa paterna, em algum lugar isolado, após caminhar até a exaustão, planejou sentar-se sobre a neve e deixar-se congelar a este plano estava decidido. E ele caminhava já bastante cansado pelo Baixo Mittkowitz quando cruzou com uma casinha humilde. Lembrou-se que nela morava uma senhora idosa, muito amiga de seus pais. A saudade apertou e lhe veio o desejo de conversar mais uma vez com alguém, antes de partir deste mundo (FLORES, 1981).

---

<sup>50</sup> Elle = medida usada na época, cerca de 90 cm., correspondendo à medida do braço aberto ao ombro.

Com estes pensamentos sombrios, Josef marchou por Benetzkow no sentido de elevação que forma a divisa entre o vale do Elba e o pequeno Iser. Quanto mais ele subia, mais o vento soprava forte, e foi quase hirto e extremamente cansado que atingiu o cume, donde avistou a cidade do Alto Elba, que ainda devia transpor. Apesar da roupa leve que trazia, não morreu gelado. Embora estivesse perto de enrijecer na neve, já escurecera, quando chegou à casa de seu tio, em Langenau. Ele próprio ainda estava na fábrica, e eram cerca de nove horas da noite quando chegou, este levou um susto e achou havia acontecido algo (FLORES,1981).

Josef falou sua história e seu tio fez com que ele retornasse no dia seguinte à casa paterna, pois seus pais estavam preocupados.

Josef encontrou um jovem rapaz que lhe contou sua história de vida. Ele era funileiro de profissão e passou por muito sofrimento. Histórias como o de Josef houve milhares na Europa, pois a dificuldade era muito grande. Este jovem profissional apareceu para Josef como um magnânimo herói dos contos e aventuras que ele lia quando rapazote. Sentia-se ligado a ele por gratidão perene; caso o encontrasse posteriormente, deveria pagá-lo sua generosidade com juro e juro sobre juro. Aos dois irmãos que trataram Josef tão desalmadamente, entretanto, ele jurou vingança, quando se apresentasse uma oportunidade (FLORES,1981).

Era sábado à noite. Como de costume, encerrou-se o trabalho um pouco mais cedo. As lamparinas de óleo ardiavam na sala quando Josef entrou, e o jantar estava sendo servido. A mãe e os irmãos alegraram-se muito ao vê-lo novamente, e, mesmo nos olhos de seu severo pai brilhavam lágrimas de alegria. Após todos jantarem, teve que contar tudo o que lhe acontecera. Josef percebeu o quão verdadeiramente é gratificante o lar, onde teria um trabalho, noite e dia, mesmo por um ordenado medíocre, desde que achasse emprego!

Depois que passou as festas natalinas, Josef encontrou emprego em Gorgental, junto a Tannwald, com um pequeno fornecedor de vidro. Este, ao admiti-lo, ensinou a impressão de botões; só por duas semanas, ajudaria no comércio e faria entrega de encomendas (FLORES,1981). Helga Haas, em abril de 2014, imagem 38, guarda os botões trazidos por Josef Umann.

Após este trabalho, Josef evolui para polir vidro, uma ocupação muito insalubre, que o organismo mais robusto resiste no máximo, 40 anos, para então sucumbir no túmulo. Naturezas mais delicadas muitas vezes são ceifadas antes dos 30 anos de vida, por este trabalho perigoso. Relutou, mas, como não encontrou algo melhor, começou a trabalhar como polidor. Polir vidro, na verdade, é fazer os famosos cristais da Boêmia (FLORES,1981).

Josef escreveu um provérbio em seu livro em 1937, p.28:

Diz-se muitas vezes que pessoas desocupadas e que levam a vida brincando, dançam sobre um vulcão. Se este provérbio se adapta a algum povo, este é o da zona da indústria do vidro. Rindo, indiferente da vingança da morte, dançam os lapidadores de vidro, zombando da tuberculose que cedo os ceifará, atuando no meio da população qual atroz anjo exterminador.

Josef afirma que a situação dos artesões e dos trabalhadores das fabricas de vidro era de extrema pobreza. Muito precária, faleciam jovens. A cidade, embora bonita, parecia um cemitério, e ainda vieram a varíola, o tifo, em 1872. As crianças choravam pelas ruas (FLORES,1981). Hunsche (2004), entretanto, vem de comum acordo com o pensamento de Josef, em que, realmente, a crise na indústria e o desemprego e a pobreza faziam muitas mortes.

Se a maioria dos lapidadores de vidro ansiavam por uma boa saúde, sua ocupação oferecia constante perigo de vida. Os locais de trabalho naquela época eram tão precários que qualquer tentativa de descrição seria pilhéria. Em salas apertadas e baixas, sem ventilação, trabalhava-se em meio a uma nuvem de poeira produzida pela trepidação do vidro. Geralmente havia ainda um espaço oco sob o assoalho, com as instalações das rodas que moviam a maquinária. Esta abertura fazia que no inverno gelassem os pés na sala precariamente aquecida. Podemos verificar realmente que as fabricas de vidro são pequenas, pela imagem 34 à esquerda, forma de vidro na qual eram confeccionados os cristais da Boêmia. Ao lado, fábrica de vidro abandonada, fotografia fornecida do acervo pessoal de Hilda Agnes Flores.

Josef descreve as salas de trabalho em péssima condições em seu livro em 1937, p. 34:

Para que se possa fazer idéia de uma sala de lapidação de vidro, quero narrar uma vivência pessoal: trabalhei algum tempo em Dessendorf, na chamada fábrica de beneficiamento de Huyer, nas piores condições imagináveis. Minha saúde ficou de tal maneira abalada que ainda hoje, em nosso ensolarado Rio Grande do Sul, trago vestígios daqueles tempos, e que talvez nunca saírem de todo. Nossa sala de trabalho, na qual trabalhavam prematuramente 19 a 20 pessoas, média 40 metros quadrados de base por 2 de altura, uma metragem cúbica de cerca de 80 metros. Quase sempre se lapidava com tripolita<sup>51</sup>, de maneira que a maior parte do tempo nós estávamos inteiramente envolvidos por uma espessa nuvem de pó de vidro e tripolita. O local, como em praticamente todas as fábricas similares da redondeza, não era dotado de instalações para ventilação. As janelas, por causa do frio, só eram abertas no verão. É pois compreensível que nossos pulmões em tal ambiente, onde sempre havia alguns portadores de tuberculose, além da poeira perigosa, inspiravam os bacilos desta doença mortal, e portanto, estavam expostos ao contágio em mais alto grau. Imagine-se que muitas vezes trabalhávamos 14 a 16 horas diárias, em ambiente mal

<sup>51</sup> Trippel = tripolita, minério abrasivo, para lapidar ou tripolitar o vidro.

aquecido. Somando-se a tudo isto uma alimentação carente, compreende-se tais circunstâncias abalavam a saúde mais robusta.

Josef, nas situações mais perigosas de sua vida, sempre manteve a presença de espírito, e rapidamente decidiu abraçar com o braço direito o cabrestante mestre: preferia deixar-se esmagar pela correia do que passar pela vida com um aleijado, inválido. Com tantas dificuldades, sempre Josef expressou e cultivava há tempos a ideia de imigrar para o Brasil, mas ele não possuía os meios necessários; por outro lado, desejava sempre tentar uma última vez, se não haveria de encontrar algum trabalho compensador, que lhe possibilitasse dar as costas à lapidação de vidro (FLORES,1981).

Quando a fatalidade se abateu sobre ele, começava a temer por causa de sua saúde já abalada. Decidiu, finalmente, buscar salvação além-oceano. Apesar das duras provações que o atingiram, não lhe faltavam amor pela vida e ânimo para o trabalho, sabendo que devia assegurar uma existência cheia de trabalho (FLORES,1981).

Josef elucida a sua decisão para imigrar para o Brasil, baseado no fato de seus colegas de profissão já estarem mortos em razão ao trabalho insalubre, e se entusiasma em falar das lutas trabalhistas e do socialismo neste trecho do e seu livro em 1937, p. 38:

Vinte e cinco anos se passaram: a duração de vida de um jovem lapidador de vidro! A maioria de meus companheiros de juventude, por certo já verde relva os cobre; os demais são, como eu anciões grisalhos, que há muito ultrapassaram a linha do sol da caminhada terrestre e se dirigem de encontro ao pólo, que os libertará. Recordar-se-ão daquela época, do início da década de 1870, em que desfraldávamos a bandeira do socialismo e, em Sociedades e reuniões aplaudíamos os cominhos de hoje altamente desenvolvido Partido Operário da região do Iser, que, de luta em luta, um dia atingirá a bela meta da igualdade entre todos os seres humanos? O período de luta e pressão daquela época foi o mais belo objetivo de minha vida, e ainda hoje recordo orgulhoso meus bem intencionados companheiros com os quais eu trabalhava pela melhoria existencial da classe operária.

### **4.3 Josef Umann e o período de colonização de Linha Cecília**

Em cinco de maio de 1877, no vapor Montevideú, embarcaram aproximadamente 150 boêmios alemães para o Brasil. Em sua maioria, eram casais, mas haviam também alguns rapazes solteiros que, pela emigração, quiseram se evadir do serviço militar. Buscavam o Brasil, para, no Rio Grande do Sul, iniciar vida nova, livre de preocupações para si e os seus. Eram na maioria operários das fábricas de vidro e outros artífices da zona montanhosa do Iser e de Reissegegend, junto a Reichenberg, na Boêmia (FLORES, 1981).

Após 19 dias de viagem alcançaram a Bahia, onde demoraram 18 horas. Muitos aproveitaram para descer em terra firme, prazer de que Josef se absteve em consideração às

sua finanças, que não andavam bem. Após três dias de viagem chegou ao Rio, onde, no transatlântico, aguardou por mais três dias a chegada do vapor costeiro, no qual foram acondicionados. Imagem 13: Três navios da esquadra de Dom Pedro I e Dona Leopoldina que traziam os imigrantes da Alemanha para o Brasil no porto do Rio de Janeiro (FLORES, 1981).

Finalmente Josef chegou à cidade portuária de Rio Grande, ficando a dois dias permanência na casa dos imigrantes e foram, depois, enviados a Porto Alegre em um pequeno vapor. Foi novamente uma viagem bastante difícil por meio da Lagoa dos Patos. Um vento muito gelado, acompanhado de chuvas, açoitava o convés, onde, por falta de espaço, ficaram confinados todos os imigrantes (FLORES, 1981).

A maioria sofria de diarreia. A esposa de Josef tinha fortes dores de dente. Sua filha de dois anos, conseguiu abrigo junto a uma família amiga. Josef, e mais alguns homens não atingidos pelo enjoo, permaneceram juntos, envoltos em seus casacos de inverno e se postaram próximo à caldeira de vapor, para manterem aquecidos. Foi uma noite tão fria como raramente há nesta terra ensolarada (FLORES, 1981).

A 29 de junho, Josef alcançou Porto Alegre, e encontrou teto e assistência na hospedaria dos imigrantes. Os doentes se recuperaram e todos estavam sinceramente alegres por haverem atingido a terra de suas esperanças. No segundo dia, houve visita da Alfândega, mais “pró-forma”, pois nada ficou estabelecido (FLORES, 1981).

Acontece que o Governo Imperial pagava subsídio aos imigrantes nos primeiros tempos, enquanto aqueles que se dirigiam às colônias provinciais ou privadas precisavam prover seu sustento e o de seus familiares pelos próprios meios (BRAUM, 2010).

Algumas famílias e alguns rapazes solteiros se encaminharam para a então Colônia de Santo Ângelo e outras localidades. Somente três famílias: Josef Preussler, Josef Freudenberg e Josef Umann insistiram em se dirigir a Montalverne, onde eles tinham parentes e amigos, dos quais receberiam auxílio e orientação (FLORES, 1981).

Como o Sr. Richter morava em Santa Cruz, viajou rio acima, até Rio Pardo. Daí deixaram os seus pertences serem transportados por carroça e seguiram a pé até Rincão Del Rei, onde pernoitavam. No dia seguinte, a forte chuva os surpreendeu, no caminho de Santa Cruz (FLORES, 1981).

A esposa a filha de Josef estavam tão fatigadas da viagem, que temiam séria doença, mas, dado ao bom tratamento recebido na hospedaria, em breve se restabeleceram (FLORES, 1981).

Em cumprimento à determinação do Sr. Diretor, de executar a demarcação de terra, dirigiu-se Josef, com seus companheiros de viagem e posteriormente vizinhos, à Picada Linha Brasil, distante dez milhas de Santa Cruz (FLORES, 1981).

Chegaram à casa da irmã de Josef, que emigraram quatro anos antes. Permaneceram um dia em casa de sua irmã, para observar as instalações de um colono. Ele e seus vizinhos haviam imigrado há apenas quatro anos, e foi perceber que, apesar das acomodações precárias e das más colheitas que tiveram até então, com trabalho e prudência, alguma coisa se obtém; mais precisamente: uma vida segura (FLORES, 1981).

Explicaram que as estradas para colocação dos produtos eram muito más. Levava quatro ou cinco horas de Linha Isabel e da parte posterior de Linha Brasil até o mercado mais próximo, na atual sede de Venâncio Aires, então São Sebastião Mártir (FLORES, 1981)..

Em Santa Cruz, separaram-se. Companheiros, após três semanas, dirigiram-se à então vila de Venâncio Aires, que apenas um pequeno aglomerado de algumas casas, onde se alojaram com conhecidos, e Josef com a família seguiu para o seu cunhado, que aguardava com cavalo (FLORES, 1981).

Somente em agosto, o diretor, Richter, iniciou a demarcação de terras. Como Josef era o pioneiro, couberam-lhe os primeiros lotes rurais de Linha Cecília, uma das picadas de Léngua Quadrada e distante duas horas da hoje sede de Venâncio Aires (FLORES, 1981).

Josef plantou em sua nova terra um saco de batatas inglesas e de feijão e colheu nove, o que para boêmios-alemães-comedores-de-batata representava uma ação verdadeiramente generosa, que concorreu para o bem de nossa bolsa (FLORES, 1981).

Sempre os imigrantes recém-chegados confiavam mais nos conselhos dos colonos já radicados que de boa vontade os acolheram, e que para suas famílias foi mais confortável do que seguir o plano do Sr. Richter; Josef, por exemplo, que morava a uma boa hora de distância do seu lote. Teria poupado muito tempo e caminhadas em meio a estradas péssimas (FLORES, 1981).

Assim precedeu à queimada. Josef tratou de erguer uma pequena choupana, em sua própria terra. Ele descreve a emoção em 1937, p. 45:

A primeira noite que lá passamos, eu conseguira melhor um canto apenas da nova morada, para que o vento e a chuva não nos molestassem tanto. Com dobrada razão podia cantar: “Espaço há na choupana mais pequena ...” etc., pois, afóra o telhado que nos abrigava precariamente contra a chuva, o espaço ia até o infinito. A cobertura não abrigava somente a mim e minha família mas também o cão e gato se alojaram aí, e ainda um certo número de galináceos, que se acocoraram nas vigas enquanto não houvesse um galinheiro para eles. Indiferente a meu sono, o galo em plena madrugada me irritava com seu “kikeriki”. Apesar disso tudo, acredito que nenhum rei em seu palácio possa se sentir mais feliz que eu outrora, em minha



própria choupana, a qual sabia ser minha, e mesmo que deixasse muito a desejar em todo o sentido, tínhamos a esperança de que com o correr do tempo ela poderia ser melhorada, e sobretudo, sabíamos que ninguém podia nos obrigar a abandonarmos a nossa morada!

E depois? Sim, depois veio a penúria e o mais estritamente necessário foi pedido emprestado junto a colonos mais antigos, para ser devolvido na próxima safra. Também esta saiu muito mal, pois não houve mais dia propício para a coivara, por causa das chuvas contínuas que caíram após o desmatamento. Alguns, cheios de impaciência, faziam arder às roças desmatadas e ainda não murchas, com o que estragavam tudo (FLORES, 1981).

#### ***4.3.1 Os primeiros moradores de Linha Cecília***

Os primeiros moradores de Linha Cecília, a primeira colônia demarcada da Légua,<sup>52</sup> foram (FLORES, 1981, p.57-58):

1. Josef Preussler, de Prichowitz junto a Tannwald, Boêmia, com família,
2. Josef Freudenberg, de Wustung junto a Tannwald, Boêmia, com família,
3. Josef Umann, de Brand junto a Tannwald, Boêmia, com família,
4. Josef Lux, de Tiefenbach junto a Tannwald, Boêmia, com família.  
Lux era sapateiro e encontrou na então São Sebastião<sup>53</sup> mercado farto e bem remunerado pela elegante mercadoria que fabricava. Por isso vendeu seu lote rural a Josef Schirrmann, que o revendeu para Anton Luprich.
5. Esta colônia pertenceu inicialmente ao Diretor de Demarcação,<sup>54</sup> que a recebeu como pagamento. Vendeu-a Josef Dressler, de Johannesberg junto a Jablona, Boêmia. Este a revendeu a Hermann Sell, pomerano precedente de Santa Cruz, com a família.
6. Johann Hückelsherer, de Kreis Eger, Boêmia, com sua esposa. Pedreiro, sem filhos, trabalhou mais tarde bastante em sua profissão.
7. Josef Wünsch, ferreiro de Dessendorf junto a Tannwald, Boêmia, com a família.
8. Wilhelm Brückner, de Tiefenbach junto a Tannwald, Boêmia, com família,
9. Franz Seibt, escrivão do fabricante de porcelana Anton Schnabel, de Dessendorf, Boêmia, com família,
10. Josef Stein, de Hunsrück. Veio com a família de Santa Cruz. Cego, nos primeiros anos auxiliou bastante na capina de sua nova terra. Cavou também um poço e o murou por dentro; seus filhos apenas retiravam pedras e entulhos que cavava. Infelizmente o poço não teve água duradoura. Foi por certo um exemplo edificante de amor ao trabalho e laboriosidade que este velho homem cego legou.

<sup>52</sup> Deve haver engano do autor: Linha Brasil e Linha Isabel, parcelas de Légua Quadrada, tiveram início de loteamento em 1859 (vide Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, Colonização de Monte Alverne, Diretoria, L. 292, 1859), enquanto Linha Cecília recebeu loteamento em 1877, conforme depoimento de Umann.

<sup>53</sup> Freguesia de São Sebastião Mártir, atual cidade de Venâncio Aires.

<sup>54</sup> Agrimensor ou Diretor da Colônia de Monte Alverne?

Tudo isto tinha de ser aprendido, e custou a eles, no início, muito tempo de aprendizado,<sup>55</sup> aos operários de fábrica que desconheciam a arte de serrar as tábuas, fazer cercas, lascar ripas de madeira para telhado, construir choupanas e galpões e muitas outras atividades, na maioria pesadas e fatigantes (FLORES, 1981).

Assim passaram os primeiros anos em meio a dificuldades e privações e, pelo esforço demasiado, muitas pessoas adquiriram algum sofrimento físico do qual não mais se recuperaram (FLORES, 1981).

#### **4.3.2 Trabalho de estrada**

Inicialmente eles desmataram e queimaram os primeiros roçados, construíram a primeira choupana provisória na qual se podia abrigar. Milho e outros cereais estavam plantados, algumas galinhas e um ou vários porcos adquiridos, por compra ou permuta. A maioria deles não possuía dinheiro para compras e por isso ofereciam as melhores peças de vestuário trazido da Europa por preço irrisório, pois era preciso adquirir as primeiras e indispensáveis cabeças de gado (FLORES, 1981).

Quando tudo estava encaminhado até este ponto, cabia dirigir-se ao trabalho de estrada, a fim de que pudessem levar os seus produtos da safra até o mercado comprador. Desde o início, esta atividade ocorreu satisfatoriamente entre eles. Trabalharam de seis a dez dias por ano cada um para mantê-las (FLORES, 1981)..

Quanto à sequência do destino de Josef Umann e desenvolvimento de Linha Cecília:

Josef Umann era socialista, mais propriamente, idealista, pois, a despeito de muitos desenganos e apesar de seus esforços frequentemente não reconhecidos, soube conservar sempre a fé na humanidade. Partia do princípio de que todos os homens são bons e corretos por natureza e que só através das circunstâncias sociais se tornam maus ou perversos (FLORES, 1981).

Josef, através de muita leitura, angariou para si uma cultura invulgar para um colono. Tinha particular predileção por conhecimentos relativos à natureza e de História. Defendia seus pontos de vista com brio e convicção, embora fosse tolerante para com o pensamento alheio, o que angariou estima geral e consideração de todos (FLORES, 1981).

---

<sup>55</sup> Lehergeld = dinheiro de aprendizado, ou seja, perda de tempo até aprender pela prática.

Quando se tratava do bem comum, ponteava sempre seu bom exemplo, e nenhum sacrifício lhe era pesado demais. Liderava a fundação das Sociedades de Canto e Literatura<sup>56</sup>, as quais colaboraram significativamente para a elevação dos costumes e da moral, que no início eram muito rudes. Atenção especial também lhe mereciam assuntos referentes a escolas e estradas (FLORES, 1981).

Até idade avançada, tinha interesse em iniciativas progressistas de qualquer natureza. Colocava em jogo muito tempo e dinheiro para implantar melhorias na administração da colônia. A nós crianças deu-nos instrução na medida das suas possibilidades e das condições gerais que o contexto social oferecia. Educou-nos com severidade e retidão (FLORES, 1981).

Em seus anos mais jovens ocupou-se também com atividades intelectuais e escrevia, nas horas de descanso, artigos para jornais e calendários, compondo também alguns versos e canções. Em sua velha pátria, na Boêmia, foi editado em livro seu: “*Conselhos para quem queria emigrar para o Rio Grande do Sul*” (FLORES, 1981).

O ano de 1878 decorreu em harmonia e trabalho tranquilo para os imigrantes. Aos domingos se visitavam. Nestas ocasiões, trocavam recordações da pátria e de experiências novas, bem como se procurava auxiliar mutuamente, encarando com humor negro os primeiros desenganos. Após as primeiras colheitas, cessaram as preocupações pela alimentação. Adquiriu-se gado e a maioria já estava satisfeita (FLORES, 1981).

Em novembro de 1879, nasceu Henrique, o primogênito de nosso pai. Este e Hermann Sell começaram a serrar, sobre cavaletes, as primeiras tábuas para melhorar a moradia. “Os vizinhos costumavam se auxiliar, pois nenhum tinha dinheiro para pagar diarista. Das tábuas que nosso pai serrou, o carpinteiro Preussler assentou o primeiro chão de madeira na nossa casa, além de executar a primeira mesa, cadeiras e armários, alguns dos quais ainda existem” (FLORES, 1981).

No Ano Novo de 1881, desabou um tremendo granizo, que destruiu completamente a plantação de fumo destinada a pagar, naquele ano, as dívidas do lote. Para auferir algum lucro, nosso pai organizou uma pequena venda. Ele mesmo preparava licor e framboesa. Cerveja e vinho ainda não havia (FLORES, 1981).

Nesse mesmo ano, nosso pai acolheu a Paul Rott, um velho desprovido de recursos, que passou a morar uma temporada conosco, onde recebia seu sustento diário (FLORES, 1981).

---

<sup>56</sup> Participou ativamente na fundação dessas Sociedades na Linha Cecília e em Picadas vizinhas, como em Alto Sampaio, onde a Sociedade nasceu em 1892, sendo a mais antiga do município, hoje ainda existe.

A pedido de vizinhos, lecionou no ano de 1882, quando sua filha atingiu idade escolar. Novamente repetiu esta tarefa em 1885, quando também seu filho<sup>57</sup> atingiu escolaridade. Doenças diversas, a última das quais tifo, o obrigaram a entregar a escola após um ano de magistério (FLORES, 1981).

Em 1º de setembro de 1887, sua esposa sofreu um ataque cardíaco, do qual não mais se recuperou: paralisou-lhe o lado direito, não podendo mais trabalhar como antes, o que muito a preocupou, pois seus filhos eram ainda muito pequenos. Por um ano e meio arrastou-se com auxílio de muleta, quando sobreveio também hidropisia e ela faleceu em 19 de março de 1889 (FLORES, 1981).

A irmã de Josef Umann, Maria, residente em Linha Brasil, já havia morrido dois anos antes. Enfraquecida com os árduos trabalhos dos primeiros anos, cegou pouco após lhe nascerem gêmeos. Seu esposo viajou com ela a Porto Alegre, onde, no entanto, não obteve cura. Após o regresso, caiu em melancolia e faleceu ao trazer à vida mais uma criança, a quem não pôde ver mais (FLORES, 1981).

Data daquela época um poema feito por Josef à sua irmã, o qual foi publicado no jornal alemão *Keseritz*. Como o jornal não foi conservado, nossa irmã mais velha procurou reproduzir o poema de memória (FLORES, 1981).

Quando Josef lecionou pela segunda vez, o tio Wilhelm trouxe seu filho August, com oito anos e meio de idade, para que participasse das aulas. Pouco após, perdeu o pai, ficando órfão bilateral, pelo que nosso pai passou a ser tutor e ele ficou morando conosco até a idade de 13 anos, quando foi aprender um ofício (FLORES, 1981).

Em agosto de 1890, nosso pai casou-se com Carolina Becker, nascida Niendorf e procedente de Conventos. Carolina trouxe consigo Theodoro, um menino de sete anos, de seu casamento anterior. Ao longo dos anos nasceram três filhos varões do segundo casamento: Alfred, Reinhold e Fritz. Tornamo-nos uma grande família quando, após o ano de 1891, os sogros de meu pai, Friedrich e Emilie Niendorf, juntamente com uma criada, Charlotte Wibling, vieram morar conosco (FLORES, 1981).

A essa época, Josef comprou o lote rural limítrofe de Josef Freudenberger, que adquiriu terras menos íngremes, meia hora além (FLORES, 1981).

Em 1895, construiu uma fábrica de cachaça, a qual encerrou suas atividades poucos anos após. Naquela época, estava bastante enfermo, sofrendo de catarro pulmonar e tosse. Ninguém acreditava que ele atingiria o 50º ano de vida. Curou-se a si próprio por meio

---

<sup>57</sup> Anna, nascida na Europa e imigrada com os pais aos dois anos de idade, e Heinrich, nascido em novembro de 1879. São os únicos filhos do primeiro matrimônio.

de tratamento hídrico (cura d'água), dieta severa, vida regrada e sobretudo uma inaudita vontade de viver (FLORES, 1981).

Mediante a experiência e um espírito perspicaz, sabia diagnosticar e medicar, e raramente ele e sua família recorriam a médico. Também a vizinhança apelava para ele com frequência, antigamente, quando a comunidade estava mal provida de médico. Nunca aceitou pagamento por seus esforços e tempo despendidos, embora estivesse sempre pronto para ajudar onde podia. Aconselhava medidas de bom senso, prescrevia curas de água e remédios caseiros, e obtinha sucesso até em casos em que o tratamento médico falhara (FLORES, 1981).

Em 1896, auxiliou na fundação da Sociedade de Canto Bom Humor, na qual ocupou cargo de diretoria por muitos anos. Em 1900, juntamente com Gustav Nührich, auxiliou a fundar a Sociedade de Leitura de Alto Sampaio, à qual em 1904 foi anexada a Sociedade de Canto, já existente. Elaborou os Estatutos e providenciou os primeiros livros, ainda com o auxílio de Nührich (FLORES, 1981).

Josef acompanhou essa Sociedade com vivo interesse até o final de seus dias; foi sócio benemérito.

Quando em 1908, nasceu a comunidade escolar em Linha Cecília, Josef doou o terreno para a construção da escola.

Estando os filhos mais velhos casados, e sentindo muita fadiga nas elevações íngremes de suas terras, vendeu-as em 1911 para Heinrich, o filho mais velho. Em Santa Emília adquiriu outro lote rural, mais plano, onde morou com a esposa e os filhos do segundo casamento. Construiu ai uma boa residência, instalou-se bem e ampliou com novas mudas e plantação de erva-mate já existente (FLORES, 1981).

Josef como representante local, obteve da Intendência autorização para construir uma ponte necessária sobre o arroio São João – o que representou grande progresso para a região (FLORES, 1981).

Seu filho Alfred casara e Reinhold estava empregado na Firma Selbach. Por isso, após dez anos de permanência em Santa Emília, decidiu parar de trabalhar, alugar sua terra e descansar. Para tanto, comprou de seu filho Heinrich, em Linha Cecília, pequena porção de terra a fim de que pudesse passar o ocaso de seus dias na proximidade de seus filhos. Estes construíram-lhe uma casinha, e seu caçula Fritz, após vê-lo instalado devidamente, empregou-se também na Firma Selbach (FLORES, 1981).

Sua esposa, bem mais jovem e ainda forte fisicamente, plantou por diversos anos produtos variados de consumo doméstico, em terra de seus filhos. Ele próprio auxiliou ainda

a fundação da Sociedade de Tiro ao Alvo, e mais tarde a União Colonial. Realizou conferência sobre lepra e motivou os moradores a colaborarem na coleta pró-leprosário, no que os precedeu com o próprio exemplo. Pouco antes de sua morte auxiliou ainda na construção da nova escola (FLORES, 1981).

Morreu aos 77 anos incompletos, de uma velha doença cardíaca, à qual somou fraqueza geral e hidropisia. Além de numerosa assistência, acompanharam-no para a derradeira despedida as duas Sociedades de Canto e Leitura, Bom Humor, de Linha Cecília e Jovialidade de Alto Sampaio. A oração fúnebre ficou a cargo de Sr. Hermann Albrecht, conforme desejo do falecido; a oração foi toda em homenagem ao falecido, pelo que agradecemos ao orador. A pedido seu, descansa o lado do seu antigo vizinho e companheiro de trabalho Hermann Sell (FLORES, 1981).

Cantos e poemas de Josef Umann:

Verso na lápide de sua primeira esposa.

Para te restituir mais puro nosso amor  
Pela lápide fria  
Partiste cedo demais ao escuro reino das sombras  
Dorme bem, não devia ter acontecido.

A cega (Para sua irmã)  
Da choupana sai a cega  
Mulher, no semblante aflição e dor,  
Suavemente dirigida por uma criança,  
Olha o infinito, perscrutando.

Não obstante haja raios solares,  
Ela não vê mais seu belo brilho,  
Nem os traços de seus pequenos  
Que brincam despreocupados em sua volta.

Também não pode mais cuida-los,  
Não pode mais lhes ser Mãe,  
Não mais trabalhar por eles,  
Ó triste sorte da cega!

Ela não vê mais o pequeno ser  
Ao qual ainda deu vida,  
A melancolia não a deixava convalescer  
Cedo demais sucumbiu ao túmulo!

Hino à bandeira  
Agora deixai a bandeira esvoaçar  
Em homenagem à nossa fraternidade.

Deixai-a balançar airosa pelos ventos,  
 Sinal de uma nova época.  
 Que ela nos uma mais intimamente  
 Na sociedade da camaradagem,  
 Que nos envolva inteiramente de amor  
 Quando nos dedicamos ao canto.

Se a discórdia ameaça nos envolver,  
 Que nos admoeste seu pacífico tremular,  
 Para que nunca vacilemos,  
 Firmes e unidos permanecer.  
 Para que os laços amenos da amizade  
 Nos enleiem cada vez mais,  
 E que os ramos da jovialidade  
 Cresçam alegres na Sociedade.

No horror profundo da floresta,  
 Onde leões e tigres imperam,  
 O homem forjou planícies floridas  
 E promove, cuidadoso, a cultura,  
 Em lugar do sussurrar sinistro das matas  
 Ecoa agora o canto alemão,  
 Os animais selvagens escutam,  
 Temerosos, estes sons raros.

Por isso deixai ecoar os cantos,  
 Para que seu eco ultrapasse as nuvens,  
 E por entre os morros  
 Retombe até o reino celestial.  
 Saudação alemã, ó irmãos de canto,  
 É a voz clara do coração,  
 Que as verdadeiras canções alemãs  
 Ecoem até o trono das estrelas!

Canto fúnebre (Ao falecido (a), para despedida no túmulo)  
 Descasem, pois, suavemente, vós dos quais choramos a ausência,  
 No seio da terra, rumo à ressurreição.  
 E as flores que desabrocham do seu túmulo  
 Nos saúdam do seu lugar de repouso.

As borboletas que aí colhem o mel  
 Trazem-nos saudações e beijo deles.  
 Ó, voai para junto deles e lhes beijai os gélidos lábios,  
 E dizei que é a nossa saudação de amor.

Vós não estais mortos, ó não! Para uma nova vida  
 Em nova forma anseia vosso ser.  
 O pó se dissipa: em busca de nova alegre aspiração,  
 No vasto espaço da natureza plena de divindade.



Canto fúnebre (No túmulo de uma criança)  
 Tremulam suave os ventos,  
 Estremece a natureza,  
 A fragrância suave das flores  
 Extingue-se na campina.

É à sombra da morte  
 Com seu passo de fantasma  
 Que estremece a vida  
 Dos verdes prados.

Encontrou também na campina  
 O talhe do pequeno ser amado,  
 E seguiu suas pegadas,  
 Puxou-o com força para perto de si.

Ela falou: “Trago-te a paz,  
 Vem comigo, sua a morte,  
 Vem comigo, que aqui em baixo ameaçam  
 Muito medo e dor.”

A vista se torvou,  
 A cabecinha pendeu;  
 Apenas pouco tempo se passou  
 E já repousa no túmulo.

#### 4.3.3 A escola de Linha Cecília

A primeira instrução escolar ministrou Frantz Seibt, de 1880 a 1881, a quatro ou cinco crianças. Este senhor teve uma bodega homeopática. Vendeu sua terra mais tarde a Reinold Endler Sênior, natural de Tannwald, Boêmia, e procedente de Santa Clara, Seibt morou em diversos lugares e ganhava seu dinheiro como médico e obstetra. Faleceu com avançada idade de 93 anos, em Rio Novo, junto ao Uruguai (FLORES, 1981).

No ano de 1882 veio um ex-capitão prussiano, H. Muller; lecionou em Santa Emília e Linha Cecília. Como era beberrão e já tivera diversos ataques de *Delirius Tremens*, cessou a aula após três meses. Seguiu-se um certo Naumann, despachado após duas semanas porque se dizia que ele sofria de uma doença séria (FLORES, 1981).

Nessa altura, vizinhos solicitaram a Josef Umann que tomasse a escola sob sua responsabilidade. Como sua filha mais velha atingira idade escolar, Josef lecionou, por um ano para 10 a 12 crianças, pelo preço de 1\$000 mensais por aluno (FLORES, 1981).

Em 1885, também seu filho atingiu idade escolar e Umann, mediante desejo geral, assumiu novamente o compromisso de dar aula a 16 crianças pelos mesmos 1\$000 mensais

*per capita*. O recinto escolar era sua própria casa. Por motivo de doença, teve de parar de lecionar após um ano. Com a renda de uma festa escolar que realizou, adquiriu ele uma biblioteca escolar, que ainda hoje existe em sua maior parte (FLORES, 1981).

Ernest Sholer veio de Karlsberg, Boêmia, em 1º de agosto de 1886. Lecionou em sua casa de 1892 a 1894 a 36 crianças, pelo ordenado mensal de 40\$000, por cinco dias letivos semanais (FLORES, 1981).

Em 1899, por insistência de diversos moradores, Josef Wünsch lecionou em sua própria casa, pelo pagamento de 2\$000 mensais por criança. Em algumas épocas, contava com 12 a 14 alunos apenas, incluindo os próprios filhos (FLORES, 1981).

Por dez anos a escola funcionou na residência do professor até que, em 1909, criada a Sociedade Escolar, se construiu uma escola, para cuja sede Josef Umann doou 200 braças de terra (FLORES, 1981).

Em 1925 o número de alunos subira a 44, de sorte que Fritz Frey se tornou lente auxiliar. A velha construção tornou-se acanhada demais, devendo ser substituída por uma nova, mais ampla. Houve divergência quanto à escolha do local, e, como não se chegava a um acordo, os moradores mais afastados se retiraram da Sociedade Escolar, o que a enfraqueceu e reduziu significativamente o número de alunos (FLORES, 1981).

Desde 1927 Oscar Ruschel lecionou por algum tempo. Recebia vencimento fixo. O pagamento *per capita* subira na proporção da redução do número de alunos, tocando 7\$000 mensais a cada um. Esta quantia, muito elevada, levou a escola a sucumbir (FLORES, 1981).

Algum tempo após apareceu um alemão de nome Heinrich Lammerding, oferecendo seus préstimos como professor. Como, porém, não possuía documentação e sua atitude não inspirasse confiança, foi despachado no segundo dia (FLORES, 1981).

Em 1929 a aula foi ministrada pela Srta. Amália Hermes, e, desde 1931, por Oswaldo Assman; a partir de 1933 lecionou Nicolaus Neumann, e a partir de 1935, Roman Frey, que morava em frente à escola (FLORES, 1981).

A construção pitoresca da nova escola, no topo de uma colina, concluída em 1928, é um ornamento para a picada, atestando seu progresso, bem como o espírito de colaboração dos sócios da Comunidade Escolar. Nela Josef Wünsch lecionou por duas vezes aula noturna, substituído ou Reinhold Umann, que lecionou em português. Este foi substituído algum tempo por Roman Frey (FLORES, 1981).

#### 4.3.4 Sobre a sociedade

Por iniciativa de um pequeno grupo de 25 moradores, a maioria imigrantes, nasceu a Sociedade de Canto Bom Humor em 25 de março de 1896. Sendo uma das primeiras sociedades de canto existentes na redondeza, teve que lutar com grandes dificuldades iniciais, porque os costumes eram bastante rudes e os então ainda esparsos moradores poucos conhecimentos tinham acerca da vida e finalidade de uma sociedade de tal gênero (FLORES, 1981).

Divergências de opinião entre os sócios fizeram com que diversos deles se retirassem, de sorte que a Sociedade, ainda não solidificada, se visse seriamente abalada e enfraquecida. Só a tenaz persistência e o espírito de sacrifício de poucos, os mais idealistas, devemos o fato de a Sociedade emergente não haver sucumbido naqueles primeiros tempos (FLORES, 1981).

Por iniciativa particular de Josef Umann, a Sociedade foi dotada de uma biblioteca, transformando-se em Sociedade de Canto e Leitura. Procurava ele elevar o padrão espiritual e prover o progresso cultural da comunidade mediante a aquisição de bons livros. Em sua maioria, os 400 volumes da biblioteca datam ainda da época da fundação. Compôs também algumas letras que foram musicadas por seu conterrâneo Alois Tschiedel e ainda hoje são cantadas por diversas Sociedades de Canto (FLORES, 1981).

Um ano após a fundação da Sociedade foi comprada uma placa de Tiro ao Alvo e na propriedade de Josef Umann instalada a primeira linha de tiro. Prêmios mensais eram conferidos para os melhores atiradores. Três acertos no centro do alvo não representavam façanha descomunal (FLORES, 1981).

Nove anos após sua fundação, a Sociedade estava desenvolvida a tal ponto que adquiria sua primeira bandeira, ocorrendo a solene inauguração desta a 7 de maio de 1905 (FLORES, 1981).

Desde 1910 os cantores passaram a pagar somente 250 réis mensais e no ano seguinte os sócios acima de 65 anos foram liberados de mensalidade. Em 1917 decidiu-se promover os fundadores a sócios honorários, e a realizar anualmente dois bailes e dois Kränzchen<sup>58</sup> (FLORES, 1981).

---

<sup>58</sup> Kränzchen = de Kranz círculo: “pequenos grupos de senhoras ou senhoritas que se reúnem semanalmente, em rodízio, sem formalidades, em casa de cada uma, para conversarem e ao mesmo tempo fazerem algum trabalho manual” (in: Muller, Telmo Lauro: Colônia Alemã, Porto Alegre, Escola Superior de São Lourenço de Brindes e Universidade de Caxias do Sul/1978, p. 108). FACHEL observou sua existência em Santa Cruz e estudou sua dinâmica (in *I Colóqui de Estudos Teuto Brasileiros*, Porto Alegre, UFRGS/1963, p.311-338). Nada

Como a primeira bandeira tornou-se rota, teve lugar a solene inauguração da substituta, a 19 de junho de 1921. Em 1926, foram adquiridos seringa e soro antiofídico, colocado gratuitamente à disposição dos sócios, e usados com sucesso em diversos casos de mordida de cobra (FLORES, 1981).

Desde 1929, os cantores estão livres de contribuição. Os que cantam há 25 anos, passam a sócios honorários. Em 1932, o coro masculino foi transformado em misto (FLORES, 1981).

Em 1936, decidiu-se que o dia 25 de julho seria celebrado festivamente pela Sociedade, todos os anos (FLORES, 1981).

Em 1924, as Sociedades de Canto e Leitura Bom Humor de Linha Cecília, Filarmônica de Linha Brasil e Concórdia de Maria Madalena formaram uma Liga e decidiram celebrar todos os anos uma festa em comum; seus cantores se auxiliam, em caso de necessidade.

Por volta da mudança do século, diversas jovens fundaram a Sociedade do Jogo da Argolinha e realizaram também um baile. Por causa dos maus tempos de então, ela não sobreviveu. Desde 1933, existe uma Sociedade feminina de Bolão e em 1937, vinte e cinco pessoas fundaram uma Sociedade Carnavalesca, promovendo seu primeiro baile (FLORES, 1981).

---

sabemos dos Krünzchen em Linha Cecília. Provavelmente não foram duradouros, pois são recreação com características mais urbanas que rural.

## 5 DISCUSSÃO

Os alemães contribuíram para o Brasil, desde a sua descoberta influenciando principalmente o sul do país. De acordo com Hugo Umann (2014), em seus relatos, diz haver indícios que de os alemães estavam na expedição de Pedro Álvares Cabral para o Brasil. Foi publicado, na revista da Câmara de Indústria e Comércio Alemanha-Brasil, um artigo pelo historiador Francisco Assis Cintra referindo que se encontra na Embaixada do Brasil, na Alemanha, um documento pesquisado e traduzido para o português, pelo Visconde de Porto Seguro (ELY, 2007). O relato deste documento diz:

Quando Pedro Álvares Cabral, aportou na baía de Porto Seguro, em 22 de abril de 1500, vinham com ele, 35 artilheiro alemães, armados de bombarda e arcabuzes. Eram integrantes de uma unidade militar, instituída em 1489, em Portugal, dotada de privilégios próprios, que participava de todas as grandes viagens de exploração portuguesa.

Nesta expedição estava Bacalareus Johannes conhecido como Mestre João, era ele o assessor científico, médico e astrônomo. Sua carta, ao Rei de Portugal, de 28 de abril de 1500, é a primeira certidão de nascimento do Brasil e o documento mais antigo do País. É anterior a carta de Pedro Vaz de Caminha, enviada em 1º de maio de 1500.

A carta de Mestre João foi encontrada pelo historiador brasileiro-alemão, Franz Adolf Varnhagen, Visconde de Porto Seguro.

Nela estão as primeiras referências escritas em solo brasileiro, sobre o Cruzeiro do Sul, constelação que passaria a orientar os navegadores que se dirigissem por terras brasileiras. Foi pelo Cruzeiro do Sul, que Mestre João orientou a esquadra para a localização das terras da Ilha de Santa Cruz, nome dado ao Brasil na ocasião. Um dos cientistas que orientou Mestre João, provendo-o dos instrumentos necessários, foi o cartógrafo, astrônomo e matemático Martin Behaim, que criou as tabelas náuticas e aprimorou a “balhestilha de Regiomontanus, instrumento de navegação precursor do sextante atual (ELY, 2007, p. 43).

Para o pesquisador Oberacker (1968), ao constatar que o termo Brasil provém da palavra germânica *brasen* (queimar, ficar vermelho), e comparado ao vocábulo português brasa, derivando da alemã *bras* (fogo, carvão incandescente).

Nesta perspectiva, o Brasil teria se consagrado, com base no mapa do cartógrafo alemão, Martin Waldseemüller. A influencia teutônica teria se consagrado com o seu famoso mapa mundial de 1507, que deixou as terras do Novo Continente o nome de América, em homenagem a Américo Vespúcio. Nesse mapa, o nome Brasil aparece como “Terras de santa Cruz”, localizadas ao norte da América do Sul e com um rio, denominado “Rio do Brasil”, desenhando entre o Monte Pascoal e o Porto Seguro, locais históricos do descobrimento (ELY, 2007).

No tempo do império, antes de começar a imigração, a maior parte das terras cobertas de mata era propriedade do Governo, enquanto a terra do campo havia cedido aos portugueses (RAMBO, 1924).

Tendo em vista que o Brasil precisava ocupar a Região Sul, pouco explorada até o século XIX, devido à dificuldade de acesso, sobretudo pelo litoral, a região próxima às colônias espanholas corria risco de ser invadida pelos castelhanos (KUHN, 2010).

A Imperatriz do Brasil Leopoldina von Habsburg era descendente de alemães. Pela experiência vivenciada em dezenas de conflitos, revoluções e guerras na Europa; o povo de descendência germânica seria ideal para proteger as fronteiras brasileiras; sendo que esta etnia também era voltada para a área militar. Desde a época das Cruzadas, eram vistos como os membros soldados e cavaleiros pela sua valentia e determinação. (GUTFREIND, 1988). Flores (2014), com seus relatos complementa, dizendo que os Boêmios eram um povo alegre e trabalhador... Trabalhavam com a perfeição.

Dom Pedro I e a arquiduquesa austríaca Dona Leopoldina não mediram esforços para trazer os imigrantes alemães, pois o Governo brasileiro oferecia: passagem paga; concessão de cidadania; doação de lotes de terras livres e desimpedidos, no início da imigração, pois, depois, com o tempo, oferecia para pagar em um prazo irrisório; suprimento com as primeiras necessidades; materiais de trabalho e animais; isenção de impostos por alguns anos; liberdade de culto; professores para as crianças. (KUHN, 2010; ROCHE, 1969).

Com estas promessas, Josef Umann, desanimado com sua situação econômica na Europa, em razão das várias crises enfrentadas, em que ele próprio diz que não tinha mais esperanças. E de acordo com os relatos em 2014 de Hilda Flores, Hugo Umann e Nilda Umann, estas inúmeras vantagens oferecidas pelo Governo imperial Brasileiro, para uma pessoa sem esperança, era uma ótima oportunidade de recomeço. Trocava dois hectares de lá por 25, colhia-se um saco de batatas na Boêmia e aqui plantava-se um e na colheita teriam dez. O inverno europeu castigava durante meio ano, sobravam somente dois meses para descongelar a neve e o restante para cultivar. As famílias numerosas da época não conseguiam se sustentar, com apenas dois hectares dos lotes coloniais que eram e são ainda hoje.

As vantagens oferecidas eram atrativas e Dom Pedro contratou o major Anton von Schaefer, que se tornou o designado de fazer a propaganda do Brasil na Alemanha e de trazer os emigrantes para o sul do País. No começo, Schaefer trouxe militar, pois ganhava do império por cabeça para trazer, depois colonos. O povo alemão perdia o excesso populacional que não conseguia manter suas famílias e aqui se tornavam proprietários de muitas terras, teriam um futuro melhor para seus descendentes (KUHN, 2010). Para Flores, (2004) os boêmios vieram como colonos, coisa que não eram, tinham pequenas propriedades, trabalhavam na indústria de vidro (cristais da Boêmia) e tecelões que sabiam fazer serviços

delicados e saíram com o passaporte como colonos. Podemos verificar na imagem 59 do passaporte de Josef Umann, assinado pelo Barão de Paraguassu em 1877.

Por isso, desde 1824, a maioria da Colônia foi implantada pelo Governo imperial. Eram colônias imperiais, como dissemos anteriormente. O Governo provincial recebeu do Governo imperial extinções maiores de terra com a finalidade de coloniza-las. Desta maneira surgiram as colônias de Santa Cruz, Santo Ângelo, Monte Alverne, São Feliciano e Nova Petrópolis nas décadas de 1849-1889 (RAMBO, 1924). É o que demonstra a imagem Imagem 57: Página registro lote 3 pertencente a Josef Umann do livro de Carlos Trein Filho, que estava averiguando e registrando os lotes pertencentes aos imigrantes.

Passaram muitas dificuldades nos primeiros tempos como relata Josef, na autobiografia. A mata era densa, tinham que desmatar, não sabia que deveriam esperar depois da queimada um tempo para plantar, aravam a terra não se sabe com que tamanho esforço para retirar os insumos e a terra queimada. Flores em 2014, na sua fala complementa que eles queriam na verdade deixá-la, o mais perfeito possível.

Vogt (2004) interpreta que o despreparo de lidar com a floresta, o descumprimento de promessas por parte do Governo provincial, a falta de recursos financeiros, ausência de ferramentas de trabalho e alimentação precária, o abandono e o isolamento que sentiam quando largados em frente ao seu inculto e inexplorado lote, tudo isso desesperou muitos dos recém-chegados. O sentimento de saudades das pessoas e das coisas da terra natal aflorava diante das adversidades. Não havia a possibilidade de regresso, em função das precárias condições materiais de existência dos imigrantes e trabalhar era a alternativa possível.

Josef (1937), neste sentido, comenta que as dificuldades eram muitas, pois estavam isolados, o acesso era difícil para fazer acabar os produtos agrícolas. Para isso todas as famílias dedicavam em torno de dez dias no ano para conservar as estradas. Os governantes pareciam que não tinham preocupação com a manutenção dos caminhos e as colônias iam aumentando o seu desenvolvimento e suas necessidades (VOGT, 2004).

Isolados geograficamente e à medida que os seus descendentes iam crescendo e levando em consideração este fato, os imigrantes começaram a se reunir para solucionar o fator do ensino, porque, o Governo pouco tinha interesse em atender o requisito prometido de educação (KUHN, 2010). Neste sentido, relata Josef, em 1937, que se reuniam e montavam as escolas, inicialmente, nas casas. Sendo que, como os filhos dele já se encontravam em idade escolar, a comunidade elegeu-o para ministrar aulas.



Sendo um dos problemas mais graves que os imigrantes, seus descendentes e o governo tiveram que enfrentar foi o ensino. Da indiferença ou talvez incapacidade do poder público, o isolamento que foram reduzidos os colonos com suas famílias representou, por certo, empecilho deveras respeitável no processamento da alfabetização dos descendentes e dos próprios pioneiros ante a ausência de professores para ministrar do vernáculo. Para esta missão os dirigentes públicos não dispunha de pessoal adequado, capaz de ensinar o português desconhecendo o alemão. (MORAES, 1981,p. 100).

Flores (2004) e Moacir Flores, com seu enfoque em 2014, diz em que eram sempre escolhidos dentro da comunidade aquele que seria o mais culto, ético, respeitoso na comunidade para ser o professor. Josef, por sua vez, foi escolhido por três vezes, e teve fundamental importância na comunidade de Linha Cecília, pois doou o terreno para a Escola 25 de Junho, organizou rifas para compra de livros. Na imagem 29 deste estudo, temos o modelo de livro que era usado na época de Josef para ensinar na escola, comprado com muita dificuldade pelos imigrantes, livro este bastante didático.

Nem tudo eram flores. Como o Rio Grande do Sul foi colonizado por diversas regiões da Alemanha o dialeto era um pouco diferente um do outro, dificultando a comunicação. Com os resquícios da Primeira Guerra e com a Segunda, ainda veio o preconceito em relação aos alemães. Hugo Umann (2014) falou que seu pai Alfred e seu avô Josef foram quase presos em Porto Alegre, quando foram comprar livros, por falar o idioma alemão.

Por isso, o Governo brasileiro tomou medidas muito mais amplas e mais severas que durante a Guerra de 1914-1918, antes mesmo de estabelecida a de 1939, em que o Brasil se posta do lado dos Aliados, contra a Alemanha, em 1942. A repercussão foi mais intensa nas cidades, mas os colonos ficaram magoados de serem tratados não tanto como estrangeiros senão como cidadãos suspeitos, não obstante a sua lealdade. Não tiveram outra preocupação além da conservação do fruto do seu trabalho e do próprio esquecimento em suas colônias (ROCHE, 1969).

Observe-se o conteúdo destas palavras do Duque de Caxias, quando à testa da Província e em ofício ao conselheiro Araujo Viana, Ministro do Império:

Os colonos reclamam ardentemente ser reconhecidos como cidadãos brasileiros, conforme o tratado com eles feito e o que se entristecem com a lembrança do governo imperial concedesse o título de nossa nacionalidade aos colonos, entretanto, que eles, antigos, prestantes e cheios de filhos, que servem ao país, que vio nascer, estão privados deste gozo. (TRUDA 1930, p. 133).

O título eleitoral de Josef foi concedido pelo Estado do Rio Grande do Sul de acordo com a imagem 62 deste estudo, no ano de 1907. Josef Umann, ganhou sua cidadania,

apenas, conforme a imagem 61, com o documento de fé pública que declara como Cidadão Brasileiro no ano de 1917, sendo que este já era eleitor, o que mostra a precariedade e a falta de consideração para estes imigrantes por parte dos governantes.

Para Ely (2007), os aspectos linguísticos apontam para os perigos que os alemães e de seus descendentes representaram para o idioma pátrio o português. Quanto às mazelas políticas apontadas contra a população de origem alemã, estas vão desde as acusações em relação aos famosos “quistos éticos” pelos quais a colonização alemã seria responsável, passando pela denúncia do total desinteresse pela política e pela cidadania dessas populações, para chegar ao perigo imperialista que isso tudo significaria. A expressão “quinta-coluna” surgiu e se difundiu durante a Segunda Guerra Mundial, mas a ideia central dessa expressão existe desde, no mínimo, a segunda metade do século XIX, e significa que a população de origem alemã poderia ter-se constituído em “cabeça de ponte” para uma invasão do Brasil por parte da Alemanha e sua transformação em colônia - é o famoso “perigo alemão”.

A assim chamada nacionalização, de 1920 em diante, foi justificada pelo governo gaúcho exatamente com o argumento de que aqui havia núcleos de população brasileira que nada sabiam nada da própria Pátria, e que não podiam compreender os anseios da alma brasileira. Nessa frase, está claramente reproduzindo a opinião dominante entre a população e as autoridades da época. As populações das regiões de colonização alemã seriam constituídas de cidadãos brasileiros por definição jurídica, os quais, no entanto, não saberiam absolutamente nada do Brasil, estariam totalmente deslocados, só pensariam na Alemanha (ELY, 2007).

O Município de Venâncio Aires –RS foi colonizado por imigrantes alemães, a partir de 1854. A maior era de imigrantes, que vieram para VA, boêmios. Estes imigrantes saíram do antigo império Áusto-Hungaro, atuais Sudetos Tchecos, na segunda metade do século XIX. Os boêmios caracterizavam-se, na Europa, por serem católicos e por trabalharem na indústria de vidro. No RS, o isolamento geográfico, econômico e cultural fez com que os imigrantes e seus descendentes cultivassem valores dos seus ancestrais.

Neste ponto, Josef se declara sem religião e constata-se pelo cadastro de Carlos Trein Filho, no quesito religião, este nulo. De acordo com relatos do próprio imigrante ele mesmo diz que acredita em Deus, mas deixou de herança cultural para seus descendentes, como não eram católicos e nem evangélicos, teriam que ser os mais corretos possíveis, pois não possuíam padre nem pastor para perdoar seus pecados.

Hilda e Moacir (2014) acreditam que ele seria um católico agnóstico, aquele que argumenta que a existência de Deus não pode ser provada ou deixar de ser provada, que é

impossível saber se Deus existe. Neste conceito, o agnosticismo está certo. A existência de Deus não pode ser provada ou deixar de ser provada empiricamente.

O tipo de moradia que chamamos de Chamel também foi baseada nas moradias destes imigrantes aqui no interior do Município de Venancio-Aires. A casa de Josef Umann era desta forma, infelizmente foi demolida pelos seus bisnetos para a construção de outra, o que este demonstrado na imagem 16 deste trabalho a casa antiga de Josef. Flores (2014) relata:

*Este costume vem da Europa eles o reproduziram aqui. As casas eram como as que vimos na Europa. Porque cada um reproduz o que conhece e faz o que sabe. Se existiam as casas estilo Chamel na Europa pensavam em fazer aqui a mesma, o que sabiam fazer. E as madeiras, para não levar um tronco inteiro para casa, eram divididas ainda no mato, tipo com uma serra grande, que era usada aqui no Brasil, no tempo colonial. Um ficava no alto manejando e outro embaixo no solo. Eles serravam de um lado para outro formando as tábuas. Naquela época não havia serralheria. O estilo Chamel de moradia: Fazia primeiro a cozinha separada por um vão de um a dois metros e posicionada ao lado da casa. Na cozinha tinha inicialmente aquele fogão comprido de chapa onde colocavam toras inteiras e levavam a noite inteira esquentando e aquilo, eventualmente, poderia dar em incêndio. Poderia queimar a cozinha, mas salvaria a casa que era sala e dormitórios. Quando veio o fogão Berta de um dos imigrantes aí terminou o perigo usavam hastes de lenha menor, que ia para dentro do fogão. Aí, a partir daí, uniram a casa com a cozinha formando um telhado um corredor aberto, que no verão corria uma brisa. Quando a família crescia muito, lá no fundo faziam um quarto, um dormitório.*

Uma característica das regiões colonizadas por alemães foi a tendência da população a se unir em sociedades ou associações com fins econômicos, esportivos, recreativos, culturais, beneficentes e de socorro mútuo. O trabalho associativo acontecia durante o dia a dia da comunidade: no labor conjunto nas estradas que tiveram de ser abertas ou selvadas, na construção e na manutenção de escolas, nas questões religiosas e na criação e organização de espaços de entretenimento, cultura e lazer nas colônias (VOGT, 2004).

Flores (1983) salienta que criar sociedade era a preservação da sua cultura, de seus costumes e Josef participou até o fim da sua vida em duas sociedades. A imagem 17, foto Sociedade de Canto e Jovialidade *Frohsinn* de Linha Alto Sampaio da época da sua fundação em 1892, que até hoje conserva os costumes trazidos pelos alemães e ainda possui uma biblioteca com livros salvos pelos sócios durante a Segunda Guerra Mundial, conforme imagem 70. Nesta sociedade, o imigrante boêmio recebeu o Certificado de Sócio-Honorário conferido a Josef Umann pelos seus préstimos.

A outra, Sociedade Cultural Bom Humor, teve como um dos seus fundadores Josef Umann, em 1896- imagem 74, foto do prédio de Sociedade Cultural Bom Humor. Esta porém encontrei em péssimo estado de conservação de sua biblioteca, com livros raros, ainda

da época dos primeiros imigrantes imagem 76. A preservação de uma sociedade depende de valores e costumes preservados para resgatar a sua memória.

Uma imagem significativa que mostrava como os imigrantes alemães queriam se familiarizar com a cultura brasileira é publicada no próprio jornal, comemorativo do centenário de Linha Cecília, em 1977 imagem 54. Demonstra os imigrantes vestidos de índio em frente à placa comemorativa, com os nomes dos dez primeiros imigrantes. Josef consta como o terceiro chegaram três imigrantes juntos na mesma época.

Uma tendência em pesquisa durante os tempos referente à análise visual com intuítos históricos, documentais, teóricos e práticos com o uso da abordagem da imagem em pesquisa qualitativa se torna um importante aporte teórico, a pois, cada vez mais, com o avanço midiático e a facilidade de coleta de dados visuais em pesquisa, se transformam uma fonte de pesquisa social e autobiográfica. Uma simples imagem pode ser rica em dados, gerando uma compreensão em vários aspectos ou muitas vezes uma descrição detalhada de um documento ou imagem (BANKS, 2009).

Este estudo foi desenvolvido com o intuito de fornecer caráter histórico e viabilizar a importância de Josef Umann na comunidade de Linha Cecília, e seus achados serão publicados em um livro, posteriormente, é devolvido para a comunidade de Venâncio Aires-RS.

## 6 REFLEXÕES CONCLUSIVAS

Deixar a terra natal, para Josef, abandonar os costumes e buscar a sobrevivência em um lugar desconhecido, com todos os riscos e implicações de uma decisão desse tipo, exigiram razões suficientemente fortes para esta decisão. Os imigrantes que chegaram ao Brasil são principalmente pobres, e o fazem quando sua vida tradicional se torna difícil ou impossível. Juntam então seus últimos recursos, vendem seus pertences e partem em busca de um lugar onde supõem poderem encontrar melhores condições de vida.

O tema da imigração no Brasil já foi muito discutido, entretanto, permear o processo de integração na cultura, educação e identidade do povo “brasileiro” ainda merece ser uma singular fonte de estudos e pesquisa. Para compreender a etnia do povo brasileiro, é necessário que se estudem, histórica antropologicamente, as raízes culturais, étnicas e sociais da formação do País.

Também devemos, neste momento, valorizar os sujeitos históricos. Muitos não possuem a devida valorização dentro a sociedade brasileira e salientamos, com tristeza, que Josef, apesar de influenciar na comunidade de Linha Cecília, não possui nenhuma rua com o seu nome na cidade e muito menos peças museológicas no Núcleo de Cultura de Venâncio-Aires, e, para que isto acontecesse, deveria retornar as peças museológicas que estão de posse no Museu Maua de Santa Cruz do Sul.

## REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultura, 1987.
- ALBERT, V. **História dentro da história**. In: PINSKY, C. B. (Org.). Fontes históricas. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- ALBERT, V. **O fascínio do vivido, ou o que atrai na história oral**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2003.
- ANGELICA, Jade Christine. **A moral emergency: Breaking the Cycle of Child Sexual abuse**. [S.l.]: Rowman & Littlefield, 1993. p. 66.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- AZEVEDO, M. **Comunidades eclesiais de base e inculturação da fé**. São Paulo: Loyola, 1986.
- BAENINGER, Rosana (Org.). **Imigração Boliviana no Brasil**. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp, 2012.
- BAGANHA, Maria Ioannis. Política de imigração: a regulação dos fluxos. **Revista Crítica de Ciências Sociais.**, Coimbra, v. 73, p. 29-44, dez. 2005.
- BANKS, M. **Dados visuais para pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.
- BARROS, A. J. P.; LEHFELD N. A. S. **Projeto de pesquisa: propostas metodológicas**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- BERTONHA, João Fábio. O Brasil, os imigrantes italianos e a política externa fascista, 1922-1943. **Rev. Bras. Polít. Int.**, Campinas, v. 40, n. 2, p. 106-130, 1997.
- BÍBLIA. V. T. **Bíblia de referência**. Português. São Paulo: Vida, 1995.
- BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/19394.htm)>. Acesso em: 20 mar. 2014.
- BRAUM, Felipe Kuhn. **História da imigração alemã no sul do Brasil**. Porto Alegre: Costoli Soluções Gráficas, 2010.
- CEDO, Marcelo. Pesquisa social e fontes orais: particularidades da entrevista como procedimento metodológico quantitativo. **Rev. Perspectivas Sociais**, Pelotas, ano 1, n. 1, p. 125-135, mar. 2011.

COLOGNESE, Silvio Antônio; MELO, José Luiz Bica. A técnica de entrevista na pesquisa social. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, p. 143-159, 1998.

CUNHA, Jorge Luiz da. **Cultura Alemã 180 anos**. Porto Alegre: Nova Prova, 2004.

DE BONI, Luiz A.; COSTA, Rovílio. **Os italianos no Rio Grande do Sul**. 2. ed. Porto Alegre: Vozes, 1982.

ECHER, Isabel Cristina. A revisão de literatura na construção do trabalho científico. **Rev. Gaúcha Enfermagem**, Porto Alegre, v.22, n.2, p.5-20, jul. 2001.

ELY, Nilza Huyer. **Arroio do Sal: marcas do tempo**. Porto Alegre: EST, 2007.

FARIA, Ernesto. **Dicionário Escolar Latino-português**. São Paulo: Fename, 1975.

FERREIRA, M. M.; AMADO, J. **Usos & Abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

FIALHO, L. M. F.; CASTRO, E. S.; SILVA JÚNIOR, R. da. **Teologia, história e educação na Contemporaneidade**. Fortaleza: EdUECE, 2014.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. São Paulo: Artmed, 2009. Obra original publicada em 1995.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. **Memória de um imigrante boêmio: Josef Umann**. Introdução, tradução e notas de Hilda Agnes Hübner Flores. Porto Alegre: EST/EDUCS, 1981.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. **Canção dos imigrantes**. Porto Alegre: EST/EDUCS, 1983.

FLORES, Hilda Agnes Hübner (Org.). **Círculo de Pesquisas Literárias: vidas e costumes**. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1994.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. **História da Imigração Alemã no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST Edições, 2004.

FREITAS, Sônia Maria de. **E chegam os imigrantes. O café e a imigração em São Paulo**. São Paulo: Edição da autora, 1999.

GUTFREIND, Ieda. **Historiografia rio-grandense**. 2ª ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998.

HUBER, V. **Saudade e esperança: o dualismo do imigrante alemão refletido em sua literatura**. Blumenau, FURB, 1993.

HUNSCHE, Carlos Henrique; ASTOLFI Maria. **O Quadriênio 1827-1830 da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: G & W, 2004.

KURY, Adriano da Gama. **Minidicionário da língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: FTD, 2007.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

LESSA, D. **Segunda Guerra Mundial**: as restrições enfrentadas por estrangeiros que viviam no Brasil - Bloco 2. [S.l.], 2011. Disponível em: <<http://goo.gl/eFdHN4>>. Acessado em: 27 de maio de 2014.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1996.

LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. *In*: DEL PRIORE, M. (Org.). **Historia das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

LOZANO, J. E. A. Práticas e estilo de pesquisa na história oral contemporânea. *In*: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (Coord.). **Usos & Abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

MAY, Tim. **Pesquisa Social**: questões, métodos e processos. 3. ed. Trad. Carlos A. Silveira. Porto alegre: Artmed, 2004.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História Oral**: Como fazer como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

MEIHY, J. C. S. B.; RIBEIRO, S.L.S. **Guia prático da história oral**. São Paulo, Contexto, 2011.

MINAYO, M. C. S. **O Desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

MORAES, Carlos de Souza. **O colono alemão**: uma experiência vitoriosa a partir de São Leopoldo. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1981.

OBERACKER JR., Carlos H. **A Contribuição Teuta à Formação da Nação Brasileira**. São Paulo: Presença, 1968.

PEIXOTO, Afrânio. **História do Brasil**. São Paulo: Editora Nacional, 1944.

PIRES, Rui Pedro Pena. **Migrações e integração**: teoria e aplicações à sociedade portuguesa. Oeiras: Celta Editora, 2003.

PUJADAS, J.J. “**Método biográfico**: el uso de las historias de vida em ciencias sociales”. Madrid: Centro de Investigações Sociológicas – CIS, 1992.

RAMBO, Arthur Blasio. **Cem anos de germanidade no RGS: 1824-1924**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1999.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RICOUER, Paul. A memória, a história, o esquecimento. 3. ed. São Paulo: Editora Unicamp, 2010.



- ROCHE, Jean. **A colonização Alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969.
- ROCHE, Jean. **A colonização Alemã no Rio Grande do Sul II**. Porto Alegre: Globo, 1969.
- SCHULTZ, A. **Equality and the social meaning structure**: Collected papers II. Haia: Martins Nijhoff, 1964.
- SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e identidade étnica**. Florianópolis, Fundação Catarinense de Cultura, 1981.
- SEYFERTH, Giralda. Colonização, ...imigração e a questão racial no Brasil... **Revista USP**, São Paulo, n. 53, p. 117-149, 2002.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- TRENTINI, M.; PAIM, L. **Pesquisa em Enfermagem**: uma modalidade convergente-assistencial. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.
- TRUDA, F. **A Colonização Alemã no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Tip. Centro, 1930.
- TURATO, E. R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- TYLOR, Edward-Burnett. **Primitive culture**: researches into the development of mythology, philosophy, religion, art, and custom. London: J. Murray, 1871.
- VASCONCELOS, J.G.; MOTA, B.G.N.; BRANDENBURG, C. (Org). **Filosofia, cultura e educação**. Fortaleza: Edições UFC, 2014.
- VILAÇA, Helena. **Imigração, etnicidade e religião**: o papel das comunidades religiosas na integração dos imigrantes da Europa de Leste. Portugal: Edições Paulinas, 2008.
- VOGT, Olgário Paulo. **Abrindo o Baú de memórias**. Santa Cruz do sul: EDUNISC, 2004.
- UMANN, J. **Lebenslauf don Josef Umann und zugleich Entmicklungsgefchichte der Linha Cecília Mun. Venâncio Aires**. Santa Cruz do Sul: Lamberts & Riedel, 1937.
- WAIBEL, Leo. **Capítulos de Geografia Tropical e do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 1958.
- WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 13. ed. São Paulo: Pioneira, 1999.